



Universidade de Brasília
Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas
Públicas
Departamento de Gestão de Políticas Públicas

GRAZIELLY CONCEIÇÃO LIMA

**PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PÚBLICO EM
POLÍTICAS PÚBLICAS: O CASO DA ESTRUTURAL DE
BRASÍLIA**

Brasília – DF
2019

GRAZIELLY CONCEIÇÃO LIMA

**PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PÚBLICO EM
POLÍTICAS PÚBLICAS: O CASO DA ESTRUTURAL DE
BRASÍLIA**

Monografia apresentada ao
Departamento de Gestão de
Políticas Públicas como requisito
parcial à obtenção do título de
Bacharel em Gestão de Políticas
Públicas.

Professor Orientador: Rosana de
Freitas Boullosa

Brasília – DF

2019

GRAZIELLY CONCEIÇÃO LIMA

**PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PÚBLICO EM
POLÍTICAS PÚBLICAS: O CASO DA ESTRUTURAL DE
BRASÍLIA**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília do (a) aluno (a)

GRAZIELLY CONCEIÇÃO LIMA

Doutora Rosana de Freitas Boullosa

Professor-Orientador

Doutora Ana Paula Antunes Martins

Professor-Examinador 1

Brasília, 05 de dezembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força que tive em um caminho, que muitas vezes foi tão árduo e solitário.

Agradeço aos meus pais Elieci e Sinvaldo por todo amor e apoio que tive durante a graduação e na produção desta pesquisa.

Agradeço a todos os meus amigos do curso, em especial Jéssica Facundo e Victória Argeu por nunca terem soltado a minha mão desde o primeiro ao último dia da graduação, por todas as conversas, risadas e choros.

Agradeço a Karina Roma pela amizade, carinho e força nesses últimos meses, por ter acreditado em mim até mesmo quando eu deixei de acreditar.

Ao querido Avanoil Junior Reis por ter sido meu anjo da guarda e ter dedicado seu tempo ao me ouvir, mesmo estando tão longe.

Agradeço minha orientadora Dra Rosana de Freitas Boullosa pela paciência e orientação nesse processo.

Agradeço ao professor José Castilho de matemática 1 do campus de Planaltina pelas aulas e pelo SS na disciplina, sem ele seria impossível me formar.

Agradeço a empresa Júnior Publicae do curso de Gestão de Políticas Públicas pela experiência, pelo aprendizado e pelas pessoas incríveis que conheci.

A atlética Burocratas pelos momentos bons de distração e de muitas risadas.

Agradeço as associações e ao administrador da cidade Estrutural pela receptividade e concessão das entrevistas.

E por fim, agradeço a mim mesma por não ter desistido e conseguido chegar até aqui.

Ao meu pai por ter me ensinado a amar os livros
e minha mãe por ter me ensinado a amar as
pessoas.

RESUMO

Este trabalho foi realizado sobre a cidade Estrutural de Brasília buscou problematizar e modelizar o processo de construção de público, ou seja, de publicização, no contexto de produção de políticas públicas. A pesquisa mostrou o histórico da Estrutural, toda a sua trajetória e tentativa de organização como um ator político dentro da cidade, formado por grupos, novas associações, organizações e coletivos. Estas primeiras organizações tinham como escopo principal lidar com o poder público, sobretudo diante das tentativas de remoção, particularmente nos anos 90. Por terem, inicialmente, foco principal no diálogo com o governo, estas pouco procuravam se articularem entre si, mas este começo foi fundamental para que as novas organizações se multiplicassem, mesmo que de maneira não articulada, muito menos orquestrada. Este trabalho foi realizado à luz do pragmatismo estudado no grupo de pesquisa Mirada ao Revés – Processos de Inovação e Aprendizagem em Políticas Públicas e Gestão Social, onde ontologicamente, compreende-se que as políticas públicas são olhadas como fluxos de experiências públicas a partir de uma abordagem sociocêntrica. Analiticamente, as categorias que compõem este plano são: *multiatorialidade*, problemas públicos, formação de público, deontologicamente de onde eu olho as políticas públicas. Metodologicamente, parte de uma não naturalização dos processos e do conhecimento produzido seguindo um caminho de múltiplos instrumentos e por fim, empiricamente, assume-se como materiais de pesquisa as práticas, a observação, interação entre os atores, múltiplas gramáticas que são modeladas em arenas arquitetadas em torno de problemas públicos não orquestrados. A pesquisa constou com o mapeamento de associações, grupos e coletivos. A análise feita através de entrevistas, análise bibliográfica, visita de campo. Dentre os resultados destacados, a fragmentação do tecido social, pois ao mesmo tempo em que há presença de muitas organizações, elas ainda não estabeleceram relação de confiança e reciprocidade, ocasionando uma baixa fertilidade nessas organizações, dificultando o desenvolvimento social da comunidade.

Palavras-chave: Associações. Multiatorialidade. Tecido Social.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. A Singularidade da Mirada ao Revés.	19
2. Quadro Interpretativo.....	40
3. Quadro Interpretativo Associação Mãos que Criam	41
4. Mapa das regiões administrativas do DF.....	43
5. Localização da Estrutural.	48
6. Limites Ambientais e Administrativos.	49
7. Histórico de ocupação.	49
8. Distribuição de Chefe de Família conforme sexo.	50
9. Mercado de Trabalho.....	51
10. Escolaridade.	51
11. Renda Familiar	52
12. Conhece Associação de Moradores?	52
13. Participa de Reunião.	53
14. Gráfico de Relação entre as organizações.	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Matriz de Análise	33
Tabela 2 – Objetivos Específicos.....	36
Tabela 3 – Roteiro de Entrevista Semi Estruturada – Associações.....	38
Tabela 4 – Roteiro de Entrevista Semi Estruturada – Administrador Regional.....	39
Tabela 5 – Quadro de Base Jurídica	46
Tabela 6 – Grupos Mapeados e Trabalhados	54
Tabela 7 – Tabela de Afinidade entre Associações	65
Tabela 8 – Grupos Dispersos	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CODEPLAN - Companhia de Planejamento do Distrito Federal

CODHAB - Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal

CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica

CUT - Central Única dos Trabalhadores

CRAS - Centro de Referência da Assistência Social

CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social

GDF - Governo do Distrito Federal

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

INESC - Instituto de Estudos Socioeconômicos

ONG – Organização Não Governamental

PDAD - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios

SEDEST - Secretaria de Estado do Trabalho, Desenvolvimento Social

SCIA - Setor Complementar de Indústria e Abastecimento

SEJUS – Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania

REDE - Rede Social da Estrutural

UNB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1. PUBLICIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO.....	20
2.2. PROBLEMAS PÚBLICOS	20
2.3. O OLHAR PRAGMÁTICO	22
2.4. <i>MULTIATORALIDADE: ATORES PROTAGONISTAS NA VIDA PÚBLICA</i>	23
2.5. GRAMÁTICA DE JUSTIFICAÇÃO	24
2.6. COLETIVIDADE E DEMOCRACIA.....	26
3. DO MÉTODO	28
3.1. SOBRE A NATUREZA DE PESQUISA	29
3.2. POSIÇÃO DA PESQUISADORA.....	29
3.3. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS	30
3.4. MATRIZ DE ANÁLISE	33
3.5. DOS INSTRUMENTOS	35
4. CONHECENDO UM POUCO DA ESTRUTURAL	41
5. ANÁLISE DO CASO	54
5.1. GRUPOS MAPEADOS E GRUPOS TRABALHADOS	54
5.2. PROBLEMATIZAÇÃO O GRAU DE PRESENÇA “INDIVIDUAL” DAS ORGANIZAÇÕES.....	55
5.3. PROBLEMATIZAÇÃO DO BAIXO GRAU DE ARTICULAÇÃO ENTRE AS ASSOCIAÇÕES	55
5.4. SOBRE OS GRUPOS TRABALHADOS.....	57

5.5. SOBRE A RELAÇÃO ENTRE OS GRUPOS.....	64
6. DISCUTINDO O TECIDO SOCIAL.....	66
6.1. LÓGICA DE FORMAÇÃO DE GRUPOS.....	67
6.2. DENSIDADE E VISCOSIDADE DO TECIDO SOCIAL DA ESTRUTURAL: PODEMOS FALAR EM <i>MULTIATORIALIDADE</i> ?	68
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICES	76
APÊNDICE A – ENTREVISTA - ASSOCIAÇÃO MÃOS QUE CRIAM.....	76
APÊNDICE B – ENTREVISTA – ASSOCIAÇÃO VIVER.....	81
APÊNDICE C – ENTREVISTA - ASSOCIAÇÃO ALECRIM	85
APÊNDICE D – ENTREVISTA - ASSOCIAÇÃO SEMEANDO A ESPERANÇA ...	90
APÊNDICE E – ENTREVISTA - MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA ESTRUTURAL	94
APÊNDICE F – ENTREVISTA - COLETIVO DA CIDADE.....	100
APÊNDICE G – ENTREVISTA - RECICLANDO SONS	105
APÊNDICE H – ENTREVISTA - INSTITUTO SUPERAR.....	108
APÊNDICE I – ENTREVISTA - ASSOCIAÇÃO FRANCISCO DE ASSIS	114
APÊNDICE J – ENTREVISTA - ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO SCIA E DA ESTRUTURAL	117
APÊNDICE K – QUADRO INTERPRETATIVO - ASSOCIAÇÃO MÃOS QUE CRIAM	123
APÊNDICE L – QUADRO INTERPRETATIVO - ASSOCIAÇÃO VIVER.....	124
APÊNDICE M – QUADRO INTERPRETATIVO - ASSOCIAÇÃO ALECRIM.....	125

APÊNDICE N – QUADRO INTERPRETATIVO - ASSOCIAÇÃO SEMEANDO A ESPERANÇA	126
APÊNDICE O – QUADRO INTERPRETATIVO - ENTREVISTA - MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA ESTRUTURAL	127
APÊNDICE P – QUADRO INTERPRETATIVO - COLETIVO DA CIDADE	128
APÊNDICE Q - QUADRO INTERPRETATIVO - RECICLANDO SONS.....	129
APÊNDICE R - QUADRO INTERPRETATIVO - INSTITUTO SUPERAR	130
APÊNDICE S - QUADRO INTERPRETATIVO - ASSOCIAÇÃO FRANCISCO DE ASSIS.....	131

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa busca problematizar e modelizar o processo de construção de público, ou seja, de publicização, na cidade Estrutural de Brasília, no contexto de produção de políticas públicas. A Estrutural teve início nos anos 60 e rapidamente começou a tentar se organizar como um ator político dentro da cidade, por meio de um conjunto pequeno, mas plural, de novas associações, organizações e coletivos. Estas primeiras organizações tinham como escopo principal lidar com o poder público, sobretudo diante das tentativas de remoção, particularmente nos anos 90. Por terem, inicialmente, foco principal no diálogo com o governo, estas pouco procuravam se articular entre si, mas este começo foi fundamental para que as novas organizações de multiplicassem, mesmo que de maneira não articulada, muito menos orquestrada.

Os processos de publicização ainda não foram objeto consistente de estudo dentro do campo de políticas públicas, não obstante terem já sido de alguma maneira na sociologia pragmática francesa, com um escopo diferente, mais descritivo e sem considerar frontalmente a dimensão política ou pública de tais processos. Este trabalho tem como objetivo assumir tais processos de publicização como objeto de estudo e, para isto, acolhe o caso da Estrutural como campo empírico.

Estes meus interesses contrastam um pouco com as visões mais *mainstream*¹ dos estudos em políticas públicas. Ao longo da trajetória acadêmica em gestão de políticas públicas, é notável que os atores de governo são previamente definidos como público. Essa massa crítica que vai sendo formada, e assim nasce a necessidade de olhar outros processos. Este trabalho busca ajudar a preencher esta lacuna dentro dos estudos crítico s incorporado na Mirada ao Revés a fim de entender como os públicos mais marginalizados dentro dos fluxos de políticas públicas se formam e se relacionam com os atores, ou a parte do público que é mais facilmente assumida como tal.

De fato, há diferentes modos de compreendermos o que são políticas públicas e, mais ainda, o que chamamos de gestão de políticas públicas. O caminho escolhido irá determinar muitos dos aspectos que conduzirão os estudos sobre as mesmas, inclusive na própria definição do objeto, da sua natureza e das suas

¹ Corrente principal ou fluxo principal.

fronteiras. A partir destas escolhas, por exemplo, nos depararemos com a noção de ator ou de conjunto de atores, pois eles podem ser considerados como aqueles que assumem uma posição como forma de desenhadores ou gestores das políticas públicas, até chegar ao público mais amplo. Tudo isto a depender do caminho ou de escola, abordagem e teoria que assumimos. E cada um deles só encontra validade ou carrega consigo específicos quadros de valores. Assim, fazendo o caminho inverso, se quisermos compreender quadros de atores mais amplos, sobretudo dando ênfase àqueles processos iniciais de formação de públicos para problemas que também virão a tornar-se públicos, devemos buscar aportes ontológico, teórico e metodológico em quadros de valores e em compreensões de políticas públicas que nos permitam construir um olhar analítico voltado para estes processos iniciais de atorização em fluxos de políticas públicas.

Estes novos aportes que buscava foram sendo desenvolvidos no âmbito do grupo de pesquisa *Mirada ao Revés – Processos de Inovação e Aprendizagem em Políticas Públicas e Gestão Social*, do qual faço parte desde 2017. Este grupo, por sua vez, integra uma grande rede de estudos críticos em políticas públicas, de matriz pós-positivista, e desenvolve uma abordagem própria chamada *Mirada ao Revés*. A abordagem da *Mirada ao Revés* (BOULLOSA, 2013) singulariza a criticidade com uma inspiração na releitura pragmática, portanto, com uma abordagem fortemente sociocêntrica. Entender como é que o público se forma ao redor dos problemas, ao modo que os processos de políticas públicas também se estruturam como fluxos organizados em tornos de problemas e vão gerando públicos. Tais fluxos são chamados axiológicos, pois tem a ver com a dimensão de valores, ou seja, um fluxo valorativo de uma *multiatorialidade*² ativada em experiências e contextos de políticas públicas, problemas públicos ou bens públicos.

A ideia do conceito de políticas públicas é proposto como um novo modo de olhar, subjaz a noção de que é um constructo interpretativo (que interpreta algo), porquanto, a forma que será interpretada definirá os planos de pesquisa: analítico (quais as relações e quadro de valores que norteiam a leitura do problema de pesquisa), empírico (o que assume como materiais de pesquisa), o método (qual foi

² Multiatorialidade é um conceito proposto por Boullosa (2013;2019) e desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa *Mirada ao Revés – Processos de Inovação e Aprendizagem em Políticas Públicas e Gestão Social*

o caminho proposto) e o ontológico (a natureza das políticas públicas) e deontológico (que diz respeito a postura do pesquisador). O conceito situa-se no plano ontológico, sendo fundamental para compreender a ótica da Mirada ao Revés.

Com isto, situamo-nos no que Boullosa (2019) chama de pesquisa implicada, por tratar-se em uma pesquisa que se envolve, que se implica, nos processos de pesquisa explicitando o seu próprio conjunto de valores, assumindo valores de desenvolvimento social, a partir dos próprios atores não governamentais, defendendo uma compreensão sociocêntrica dos processos de políticas públicas, bem como de seus estudos.

Para esta pesquisa interessa sobretudo a noção correlata da *multiatorialidade*. Propõe-se um passo adiante no que diz respeito a *atorizar* a relação entre atores, pois entende-se que essa *multiatorialidade* ativada é complexa, inconstante, parcial, tem diferentes regimes de engajamento dentro dela. Tudo isso faz com que essas ligações adquiram uma força de modelagem muito forte, porquanto, essa ativação se dá no tempo em termos relacionais, mas também em termos de dinâmica, de compreensão e construção de novos significados.

Ao compartilhar os valores da Mirada ao Revés, procurei ver por meio de novos óculos cognitivos a trajetória e o cenário atual da Estrutural e assim, tentei desnaturalizar processos, entender que o público é extremamente importante e essa noção faz com que essa lente dos óculos cognitivos olhe para os processos de políticas públicas tentando compreender como esses públicos são formados e particularmente, como é que os atores que não são previamente definidos como atores públicos vão também se implicar publicamente nesses processos.

Esta abordagem vem procurando desnaturalizar os processos de políticas públicas, reinquadrando-os como fluxos multiatoriais, expandindo o olhar para além das fronteiras comumente assumidas pela tradição dominante no estudo das políticas públicas. Desnaturalizar políticas públicas como um fluxo axiológico e multiatorial não significa dizer que há uma lente única em nenhuma hipótese, mas entender que se trata de uma *multiatorialidade* que se ativa em um contexto de ação e que cujas partes possuem diferentes racionalidades e diferentes atores com seus próprios óculos cognitivos. Entende-se como fluxo multiatorial, compreende-se como um fluxo de atores que estão em movimento e contexto de ação e que estas ações subjazem quadros de valor e racionalidades.

Ao trazer para a Mirada ao Revés esta pesquisa em publicização espera

contribuir para pensar a experiência pública como problema de pesquisa sem distanciar-se do campo de estudo das políticas públicas por meio da ótica pragmatista e dos estudos pós-positivistas de políticas públicas que aderem a matriz de análise interpretativa. Assim, alinhado ao “pragmatismo crítico”, esta pesquisa propõe como critérios de análise os conceitos: público, multiatorialidade e problemas públicos, entre outros. O campo das políticas públicas e o pragmatismo, analisando as arenas públicas, palcos de discussões dos problemas públicos, com base na teoria de John Dewey, e no que concerne em pensar e fazer política pública, muito embora se distancie do *mainstream*, mas que se aproxima da ótica pragmatista. Tendo como objeto de estudo o processo de formação de público da Estrutural.

O problema de pesquisa e pergunta foram construídos a partir da experiência, a partir de uma perspectiva sociocêntrica, sendo de grande importância a temática de política urbana nesta pesquisa. Estudar a Estrutural como um lugar de múltiplas arenas de discussão, como o público que se molda a partir do processo de publicização dos problemas públicos. Nota-se que os problemas públicos aqui estudados, tratam-se de transações diretas e indiretas. Aqui será analisado como se delineiam as práticas de uso do território, aprofundando-se no movimento associativo da Estrutural, a partir de sua gramática de justificação, sem deixar, claro, de levar em consideração uma certa incoerência entre o que eu considero como fluxos multiatoriais e o que é debatido na agenda política, de políticas públicas como práticas e das políticas públicas formuladas pela alta gestão. Com isto, a pergunta de pesquisa foi formulada da seguinte maneira:

Quais os processos de formação de público da Estrutural, por meio de um olhar mais detalhado sobre suas associações que se voltam para os chamados problemas urbanos da própria Estrutural?

Assim, finalizando esta introdução, este trabalho está estruturado em mais 4 partes: a primeira dedicada ao referencial teórico, tentou-se trabalhar a partir dos conceitos: publicização, problematização, problemas públicos, *multiatorialidade* e a partir desses argumentos, foi possível construir a matriz de análise. A segunda parte foi dedicada aos métodos e técnicas de pesquisa, pois entende-se que há toda a importância na metodologia, justamente por essa essência pragmatista e crítica, pois do ponto de vista do método, é necessário: a) vincular-se a explicitação de uma

não naturalização dos processos, do conhecimento produzido e nem a relação entre os atores; b) a diversidade na construção dos dados e c) construção do conhecimento fundado na experiência, além do objetivo geral e específicos. No terceiro tópico, foi apresentado o caso da Estrutural, a formação de público em torno dos problemas urbanos, a partir das organizações e associações e por último, a síntese que é a proposta de como os públicos são formados, nesse sentido é um avanço teórico, pois o caso foi analisado a partir dos conceitos abordados na matriz de análise. Por fim, uma última parte foi dedicada à conclusão deste trabalho, na qual é apresentada um panorama mais crítico do percurso de pesquisa vivenciado, com particular atenção às novas possibilidades de pesquisa surgidas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O campo de estudo das políticas públicas começa a ser visto como um campo dissociado da ciência política e das sociais, no começo dos anos 1950, por Harold Lasswell, um cientista político, professor da Universidade de Chicago, que vinha se dedicando a estudar muito os problemas de publicidade na comunicação de massa. Para Lasswell, um novo campo de estudos seria possível, pois ele enxergava as políticas públicas, então entendidas como aquilo que o governo fazia (*governing*), como um objeto dissociado dos objetos clássicos da ciência política (Boullosa, 2013, p. 68). De fato, ele dizia que se trataria de um campo novo, multidisciplinar, voltado à resolução de problemas públicos e de inspiração fortemente pragmática.

A inspiração pragmática é descrita por Lasswell (1951) como relacionada aos trabalhos de John Dewey, também professor da mesma universidade, que havia desenvolvido uma teoria para a resolução coletiva de problemas (*problem solving theory*). Mas, enquanto Dewey fala de uma resolução coletiva, Lasswell assume quase que exclusivamente a dimensão individual da ação de resolução de problemas públicos, dando muita ênfase ao gestor ou *policymaker*. Não por acaso, Dewey (1927) afirma, no livro *O Público e seus Problemas*, que o Estado é o público organizado para governar problemas gerados por ele mesmo, porquanto, o mesmo é que dá a qualidade de público para tais problemas. A medida que os problemas se constroem, eles também vão ganhando a qualidade de público, se publicizando, ou seja, os problemas vão ganhando público como um processo de fluxo contínuo.

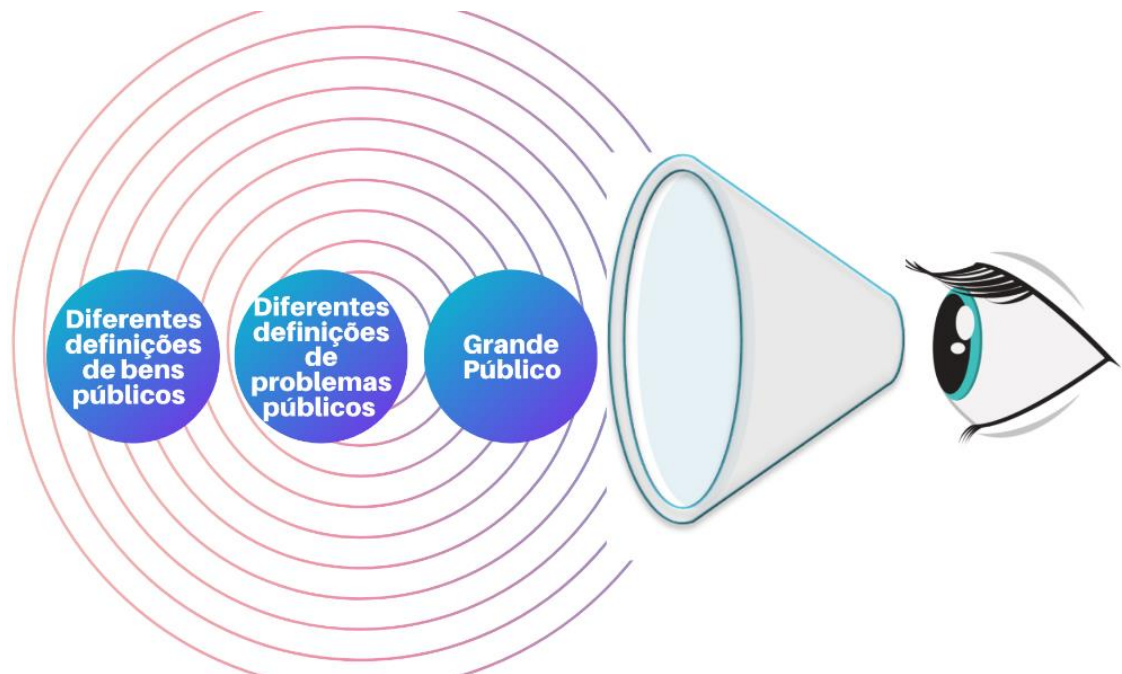
Esta compreensão acabou não sendo a que predominou nos estudos de Lasswell, que deu origem ao que chamamos hoje de estudos mais tradicionais (*mainstream*), de natureza estadocêntrica. E no *mainstream*, a escola mais conhecida é a análise racional de políticas públicas, como também acontece aqui no Brasil, talvez de forma ainda mais intensa. A ARPP apoia-se na compreensão da racionalidade instrumental, de matriz explicativa linear, da separação entre fatos e valores, do estadocentrismo, na noção de ciclo e do método indutivo. Importante frisar que as noções de experiência, público, *multiatorialidade* ficam fora dos interesses da ARPP, assim como era para Lasswell, afastando-se do central do pensamento de Dewey (BOULLOSA, 2013, p 13).

Este trabalho, como parte do grupo de pesquisa *Mirada ao Revés*, busca justamente, resgatar o pensamento de John Dewey no que concerne à dimensão pública e política do fazer políticas públicas. E o faz a partir da experiência, compreendendo-a como central, ainda que perdida por Lasswell, na discussão sobre políticas públicas. Contudo, este “resgate” é realizado a partir da inserção e assunção das discussões que criticaram a própria noção *mainstream* de políticas públicas, inserindo-se nos chamados estudos críticos em políticas públicas.

Com isto, compreendemos políticas públicas emergindo como práticas e fluxos de instrumentos, em uma *multiatorialidade* composta pela ação de atores individuais ou de coletivos. Para ter uma noção de problematização e de publicização é preciso ter conhecimento dos temas partilhados de preocupação comum, de sensibilização (BOULLOSA, 2019) que podem emergir desde as pequenas transações e ganhar consistência. Estes temas podem suscitar as reverberações da emoção coletiva. Eles surgem de questões de conflitos e de poder, até que comece a fase de mediação pelas instituições que disputam a apropriação do problema, a atribuição de responsabilidades causais e a designação de responsabilidades políticas. (Cefai, 2012, p.10).

A singularidade da *Mirada ao Revés* é colocar o olhar ao lado oposto ao que é visto tradicionalmente na visão *mainstream*, é assumir como unidade analítica fundamental, o problema ou o bem público a ser preservado, ampliando o olhar e assim podendo ver uma *multiatorialidade* presente. Quando a gente passa a ver essa multiatorialidade, uma coisa que passa a ter muita relevância é não somente a ação desses atores, bem como o discurso, mudando bastante o que é considerado como material empírico. Então, a *Mirada ao Revés* tem reverberações nos planos de pesquisas. Em outras palavras, trata-se de uma multiatorialidade em contínua transformação, que não pode ser definida a priori, porque se constrói no próprio fluxo, como infere Boullosa (2019, p. 4) “como êxito de diferentes práticas de uso, ativadas por diferentes grupos, os quais, ao consolidar suas gramáticas, vão se tornando público e tais e de tais fluxos - em um processo que Dewey (1927) chamou de publicização (construção de público).”

A Singularidade do olhar da Mirada ao Revés



Fonte: Desenho de elaboração própria, inspirado na apresentação *Mirando ao Revés* – Rosana Boulosa 2013 p. 5.

No olhar da publicização, a experiência que os cidadãos comuns carregam na sua vivência na cidade e as atividades que exercem para sanar as situações problemáticas que modelam a vida cotidiana. Nos momentos de disputa entre atores, a arena pública vai se constituindo (CEFAÍ, 2011), e é neste instante que a publicização se enraíza diante a experimentação, a prova, momentos deliberativos e de estratégia de diálogo.

Para finalizar esta introdução do referencial teórico, procurei estruturar em um conjunto de tópicos com os principais conceitos indissociáveis ao que trabalhei sobre a dimensão coletiva é um referencial que não é encontrado nas teorias clássicas, sobretudo na sua forma sociocêntrica, na sua conjuntura com a sociedade e suas percepções de problemas. Desta forma, abordar estes tópicos foi indispensável para construção da matriz de análise, sobretudo, nos moldes das categorias de análise.

2.1. Publicização e Problematização

Quando se fala em publicização, é importante frisar que estamos falando da construção social e democrática dos problemas, os mesmos que vão adquirindo a qualidade de público e vão se conformando.

O processo de publicização advém de disputas sobre as situações problemáticas: muitos campos se afrontam e se direcionam para terceiros, espectadores ou auditores, susceptíveis de virem a ser atores mediando uma reversibilidade entre opinião pública e comportamento coletivo. A publicidade é o elemento e o meio para uma experiência democrática e republicana. O testemunho pessoal, a reportagem jornalística, a quantificação estatística, a experimentação científica, a instrução judiciária, a profecia religiosa, a declaração política ou a explicação sociológica são muitas formas de configurar um problema público, de atribuir as causas e de imputar as responsabilidades.

Cafaï (2009) aborda uma visão dos problemas públicos que caminha os acontecimentos da invenção coletiva, aqueles que conduzem a um brotar de novos mundos sociais, à configuração de novas instituições e regras de direito, à instalação de novos dispositivos de ação pública. A dinâmica de publicização estava pensada como um processo de conexões sociais, as experiências situadas, as reivindicações coletivas, as ações institucionais.

2.2. Problemas Públicos

Na perspectiva de Dewey e de seu livro *O público e seus Problemas* (1927) a problematização de uma situação é irremediavelmente associada à constituição de seu público. A definição de uma situação problemática (a maneira como ela é identificada, caracterizada, analisada, elucidada, resolvida) e a composição das comunidades concernentes (aparição de um interesse a respeito da situação, o trabalho para determinar em que consiste seu caráter problemático, o desenvolvimento das ações para elaborá-lo) são dois aspectos de um só e mesmo processo. Nós chamamos de “situação problemática” uma situação que “levanta as questões e que, portanto, chama a investigação, o exame, a discussão – em suma, a pesquisa”. (Cefaï, 2012, p. 10)

Segundo Dewey, as ações humanas resultam em consequências que podem afetar as pessoas diretamente ou não tão diretamente, dependendo do

engajamento na transação. Essas transações podem ser de cunho privado ou público, o qual ele nomeia de germe da distinção entre privado e público (Boullosa, 2013, p. 2).

A situação definida e percebida como um problema é considerado pelo conjunto de indivíduos que ajuízam a situação, além de experimentar, utilizam-se de recursos da experiência local, interrogar e incomodar-se. Daniel Cefaï (2011) aborda que associar e organizar-se em coletivo, além de encontrar líderes para fazer suas vozes serem ouvidas a fim de convencer e mobilizar em grande escala.

Uma das abordagens do autor Daniel Cefaï em “Públicos, Problemas Públicos e Arenas Públicas (2017)” que Dewey aborda que por um *método de indagação* e de experimentação definida pela política é possível resolver problemas públicos.

Boullosa (2013) situa o autor Charles Sanders Peirce que infere que a dúvida é um atributo do sujeito, desta forma quando ele escreve *How to make our ideas clear* [19--], ele fala do sujeito que pensa, então essa dimensão individual de Pierce, é uma dimensão que é rechaçada na obra de Jonh Dewey, não obstante, tivesse estudado e fizesse parte do mesmo grupo de estudos dele. A abdução, segundo Pierce, é o primeiro modo de construção de inferência de pesquisa, por isso ele vai dizer então que para fazer pesquisa é necessário três momentos: a primeiridade, segundidade e terceiridade. A primeiridade é a abdução, a segundidade que é a indução. Assim, primeiramente se constrói um pergunta concreta e ancorada na realidade, depois faz-se o movimento da indução, tanto de passagem para o caso e para a teoria e por último a terceiridade, que é o movimento de dedução que vai confirmar ou invalidar a teoria construída. Então parte da situação concreta, transformando em caso, passando para a teoria para assim poder validar.

Como sempre afirma a autora Boullosa (2013), a grande diferença entre Jonh Dewey e Pierce é onde está localizada a dúvida, pois Pierce dizia que a dúvida é intrínseca ao sujeito, faz parte da sua constituição, já Dewey diz que a dúvida não é um atributo do sujeito, é um atributo da situação, ou seja, se o indivíduo duvida é porque ele se encontra em uma situação de dúvida. Então o indivíduo não duvida sozinho, a dúvida se produz coletivamente. O pragmatismo de Dewey é social, pois ele afirma que vivemos em uma comunidade de interrogadores. Essa comunidade de interrogadores não é estática e o que Dewey fala que a democracia está justamente no fato que é uma comunidade não projetada, os sujeitos vão mudando

e modelando as ações, muito da pluralidade e não da homogeneidade.

A composição atorial vai também conformar como uma comunidade de duvidadores, que faz a *inquire*, o que ele chama também de investigação. Essa composição é incerta e não orquestrada e que a riqueza dela está justamente na diversidade, a *multiatorialidade* é conformadora. A partir dessa ideia de Jonh Dewey de comunidade de investigadores, nasce toda a literatura sobre a comunidade de práticas. Dewey coloca no último capítulo do “Público e seu problemas” dizendo que se nos colocamos nosso esforços na construção de uma comunidade de investigadores, ela se resolve, pouco importando o formato que ela vai adquirir, pois um público se constrói a partir do momento que ele se conhece como tal.

2.3. O Olhar Pragmático

Olhar tentar entender que políticas públicas é uma experiência pública e quem é que faz parte dessa experiência e quais são os atores e definir até qual escala deve-se observar. Segundo Boullosa, a noção de ator políticas públicas a partir da experiência nessa mútua problematização e publicização, considerando o público e chegando no problema, e vice-versa. Para se fazer isso, foi necessário se contrapor a Lasswell e adentrar a uma noção forte da experiência, ou seja, é a que organiza por meio da noção de *multiatorialidade*, ela não é a soma de atores que fazem parte de um processo de políticas públicas, mas “a *multiatorialidade* é a resultante e se personifica da interação desses atores” (BOULLOSA, 2019, p. 4). É necessário expor que é uma noção próxima de arena, mas que se diferencia, devido ao fato de que a arena é um espaço sociopolítico no qual os atores interagem, e a *multiatorialidade* é o conjunto de todas as interações.

Jonh Dewey (1927) denomina transação, aquilo que resulta e corporifica na noção de *multiatorialidade*. Em síntese, é uma persona em movimento, em reconstrução, indo e vindo e que pode assumir diferentes formas e diferentes formatos. Então aqui, quando é falado em políticas públicas, assume-se que é um processo multiatorial, e entende-se que não é a soma das ações dos atores individualmente, mas é a resultante desse conjunto de ações, então é retirado o foco da ação e coloca na relação entre as ações. E como esses atores interagem entre si, temos grandes modeladores, um é a dimensão da representação que influencia nessas relações, então a representação pressupõe uma noção de que

vários são representados por um. A coletividade pressupõe que quem age num contexto de processos de políticas públicas é modelado pela noção de participação e nesse processo já se “pré atoriza”.

2.4. Multiatorialidade: atores protagonistas na vida pública

Conceituar a palavra ator não é uma das tarefas mais fáceis. Etimologicamente, do Latim ACTOR, “agente, o que faz ou executa alguma ação”, de ACTUM, “algo feito, efetuado”, do verbo AGERE, “fazer, colocar em movimento, agir”. Assumiu o significado de “pessoa que representa no teatro” pelo fim do século XVI (ORIGEM da palavra). A tradição empirista que nasce com Harold Lasswell (1950) no seu livro “Poder e Sociedade” aborda que a teoria política nada mais é do que o comportamento dos atores, a metáfora teatral está presente no campo desde o começo.

Define-se como é um ator associando ao conceito de ato — são indefinidos e impossíveis de se definir — estão subjugados ao conceito de políticas públicas. Em outras áreas, a palavra se resume entre agente e sujeito, e dentro do campo das políticas públicas a expressão vem sendo reduzida a ator. O ator *Lasswelliano* é o *policy maker*, dependendo do *locus* de questão institucional, o grau de governabilidade, sobre o problema público que ele quer resolver e a sua capacidade de aprendizagem. A ideia do ator predeterminado é o que se “atoriza” no processo na sua condição *a posteriori*. Segundo Boullosa (2019) o conceito de ator vai ajudar e reforçar a compreensão de políticas públicas, sendo um construto interpretativo, conjuntamente com a experiência pública que se dá. Reforçando essa ideia, a concepção de ator nunca está sozinha, está continuamente associada às políticas públicas.

Assim, com a noção da experiência, nasce o desejo de olhar a escala micro, das relações, mas também tenta-se fazer uma ponte com o macro, pois o campo de estudo é permeado do que é chamado de macro instrumentos de políticas públicas. Ainda que seja um desafio, pois, é um caminho que está em construção, bem como explorar a noção de experiência chegando na escala *mezzo* de análise. A escala *mezzo* de análise reorganiza tudo que é chamado de campo analítico, campo empírico, epistemológico e ontológico e para cada trabalho desenvolvido dentro do grupo de estudos em políticas públicas e gestão social, caminha-se um pouco mais nos planos de construção do conhecimento.

A noção de experiência por Boulosa (2013) está ligada a noção de experiência de John Dewey, está relacionada a noção de construção de uma comunidade ou de um público quando se reconhece como tal. No reconhecimento desse público de que determinado problema existe e precisa ser tratado, então, a noção de experiência está ancorada a noção de público. O grande anseio de Dewey frente a ameaça do nazismo, e muitas ameaças naquela época, é o eclipse do público, ou seja, dele se apagar ou deixar de existir. Dewey (1927) diz que é preciso que o público se veja como tal para conseguir conformar problemas e ao mesmo tempo vai consolidando a ideia de público também, pois problematização e publicização são dois lados de uma “mesma moeda”.

Assim, para o campo de estudos das políticas públicas, traz que a noção de público não foi problematizada por Harold Lasswell (1951), ela foi problematizada como noção de problema, de fato, ele infere que problemas podem/devem ser percebidos por esses “homens iluminados”, ou seja, pela alta burocracia, justamente por estar fora da política, por serem concursados, eles teriam uma maior capacidade de ver, definir e solucionar os problemas. Desta forma, Dewey vai sugerir que o público é capaz de construir soluções para esses problemas. Portanto, a noção de democracia para ele, é de uma democracia radical, a democracia que pressupõe de muitos em escala e de uma certa organização de modo a que a sociedade possa gerir seus próprios problemas. Essa noção de democracia é ancorada no povo que é um conjunto de diferentes públicos e comunidades. É de importância explicar que o posicionamento de Dewey é liberal, não obstante, o liberalismo democrático de Dewey não é o que chamamos de neoliberalismo, pois é baseado na ideia de liberdade, de que o homem precisa ser livre para escolher, de que ele deve ser engajado. A democracia radical também é uma condenação muito forte do nazismo, e ele usa essa noção devido ao que a Alemanha se denominava democrata, algo muito presente na fala de Dewey, todavia, sempre em uma abordagem profícua, pois ele sempre acreditou na humanidade.

2.5. Gramática de Justificação

O conceito de gramática de justificação que abordamos aqui encontra suas raízes na filosofia de Wittgenstein, particularmente em suas noções de gramática e pragmática da linguagem. Para ele, a gramática caracteriza-se como um sistema que possui aspectos holistas, ou seja, significa que as discursividades do público

não podem ser explicadas apenas pela soma dos indivíduos, já que o sistema como um todo determina como se comportam as partes. As ações daqueles inseridos em comunidades, associações e afins não se justificam apenas pelo quantitativo de componentes, a gramática e a vivência do todo são capazes de modelar e determinar o comportamento do público. Segundo Wittgenstein (I.F §§ 67, 77, 108 apud CONDÉ, 2004, p. 4) a gramática constitui:

Um tipo de sistema aberto e descentralizado no qual a racionalidade não está assentada em nenhum lugar privilegiado, mas se configura a partir das múltiplas relações no interior do sistema. E, embora constitua um sistema autônomo, não se fecha no relativismo extremo na medida em que está aberto a outros sistemas.

É importante contextualizar que a gramática de Wittgenstein (1971 apud Conde, 2004, p. 5) não é a mesma gramática de uma determinada língua ou idioma, a expressão gramática é ligada as concepções filosóficas, “o uso no interior de um jogo de linguagem não é uma prática indiscriminada. Ainda que relativamente livre, ele é regido por regras que distinguem o uso correto do incorreto das palavras nos diversos contextos”. As regras não são somente linguísticas, mas envolvem ações, no sentido pragmático, o conjunto dessas regras estão em fluxo contínuo dinamicamente, é isso que constitui a gramática. A gramática vista como um produto social, pois ela se insere na prática social.

Sendo assim, a gramática sendo um conjunto de práticas e regras, pode-se somar novas regras, as práticas antigas podem ser mudadas e entre outros. A concepção de gramática do segundo Wittgenstein aborda mais características relevantes, pois no ponto de vista que a “regra é um produto de uma práxis social”, então a partir desse ponto de vista, infere-se que a regra é uma modelagem social que advém da práxis e que é orquestrada e modificada ao longo do tempo, dependendo de uma sociedade para outra, de costumes, culturas, diferentes formas de vida. A regra, portanto, é uma criação social, um conjunto de práticas e ações, surge dos nossos “padrões de comportamento, costumes e instituições” (Condé, 2004, p. 7).

2.6. Coletividade e Democracia

Nesta pesquisa foi de grande importância compreender a obra *Comunidade e Democracia* de Robert Putnam (1993), pois a obra é o resultado de 20 anos de pesquisa sobre regiões da Itália, desde que elas foram instituídas com a mesma legislação e competência. Ele procura explicar porque 20 anos depois, essas regiões estavam completamente diferentes em termos de desenvolvimento social.

A ideia deste livro nasceu quando este autor fez uma viagem exploratória e intuiu que as transformações que provavelmente aconteceriam, até mesmo porque algumas das algumas regiões já eram mais prósperas que outras, poderiam explicar os processos que modelam o desenvolvimento socioterritorial. Para isto, ele utilizou métodos qualitativos e quantitativos as principais voltados para mapear e avaliar as conjunturas fundamentais para se consolidar instituições fortes, responsáveis, eficazes e com capacidade de promover a qualidade democrática para população, além de indicadores para para demonstrar quais regiões possuíam maior ou menor desempenho do que outras, como saúde, agricultura, educação, meio ambiente, dentre outras.

O autor chega assim à teoria do capital social. O capital social, segundo Putnam (1993, p. 177), é o resultado do acúmulo potencial de possibilidades promovidas pelas organizações sociais, a partir de atributos como confiança, normas e sistemas, que são usadas para alavancar o desenvolvimento da sociedade:

Assim, para Putnam a confiança, normas e cadeias de relações sociais constituem o bem público e essa confiança social advém das regras de reciprocidade e de participação cívica. As associações estudadas pelo autor apresentaram uma intensa relação horizontal, o que significa que a participação cívica era muito forte: quanto mais desenvolvido era o tecido social, maior a probabilidade dos cidadãos confiarem e cooperarem em conjunto.

Fazendo uma relação com o conceito estudado no ponto anterior, as gramáticas de justificação ali promoveram regras sólidas de reciprocidade, criando uma cultura de colaboração mútua estabelecendo um processo de mudança social a longo prazo. Com isto, podemos dizer que as gramáticas de justificação são veículos ou meios de promoção, reforço e difusão.

As tradições cívicas estudadas por Putnam na Itália constituíram, pela experiência, um histórico de colaboração que foram importantes ao passo que seriam imprescindíveis para lidar com problemas da ação coletiva no futuro. Os sistemas horizontais de participação foram importantes na solução de dilemas da ação coletiva, então quanto mais horizontal for a organização, mais ela beneficiará o desempenho institucional na comunidade.

O capital social é o capital que é formado naquela sociedade, em síntese, relaciona-se diretamente com o nível associacionismo dela. Então, quando mais uma sociedade tem o seu nível de associacionismo desenvolvido, quanto mais ela consegue construir o seu tecido social de modo complexo, mais ela vai formando associações. Quando estas associações vão desenvolvendo e expandindo relações entre si, pela teoria do capital social de Putnam, esse grau de associacionismo alavanca o desenvolvimento social. Por isso é que muito das forças contrárias ao desenvolvimento social quer desmobilizar a sociedade. Quando se desmobiliza a sociedade, acaba deixando-a estagnada.

Toda sociedade possui o seu tecido social, podendo ser: complexo, fragmentado, denso, viscoso. Esse tecido social - que é a relação que as pessoas tem – são todos fatores positivos, ou seja, quanto mais associações férteis e complexas, mais elas se relacionam. De acordo com a teoria do capital social de Putnam, isso promove o desenvolvimento de uma sociedade. Não obstante, quando há um tecido fragilizado, as consequências são de poucas associações ou há a presença de associações, mas elas não se relacionam. Desta forma, do ponto de vista teórico normativo do capital social, este tanto expande quanto limita o seu desenvolvimento.

Para promover o desenvolvimento social, a gente consegue entender a forte correlação entre desenvolvimento e capital social. Se o tecido é fragmentado, frágil, fica inviável organizar grandes demandas sociais, por exemplo, tampouco organizar processos endógenos de desenvolvimento. Então fica tudo à mercê do estado, por isso é que a gente pode dizer, que o Estado, muitas vezes, acaba por atuar para não promover esse desenvolvimento social, no sentido que ele pode atuar impedindo associações, ou mesmo provocando um desequilíbrio entre elas, o que evita que o tecido social se fortaleça. O desenvolvimento de uma sociedade precisa necessariamente passar pelos sistemas de participação cívica, como mostrou as duas décadas analisadas por Putnam, lembrando que as regiões onde possuíam

mais associações, onde as pessoas participavam mais e havia menos hierarquia, eram as regiões que mais se desenvolviam. A sociedade se fortaleceu, assim como a economia, pois “sociedade forte, Estado forte” (Putnam, 1993, p 183).

As regras de reciprocidade resultam na resiliência, estimulam a cooperação e a confiança social, pois diminuem as incertezas e modelam as formas de cooperações futuras promovendo o bem estar coletivo. O Norte e o Sul da Itália apresentaram resultados diferentes de estudo, o Norte onde havia a presença da confiança mútua e reciprocidade, onde o sistemas eram mais horizontais alavancaram o desenvolvimento econômico e institucional do que no Sul, onde as relações se estruturam mais verticalmente:

As regiões cívicas se caracterizavam por uma densa rede de associações locais, pela ativa participação nos negócios comunitários, por modelos de política igualitárias pela confiança e observância da lei nas regiões menos cívicas, a participação política e social organizava-se verticalmente, e não horizontalmente. A desconfiança mútua e a corrupção eram consideradas normais, havia pouca participação em associações cívicas.

Assim, por fim, podemos dizer que quando há associações férteis e fortes, as instituições se fortalecem, mas quando as relações são fracas, as instituições de definem. Por isso, criar o capital social, de fato, não é uma tarefa fácil, mas é essencial para a democracia funcionar (PUTNAM, 1993, p. 1994)

3. DO MÉTODO

É importante ressaltar que esta pesquisa foi desenhada e orientada à luz do pragmatismo estudado no grupo de pesquisa *Mirada ao Revés* – Processos de Inovação e Aprendizagem em Políticas Públicas e Gestão Social, onde ontologicamente, compreende-se que as políticas públicas são olhadas como fluxos de experiências públicas a partir de uma abordagem sociocêntrica. Analiticamente, as categorias que compõem este plano são: *multiatoralidade*, problemas públicos, formação de público, deontologicamente de onde eu olhos as políticas públicas. Metodologicamente, parte de uma não naturalização dos processos e do conhecimento produzido seguindo um caminho de múltiplos instrumentos e por fim,

empiricamente, assume-se como materiais de pesquisa as práticas, a observação, interação entre os atores, múltiplas gramáticas que são modeladas em arenas arquitetadas em torno de problemas públicos não orquestrados.

3.1. Sobre a Natureza da pesquisa

Esta pesquisa alinhada ao pragmatismo assume um caráter qualitativo, no entanto, descreve e explica utilizando a observação não participante, pesquisa documental, entrevistas semi estruturadas, pesquisas acadêmicas auxiliares, documentários, além de toda bibliografia relacionada ao campo de estudos das políticas públicas.

Guiando-se pela tradição pragmatista e dos estudos críticos em políticas públicas, trazendo uma matriz de análise triangulada nos principais conceitos: problemas públicos, *multiatoralidade*, público. Importante salientar que o campo de estudo das políticas públicas são imensamente multidisciplinar, com suas particularidades, quanto ao que aqui é abordado a centralidade na perspectiva sociocêntrica, na interação entre os atores, a utilização de instrumentos e materiais não comuns ao campo, principalmente nas pesquisas de conclusão de curso em gestão de políticas públicas, o que traz provocações e fronteiras a cada plano de pesquisa.

3.2. Posição da pesquisadora

Como mulher, estudante e pesquisadora do curso de Gestão de Políticas Públicas assumindo políticas como práticas e experiências num contexto de *multiatoralidade* ativada. Parte-se da crença que a ciência é ponderada pelos interesses do pesquisador, não neutra e que a construção dos fatos e dos dados são contínuos. Me posiciono no olhar que busca sobrelevar a dimensão estadocêntrica do ator individual como único agente de ação em políticas públicas, mostrando que há múltiplos caminhos de análise, não dissociando as arenas públicas aos problemas públicos, pois através da arena há a articulação e mobilização da diversidade de coletivos. Observando a Estrutural como um lugar significativo de práticas e contextos de múltiplos atores que com atos não projetados de luta e resistência conquistaram o território que hoje carrega traços de uma identidade marcada por esses atores não governamentais.

3.3. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

A Estrutural é uma das áreas mais marginalizadas do Distrito Federal, no sentido em que se encontram distantes da agenda política. A cidade nasceu em meados dos anos 1960 e ainda enfrenta um dos maiores índices de desigualdade social do Distrito Federal, segundo o Mapa das Desigualdades (OXFARM, 2017), cerca de 55% da população está entre a renda baixa e média baixa. Sua compreensão como um lugar com fronteiras e natureza forte é tamanha que ela recebeu o nome de “cidade” Estrutural.

Sendo uma das áreas com fortes problemas do Distrito Federal, ela vem sendo objeto de discussão em diferentes planos ou arenas, sendo quase sempre usada como exemplo de alta vulnerabilidade social (basta pensarmos no antigo lixão), altos índices de violência, falta de presença do Estado, dentre tantas outras causas e consequências de seus índices alarmantes de baixo desenvolvimento. Além disto, frequentemente emerge o problema da baixa coesão social ou falta de organização política ou mesmo de passividade daquela população, de modo geral, em relação aos seus próprios problemas. E esta parece ser uma parte da história que precisa ser revista.

Para começar, é preciso resgatar que, para enfrentar este grande conjunto de problemas que emergiram desde os seus primeiros desenvolvimentos, seus primeiros moradores já tinha começado a se mobilizar na busca por diálogo com o poder público. De fato, com o tempo, a Estrutural foi tornando-se palco para a mobilização dos moradores, mesmo que não muito amplas, que passaram a tentar adotar uma postura de reivindicação para sanar os problemas considerados por eles como problemas públicos, pois iam além das suas esferas privadas de atuação, já fortemente marcadas por um alto grau de vulnerabilidade em todas as dimensões do viver.

Aos poucos, um primeiro esboço de um tecido social foi sendo construído e hoje podemos encontrar um bom conjunto delas, construídas em torno de diversas e múltiplas tematizações, vão além do foco de um problema público, pois podem ser associações do campo cultural, religioso, de objetivo social e econômico, bem como associações que trabalham com a inserção de pessoas no mercado de trabalho. O público mais específico envolvido com o movimento associativo da Estrutural assume aquele território como parte de sua história, conferindo-lhe um

apego de valor, além das referências identitárias. Por óbvio, ele constitui-se no compartilhamento de interesses, bem como com o interesse comum de melhorar as difíceis condições de vida daquela população.

No entanto, o tecido social da Estrutural, de fato, parece não ter se desenvolvido como poderíamos esperar ao olhar seus primeiros movimentos. E talvez, é a tese que aqui gostaríamos de desenvolver, este seja um dos principais limitadores ao que podemos chamar de desenvolvimento social da Estrutural. Se este tecido social não se construiu de modo denso e articulado, em termos de capital social, segundo a teoria de Putnam, aquele território também ficou prejudicado, desencadeando um círculo vicioso de baixo desenvolvimento. As associações, como relembra bem Cefai (2009), possuem papel imprescindível no que diz respeito a convencer, mobilizar e envolver públicos leigos no conflito urbano. E o fazem modelados e modelando por meio de suas gramáticas de justificação, que são os modos comum de argumentação que vão sendo construídos nos processos sociais que explicam o porquê das necessidades de participação, de intervenção daquele tipo mais específicos de agir coletivamente (dentro daquelas coletividades). São seus participantes mais ativos, ou representantes, que explicam questões mais complexas aos membros de suas associações e aos moradores dos seus bairros (CEFAI, 2002), desde que haja um tecido social que permita tais interações. Só assim, o território torna-se êxito criativo no qual estes atores constroem juntos modo de compreender, deliberar e integrar-se nas decisões públicas.

Assim, sem diminuir a importância de caminhos de investigação mais tradicionais, esta pesquisa busca investigar o baixo nível de desenvolvimento da Cidade Estrutural por meio da problematização do seu baixo nível de associacionismo. De modo particular, a pergunta de pesquisa que desencadeia e, de certa forma, estruturou esta investigação foi a seguinte:

Quais os processos de formação de público da Estrutural, por meio de um olhar mais detalhado sobre suas associações que se voltam para os chamados problemas urbanos da própria Estrutural?

A ideia é que a resposta a este problema possa, de alguma forma, nos ajudar a compreender os baixos índices de desenvolvimento social na Cidade Estrutural. Para isto, os conceitos mais importantes foram os tratados no referencial teórico, o

qual possibilitou a construção desta pergunta, juntamente com minhas inserções em campo.

Assim, o objetivo geral foi o seguinte:

Mapear e discutir as dinâmicas de formação de público nos processos de políticas públicas, partindo de uma abordagem sociocêntrica, a partir do caso da Estrutural e de suas organizações voltadas para as questões urbanas, de modo a contribuir com o debate acerca da dinâmica de desenvolvimento da Estrutural.

E os objetivos específicos foram assim definidos:

1. Problematizar os processos de construção de público no campo de estudos em políticas públicas, a partir dos estudos críticos em políticas públicas, e propor uma matriz de análise que leve em consideração os conceitos de *multiatoralidade*, problemas públicos, problematização, publicização, comunidade.
2. Reconstruir o caso da Estrutural, mapeando as associações e organizações existentes, bem como mapeando as percepções que estas foram construindo uma das outras.
3. Analisar o caso a partir da matriz de análise resultante do alcance do primeiro objetivo específico.
4. Reforçar as características e os formatos de participação das associações da Cidade Estrutural com a Administração Regional e analisar suas interligações

3.4. MATRIZ DE ANÁLISE

A matriz que guiou a estruturação e a discussão do caso é a seguinte³:

Categorias de análise	Descritivo	Fontes	Observações para o campo empírico
Presença de grupo e coletivo	Com esta categoria, posso ver os grupos que estão já formados ou em processos de formação	Dewey	Tomando como ponto de partida os resultados através da experiência, separando o objeto experienciado de suas operações e condições, proporcionando o retorno dos conhecimentos adquiridos aos valores da natureza e da realidade.
Diversidade de grupos e coletivos	Problematizar a diversidade dos grupos que encontrei	Dewey	Com diferentes práticas de uso, ativadas por diferentes grupos, os quais, ao consolidar suas gramáticas, vão se tornando público em tais e de tais fluxos

³ Nos processos mais tradicionais de pesquisa, a matriz de análise é apresentada logo em seguida ao referencial teórico. No entanto, por tratar-se de uma pesquisa alinhada ao pragmatismo, optou-se por trazê-la para o capítulo do método.

Publicização	Posso ver os problematizar os processo de construção ou de formação do público	Dewey	Permite cruzar a literatura sobre as mobilizações coletivas e sobre os problemas sociais e recuperar seu alcance político
Problematização	Posso problematizar os processo de construção de problemas públicos	Dewey e Cefai	Apoiar-se em um quadro valorativo que não se apoie em uma neutralidade na relação entre o fazer ciência e o fazer política
Comunidade	Posso problematizar as relações entre os grupos sociais, bem como seus sentimentos de pertença e de identidade	Dewey, Cefai e Robert Putnam	Posso ter ciência das conexões das atividades de cada um com as dos outros e se pudessem usar esse conhecimento para dirigir o comportamento do público
Problema público	Por meio desta categoria posso problematizar os processos de construção coletiva de definição de problemas aos quais podem ser atribuídos a qualidade de público	Daniel Cefai, Dewey	Pela abordagem pragmatista é possível compreender os problemas em torno dos quais se articulam diferentes configurações de arenas públicas públicos

Multiatoralidade	Por meio desta categoria posso ver o interesse tanto na definição de problemas públicos, e de suas alternativas de solução, quanto na preservação de bens públicos.	Rosana Boullosa	Diz respeito no interesse público, em contextos historicizados de governo de problemas considerados de pública relevância ou em contextos historicizados de preservação de bens públicos, compreendidos a partir da noção de experiência pública (Boullosa, 2013).
Tecido social	É possível analisar o grau de complexidade nos tecidos em termos de desenvolvimento social	Robert Putnam	Por meio desta categoria consigo compreender a densidade dos tecidos sociais, a relação que o público forma, e o grau de desenvolvimento social pelas formas de participação e colaboração mútua.

Fonte: Elaboração própria

3.5. DOS INSTRUMENTOS

Os instrumentos de pesquisa foram definidos e alinhados de acordo com os objetivos específicos:

Objetivo específico	Instrumento
<p>Problematizar os processos de construção de público no campo de estudos em políticas públicas, a partir dos estudos críticos em políticas públicas, e propor uma matriz de análise que leve em consideração os conceitos de <i>multiatoralidade</i>, problemas públicos, problematização, publicização, comunidade.</p>	<p>Revisão bibliográfica Construção da matriz de análise</p>
<p>Reconstruir o caso da Estrutural, mapeando as associações e organizações existentes, bem como mapeando as percepções que estas foram construindo uma das outras.</p>	<p>Revisão bibliográfica Entrevista semi estruturada Aplicação do quadro interpretativo Estudo de campo</p>
<p>Analisar o caso a partir da matriz de análise resultante do alcance do primeiro objetivo específico</p>	<p>Revisão bibliográfica</p>
<p>Reforçar as características e os formatos de participação das associações da Cidade Estrutural com a Administração Regional e analisar suas interligações.</p>	<p>Revisão bibliográfica Entrevista semi estruturada</p>

Fonte: Elaboração própria

Nesta pesquisa a análise bibliográfica obteve um mapeamento da literatura trabalhada no grupo de pesquisa da Mirada ao Revés, que alinha-se aos estudos críticos, mas com uma releitura do pragmatismo clássico, considerando a relevância da construção da pergunta de pesquisa, como a acessibilidade dos materiais de

pesquisa, pois nem todos são encontrados com facilidade e não estão na língua portuguesa.

Foram considerados documentos secundários, como o documentário da Estrutural, pois o acesso aos dados da cidade são limitados. A matriz de análise do referencial teórico tem como objetivo categorizar os conceitos que emergiram durante a pesquisa para assim poder analisar o que foi emergido do caso da Estrutural.

A entrevista semi estruturada é uma forma de mapear argumentos e diálogos, possibilitando ver a relação vivencial das organizações com o público e com que são considerados problemas públicos, bem como relação com o estado. Foram entrevistadas 9 organizações e o administrador regional, com duração média de 30 minutos a 1 hora com o líderes ou representantes correlatos.

O roteiro semi estruturado serviu de base para acompanhar os objetivos da pesquisa, bem como, permitir a liberdade dos entrevistados alcancem a subjetividade e demonstrassem sua visão de mundo, que faz parte da metodologia pragmática nos diversos saberes e conhecimentos sociais. A aplicação do quadro interpretativo foi essencial para compreender como as associações se veem na arena e como é sua articulação com as demais organizações - a partir da noção do tecido social que as compõem, assim como, o estudo de campo foi importante para entender as práticas e experiências das organizações, assim como as gramáticas que as guiam.

As organizações foram mapeadas a partir de uma busca pela internet e sítios das organizações, assim como, durante visita de campo e indicações nas entrevistas. Há uma infinidade de grupos formais e não formais na Estrutural, no entanto, foi mais acessível trabalhar com grupos mais conhecidos, pois houve difícil acesso aos líderes das organizações menos conhecidas.

A seguir, apresento o quadro de associações mapeadas, cujo total foram 13. Destas, 10 (75%) compuseram o universo amostral desta pesquisa.

Tabela 1 - Associações mapeadas

1. Associação Mãos que Criam
2. Associação Viver
3. Associação Alecrim

4. Semeando a Esperança
5. Movimento de Educação e Cultura da Estrutural - MECE
6. Coletivo da cidade
7. Reciclando Sons
8. Instituto Superar
9. Associação Francisco de Assis
10. Administração Regional do SCIA e da Estrutural
11. Associação ambientalista
12. Sonhos de liberdade
13. São José operário

Fonte: Elaboração própria.

A seguir o roteiro de entrevista realizado com as associações e com o Administrador Regional:

Quadro 2 - Roteiro de Entrevista semi estruturada - Associações

1. Contornos da Associação – Como surgiu?
2. Qual o nome, a tematização, organização interna, funções e número de participantes?
3. Qual o seu envolvimento com o tema e relação com a associação?
4. Como foi o processo político de construção, sobretudo, nas dificuldades iniciais e nos ganhos iniciais?
5. Como se deu a relação com o governo no que concerne o reconhecimento da associação e da estrutural?
6. Como é a articulação com as demais associações? Há pouca articulação e por que não ocorre muito?
7. Como se dá o engajamento e a participação das pessoas?

8. Como você avalia a condição de diálogo entre as associações e a sociedade em geral/governo?
9. Você já viu uma associação “nascer” e “morrer”? Por que você acha que isso acontece

Fonte: Elaboração própria

Em seguida, o roteiro de entrevista realizado com o Administrador regional da Estrutural:

Quadro 3 - Roteiro de Entrevista com o Administrador Regional

1. Trajetória do Administrador
2. Como o senhor vê hoje, o tema das organizações sociais?
3. Quais os principais desafios e problemas?
4. Como o senhor vê a anterior relação da administração central com as associações e movimentos de moradores? E como o senhor deseja fazer agora?
5. Nesses 40 dias que o senhor esteve por aqui, o senhor teve contato com alguma associação?
6. Nesses 40 dias que o senhor esteve por aqui, o senhor teve contato com alguma associação?
7. Como o senhor avalia a condição de diálogo entre sociedade, associação e governo?
8. O senhor falou sobre grupos antagônicos que atrapalham. Que grupos são esses?
9. O que o senhor espera até o final da gestão?

Fonte: Elaboração própria

Uma observação importante a fazer é que as perguntas 8 e 9 surgiram a partir da conversa com o administrador.

Além do instrumento mais comum das entrevistas, foi também desenvolvido e utilizado um instrumento mais interpretativista de investigação. Tratou de uma espécie de quadro interpretativo, com um dimensão lúdica importante, com o objetivo de fazer emergir criativamente a percepção dos “entrevistados” sobre o objeto da investigação que e as relações de reconhecimento e construção coletivas entre os sujeitos sociais.

Este instrumento compõe a pesquisa para elaboração do trabalho de conclusão de curso da graduação de Gestão de Políticas Públicas na Universidade de Brasília, cursada pela aluna Grazielly Conceição Lima. O formulário vis mapear as associações da Estrutural. Sua contribuição será muito importante para o estudo.

Caso deseje receber os resultados, informe aqui o seu e-mail: _____ Agradecemos sua participação!

<ul style="list-style-type: none"> • Distribua no espaço abaixo as organizações da sociedade civil que estão presentes na Estrutural, colocando mais próximas as organizações que você percebe que possuem afinidade ou articulação, e mais distantes, as que não costumam se agrupar. Você pode organizá-las também em desenhos que represente grandes ou pequenos grupos ou blocos. Para facilitar, pode usar o número ou siglas. Caso você conheça e deseje, pode aumentar a nossa listinha! • Depois de distribuí-las, circule agrupando as entidades que você identifica que costumam atuar juntas e faça um asterisco naquelas com as quais você ou sua organização já trabalharam. 	<p>Associações da Cidade Estrutural</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Associação Mãos que criam 2. Associação Viver 3. Semeando a Esperança 4. Coletivo Cidade 5. Reciclando Sons 6. Instituto Superar 7. MECE – Movimento de Educação e Cultura da Estrutural 8. Associação Francisco de Assis 9. Associação Alecrim 10. São José Operário 11. Sonhos de Liberdade 12. 13.
---	--

Fonte: elaboração própria.

O instrumento utilizado consiste em um formulário com as organizações mapeadas e um quadro ao lado, em que o entrevistado deveria escrever os números correspondentes às associações ou o próprio nome da associação, posicionando de acordo com a afinidade ou distância, formação de grupos ou enfatizando aquelas que já tiveram relação. O formulário foi apresentado após a realização da entrevista semi estruturada. O entrevistado tinha total liberdade para acrescentar mais associações que conhecia ou que já teve algum contato. É importante destacar que nem todas associações e grupos trabalhados estão na lista no quadro interpretativo, pois algumas associações foram indicadas pelo entrevistado para compor a lista.

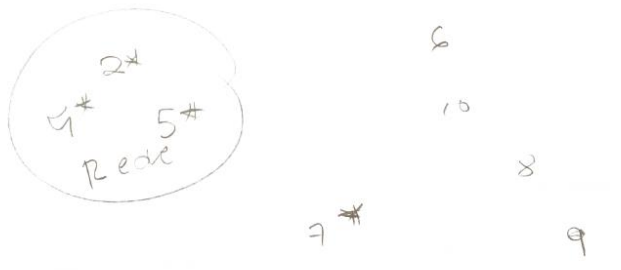
Um dos exemplos desenvolvidos (Apêndice L):

Associação Viver

Este instrumento compõe a pesquisa para a elaboração do trabalho de conclusão de curso da graduação de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília, cursado pela aluna Grazielly Conceição Lima. O formulário visa mapear as associações da Estrutural. Sua contribuição será muito importante para este estudo.

Caso deseje receber os resultados, informe aqui o seu e-mail: _____ Agradecemos sua participação!

<ul style="list-style-type: none"> Distribua no espaço abaixo as organizações da sociedade civil que estão presentes na Estrutural, colocando mais próximas as organizações que você percebe que possuem afinidade ou articulação, e mais distantes, as que não costumam se agrupar. Você pode organizá-las também em desenhos que represente grande ou pequenos grupos ou blocos. Para facilitar, pode usar o número ou siglas. Caso você conheça e deseje, pode aumentar a nossa listinha! Depois de distribuí-las, circule agrupando as entidades que você identifica que costumam atuar juntas e faça um asterisco naquelas com as quais você ou sua organização já trabalharam. 	<p>Associações da Cidade Estrutural</p> <ol style="list-style-type: none"> Associação Mãos que Criam Associação Viver Semeando a Esperança Coletivo Cidade Reciclando Sons Instituto Superar MECE – Movimento de Educação e Cultura da Estrutural Associação Francisco de Assis Associação Alecrim São José Operário Sonhos de Liberdade
--	---



4. CONHECENDO UM POUCO DA ESTRUTURAL

Em 1960 Brasília, a capital do Brasil foi criada com toda sua importância na posição de dentro do país, a centralidade do poder nas tomadas de decisões de políticas e onde se localiza as instituições públicas federais (BESSA; BOULLOSA 2019). Para começar, é importante lembrar que o DF, em sua época de criação, agregou núcleos urbanos já existentes, como era o caso da cidade de Planaltina que foi parcialmente incorporada a esta nova territorialidade (deixando o “restante” em Goiás), com outros novos núcleos, inclusive o recém-criado núcleo de Brasília. Todos eles foram chamados de Regiões Administrativas (RAs), sendo atribuída à primeira região (RA I) ao que hoje chamamos de Plano Piloto. Mas nem sempre foi assim, do ponto de vista das nomenclaturas. O DF, ou seja, Brasília, está atualmente dividido em 31 RAs. E nenhuma delas hoje se intitula Brasília. Mas nem sempre foi assim: a RA, intitulada Plano Piloto (RA I), chamava-se “Brasília” na época da sua criação, em 1960, e assim permaneceu até 1989, quando passou a

se chamar com seu nome atual, "Plano Piloto", embora com delimitação geográfica diferente da atual, segundo Bessa e Boullosa 2019, p 5:

Esta situação durou pouco e em 1990 o Plano Piloto voltou a ser chamado de Brasília, permanecendo novamente assim até 1997, quando volta a ser oficialmente denominada como "Plano Piloto", mais uma vez com nova delimitação geográfica. Assim, Brasília passou pelos menos duas vezes por longos períodos de confusão metonímica: de parte a todo e de todo à parte.

É importante levar em consideração os aspectos culturais que diferenciam o núcleo central que recebe popularmente o nome de Brasília (Plano Piloto somado a outras três ou quatro RAs), bem como a forte segregação socioespacial, com claras diferenças nos índices de qualidade de vida e de violência urbana, por exemplo, reforçando a distinção entre Brasília e DF. De acordo com o Coeficiente de Gini (metodologia utilizada para medir desigualdade) o Distrito Federal é o território mais desigual desse enorme país de proporções continentais já tão desigual.

É importante destacar que o Plano Piloto foi tombado pela UNESCO em 1987, como Patrimônio Cultural da Humanidade, passando a ser chamado "conjunto urbanístico de Brasília" (BESSA, BOULLOSA, 2019) o que também reforça tal diferenciação, a Cidade Estrutural, por exemplo localiza-se a 15 minutos do centro da cidade e é umas das cidades consideradas com menor IDH.

Segundo o mapa das desigualdades sociais, as três cidades mais desiguais do Distrito Federal são: São Sebastião, Estrutural e Samambaia, os dados revelam que são cidades com maior difícil acesso à educação, saúde, transporte e cultura, contrapondo-se ao um dos maiores IDH's do país que é o Plano Piloto.

A seguir o mapa das regiões administrativas para contextualização de localidade de Brasília e regiões administrativas:

rodovia, DF-095, Estrada Parque Ceilândia (EPCL), administrada pelo DER-DF, para interligar a Estrada Indústria e Abastecimento – EPIA, na altura da Cidade do Cruzeiro à Taguatinga, DF-001, hoje conhecida como Pistão Norte. Um pouco adiante, localiza-se a Ceilândia, já na BR-070, que integra o Sistema Viário Nacional, rodovia radial, com sentido de Brasília a Cuiabá-MT, uma Via Estrutural.

Em 1989, foi criado o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – SCIA em frente à Vila, época em que se previa a remoção da invasão, para outro local. Segundo a primeira presidente da Associações de Moradores da Estrutural, a cidade começou com apenas 273 moradores construindo barracos distantes uns dos outros. O governo Joaquim Roriz (1991-1994) influenciou bastante no processo de aproximação das pessoas à cidade, no entanto, houve várias tentativas de remoção, os moradores sempre estavam armados para resistir e se proteger dos atos de violência.

Ao fim do governo Roriz (1994 – Partido Trabalhista Renovador), através do sindicato dos bancários, o governador Cristovâm Buarque (PT) começou a se aproximar da cidade fazendo campanhas para o melhoramento da cidade, então o Deputado Distrital Zé Edmar que liderava um grupo da oposição, influenciou a todos a ficarem do lado do partido do Cristovâm pelas propostas de melhoria da cidade, sendo assim Cristovâm ganhou as eleições em 1995. Desta forma, começam de fato as primeiras lideranças da cidade com Marlene e Joaquim, que eram vistos como lideranças fortes e confiáveis. As pessoas recebiam o “kit invasão” que eram placas de madeiras para que pudessem construir seus barracos, a partir daí houve um aumento significativos de pessoas e famílias na Estrutural, que passou a ser dividida em Vila Velha e Vila Nova. A Vila velha era a parte mais antiga ocupada por catadores e moradores das chácaras perto do Lixão, a Vila Nova ficava próximo a Via Estrutural, que atualmente localiza-se a Cidade do Automóvel. Houve um salto no crescimento populacional de 2.714 para 5 mil famílias (documentário estrutural, 2015), com a liderança e o apoio político na época, a lideranças tiveram um grande papel de incentivo.

O governo na época tentou implementar uma administração militar para que toda área fosse cercada de arame farpado para retirar a população para que a Terracap pudesse comercializar a área. As tentativas de remoção resultaram em confrontos contra a polícia, pessoas feridas, mortas, mas ainda assim movimento de liderança era muito forte, eles se organizavam e faziam reuniões semanais para

traçar planos de continuar habitando a cidade, no entanto, muitos assinaram documentações pelo Major para sair da cidade, mas ao mesmo tempo em que governo retirava, as pessoas retornavam para reconstruir seus barracos. As tentativas de remoção foram paradas a partir do momento em que houve a Operação Tornado, em que tentaram remover as pessoas pela noite, havendo lesões corporais, sequestros e mortes, houve uma grande comoção após a operação tornado e em 1998 as pessoas começaram a ir para as ruas revoltadas com todo o ocorrido.

A partir da organização das quadras, surgiram as eleições comunitárias, independência política, prefeitura de quadras, que eram organizadas como “pequenos municípios”, poderiam ter várias lideranças, prefeitos de bairros, e depois foi uma eleição de um prefeito comunitário geral e os demais seriam a Câmara de vereadores. Existia na época investimentos políticos partidários em cima das lideranças com Patrocínio – partidos etc. É a cidade que possui mais líderes comunitários e também mais conflitos de ideias e as vezes isso atrapalha. (Morador da Estrutural, 2015). Personalidade jurídica para representar a comunidade junto ao governo local, principalmente na Vila Santa Luzia é a favela da Estrutural – preconceito por parte de não ser 15 minutos do plano piloto mostram realidade completamente distintas. Sendo assim, todas as práticas de resistência dos moradores as diversas tentativas falhas de remoção resultou na aprovação da LEI COMPLEMENTAR Nº 530, DE 20 DE JANEIRO DE 2002 que institui a Vila Estrutural:

Art. 1º Fica declarada Zona Habitacional de Interesse Social e Público – ZHISP - o assentamento populacional denominado Vila Estrutural, localizado entre a DF-095, o Córrego do Valo e os limites do Parque Nacional de Brasília, para fins de aplicação da Lei nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979, do art. 32 das Disposições Transitórias da Lei Orgânica do Distrito Federal e da Medida Provisória nº 2.220, de 04 de setembro de 2001.

Tanto a Administração, quanto os moradores utilizam a nomenclatura Cidade Estrutural por ser uma cidade composta pelo Setor Complementar de Indústria e Abastecimento, no entanto, juridicamente a nomenclatura estabelecida é de Vila Estrutural, conforme o quadro de base jurídica abaixo:

Legislação	Finalidade
LEI DISTRITAL Nº 3.315, DE 27 DE JANEIRO DE 2004	Cria a Região Administrativa e as Subadministrações Regionais que especifica e dá outras providências.
DECRETO Nº 24.800, DE 15 DE JULHO DE 2004	Dispõe sobre a implantação da Administração Regional do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – RA XXV.
DECRETO Nº 27.097, DE 22 DE AGOSTO DE 2006	Regulamenta a Lei Complementar nº 715, de 24 de janeiro de 2006, que Cria a Zona Especial de Interesse Social – ZEIS, denominada Vila Estrutural.
LEI COMPLEMENTAR Nº 715, DE 24 DE JANEIRO DE 2006	Cria a Zona Especial de Interesse Social – ZEIS, denominada Vila Estrutural.
DECRETO Nº 28.081, DE 29 DE JUNHO DE 2007	Dispõe sobre a criação da Área de Relevante Interesse Ecológico do Córrego Cabeceira do Valo e da Área de Relevante Interesse Ecológico da Vila Estrutural, situadas na Região Administrativa do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – SCIA – RA XXV.
DECRETO Nº 33.350, DE 19 DE NOVEMBRO DE 2011	Aprova o Projeto de Parcelamento Urbano do Solo denominado “Vila Estrutural” localizado na Região Administrativa do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – SCIA – RA XXV.

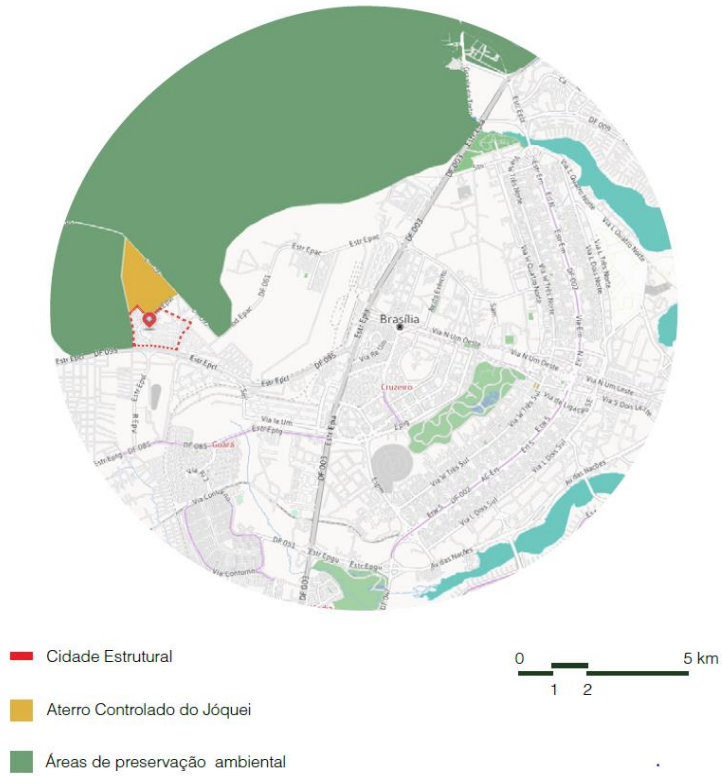
DECRETO Nº 33.781, DE 11 DE JULHO DE 2012	Aprova o Projeto de Parcelamento Urbano do Solo denominado "Vila Estrutural", localizado na Região Administrativa do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – SCIA – RA XXV.
---	---

Já o Lixão da Estrutural existe desde meados de 1960 em consonância com a Estrutural, foi considerado o maior lixão da América Latina e consta na lista dos 50 maiores lixões do mundo (CIDADES inteligentes, 2017). Nomeado de Aterro Controlado do Jóquei, muito conhecido como Lixão da Estrutural ocupava uma área de aproximadamente 200 hectares, o que corresponde a cerca de 243 campos de futebol e acumula mais de 40 milhões de toneladas de lixo, que podem formar uma montanha de quase 55 metros de altura. Segundo a reportagem do INESC (2016), cerca de 887.220 toneladas de lixo em um ano, o que corresponde a mais de 2.400 toneladas de lixo por dia. O lixão recebia média 5 mil toneladas de entulhos de construções, a somatória resulta em mais de 7 mil toneladas de lixo por dia. De acordo com a reportagem do INESC (2016):

De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (Pnad), realizada pelo IBGE, 98% da população do Distrito Federal conta com coleta urbana de lixo, e segundo o Panorama de Resíduos Sólidos da Abrelpe, são gerados cerca de 4.500 toneladas por dia. Em 2017 o governador do Distrito Federal Rodrigo Rollemberg anunciou o fechamento do maior lixão a céu aberto da América Latina, o Lixão da Estrutural e foi desativado oficialmente no dia 20 de janeiro de 2018.

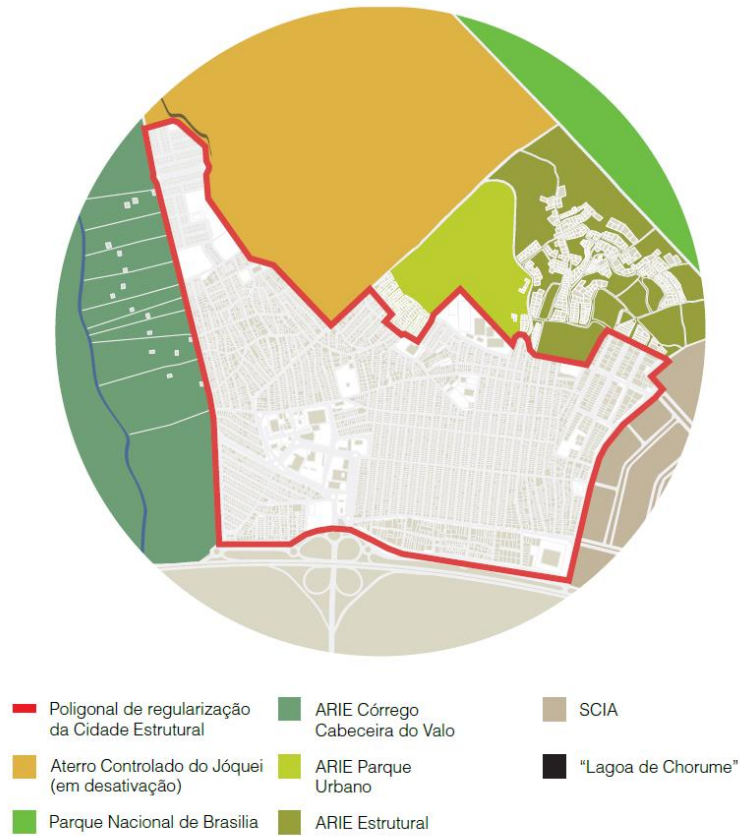
No entanto, segundo a reportagem do G1 (2018), os catadores que deixaram de atuar no lixão, passaram a receber 360,75 reais para trabalhar nos galpões do GDF, como uma forma de compensação.

Localização da Estrutural



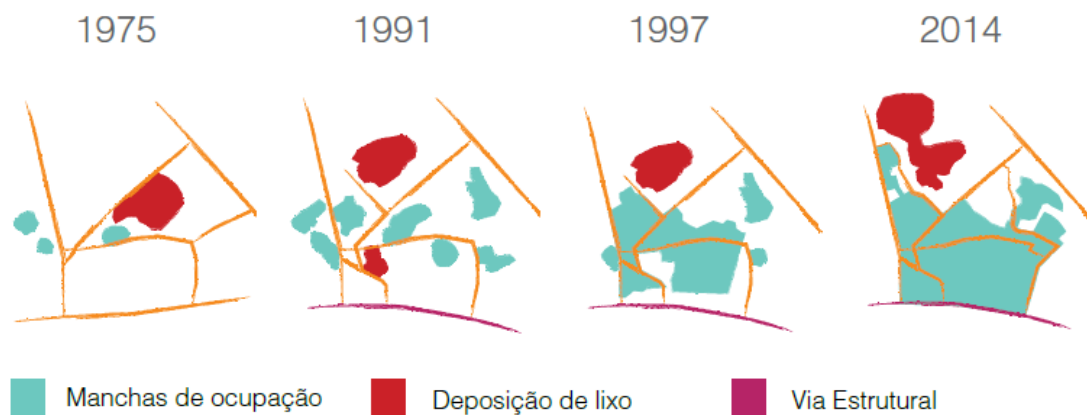
Fonte: GUIMARÃES, Maíra Oliveira. Qualificação urbana da Cidade Estrutural. 2014

Limites Ambientais e Administrativos



Fonte: GUIMARÃES, Maíra Oliveira. Qualificação urbana da Cidade Estrutural. 2014

Histórico de ocupação



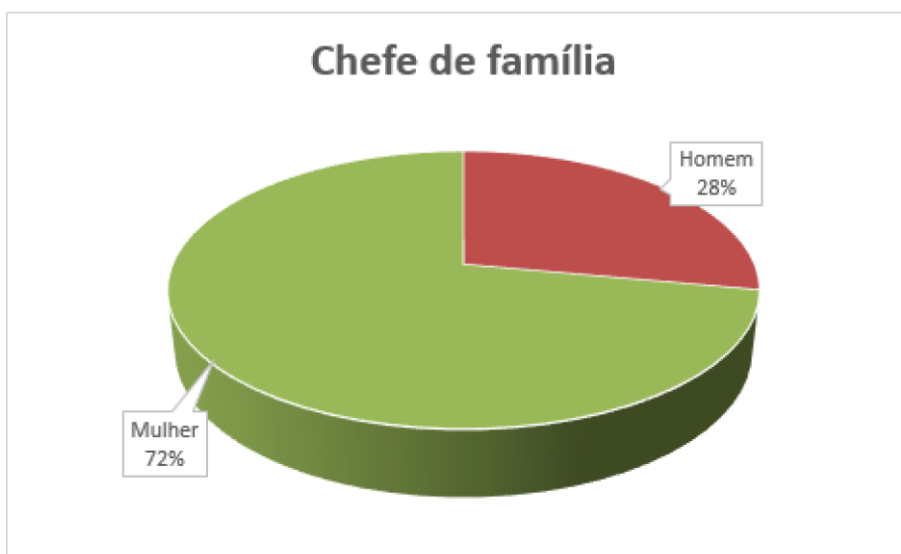
Fonte: GUIMARÃES, Maíra Oliveira. Qualificação urbana da Cidade Estrutural. 2014

Os gráficos revelam a localização da Estrutural em relação ao aterro e as áreas de preservação, no último gráfico traduz o histórico da evolução da ocupação aos arredores do lixão, ou seja, a ocupação constante devido as formas de sustento onde a população encontrava no Lixão da Estrutural.

É importante salientar que durante a realização do trabalho, houve muita dificuldade em localizar dados habitacionais recentes sobre a cidade Estrutural. A pesquisa mais recente foi realizada pela CODHAB que foi produzido um relatório da pesquisa de avaliação de pós – ocupação. A pesquisa foi realizada nos dias 13 e 14 de setembro de 2019, em parceria com a SEJUS e diversas secretarias de órgãos do DF, em que foi aplicado questionários para 437 famílias da cidade Estrutural.

O primeiro gráfico revela que a maioria dos chefes de família são mulheres de faixa etária de 18 a 40 anos (CODABH 2019) que possuem ensino fundamental incompleto, resultando consequência com a inserção no mercado de trabalho e a renda familiar:

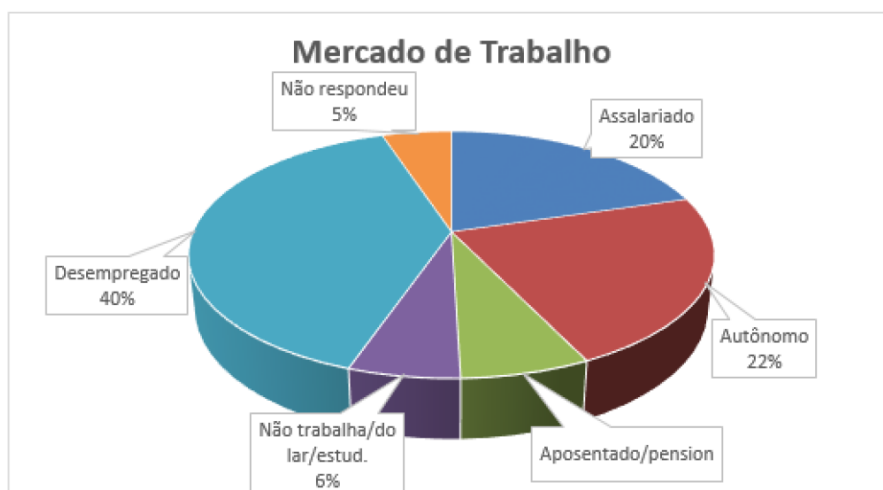
Gráfico I - Distribuição de Chefe de família, conforme sexo:



Fonte: Relatório SEI-GDF n.º 1/2019 - CODHAB/PRESI

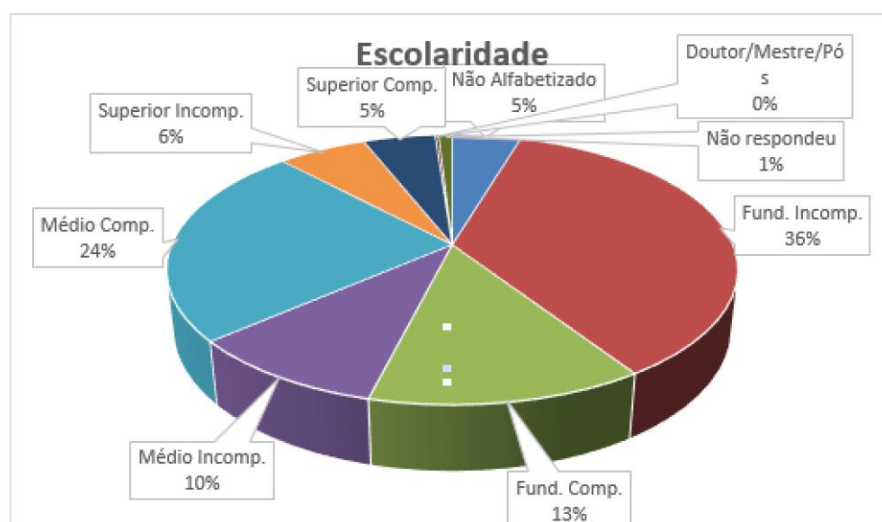
O segundo gráfico aponta para Verifica-se que a baixa escolaridade afeta negativamente o acesso ao mercado de trabalho, onde 40% estão desempregados, 22% são autônomos, 20% são assalariados e 7% são aposentados ou pensionistas estão desempregados.

Gráfico II - Distribuição em relação ao mercado de trabalho:



Fonte: Relatório SEI-GDF n.º 1/2019 - CODHAB/PRESI

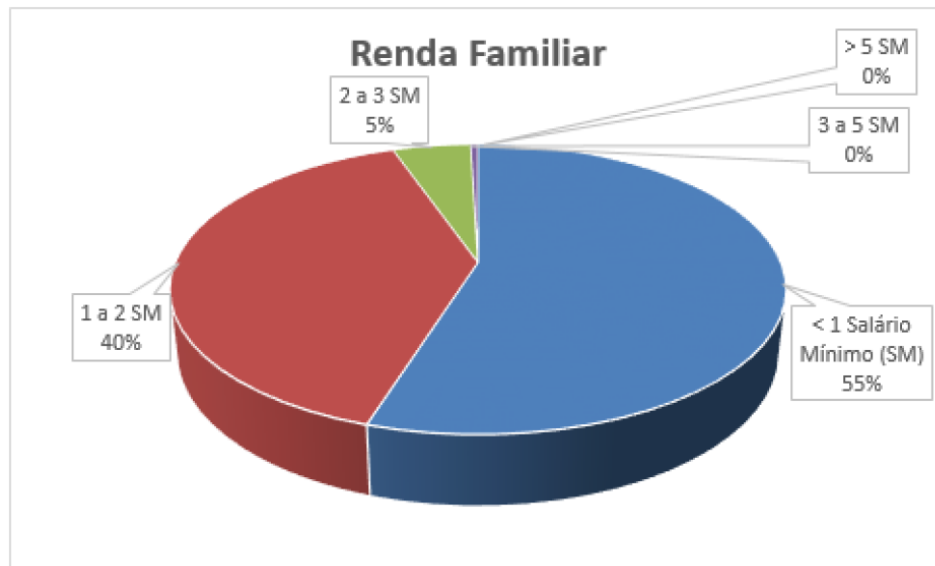
Gráfico III - Distribuição conforme escolaridade.



Fonte: Relatório SEI-GDF n.º 1/2019 - CODHAB/PRESI

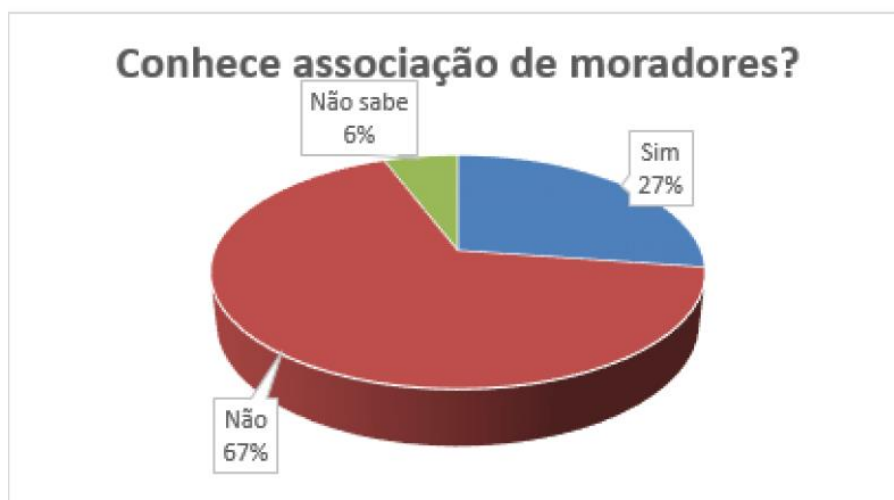
O terceiro gráfico diz respeito ao a baixa escolaridade dificulta a ascensão ao mercado de trabalho, no qual 36% dos entrevistado possuem ensino fundamental incompleto.

Gráfico IV - Distribuição da renda familiar.



O quarto gráfico apresenta a renda familiar da comunidade, diz respeito a baixa escolaridade, dificultando o acesso ao mercado de trabalho.

Gráfico V - Conhecimento sobre associação de moradores no bairro.



Fonte: Relatório SEI-GDF n.º 1/2019 - CODHAB/PRESI

O quinto gráfico é um dado importante para esta pesquisa, pois mostra que 67% não conhecem as associações de moradores.

Resultante do gráfico anterior, o sexto gráfico aponta para que dos 27% que conhece a associações, 76% não participam das reuniões realizadas pelas associações.

Gráfico VI - Participação de reuniões das associações de moradores de bairro.



Fonte: Relatório SEI-GDF n.º 1/2019 - CODHAB/PRESI

Desta forma, os dados revelam atualmente que a Estrutural ainda é uma cidade marginalizada, com altos índices de desigualdade, contribuindo com a vulnerabilidade e, mesmo sendo uma cidade próxima ao plano piloto, de idade similar a construção de Brasília, ainda se encontra distante da agenda de políticas públicas. Problemas de saúde, educação, mercado de trabalho, transporte ainda atingem a população. Os dois últimos gráficos, que reforçam o pouco conhecimento da população em relação às associações, dizem muito sobre o que Robert Putnam aborda sobre o desenvolvimento social estar atrelado à participação da comunidade.

5. ANÁLISE DO CASO

Este capítulo foi estruturado em três pontos importantes que se retroalimentam: primeiro a apresentação dos grupos mapeados e aqueles trabalhados, em seguida a problematização do baixo grau de associacionismo, a problematização do baixo desenvolvimento, devido ao associacionismo limitado, porquanto, como demonstram os dados já abordados nesta pesquisa, poucos moradores conhecem as associações e se envolvem com as mesmas, e em seguida uma breve descrição das organizações trabalhadas prosseguindo com a relação entre eles.

5.1. Grupos mapeados e grupos trabalhados

Foram mapeados 13 grupos. No entanto, foi possível trabalhar apenas com 10 organizações como mostra a tabela a seguir:

Nome do grupo	Natureza	Tentativa de contato	Pesquisa realizada
1. Associação Mãos que Criam	Associação	SIM	16/04/2019 Duração: 1h10 min
2. Associação Viver	Associação	SIM	30/04/2019 Duração: 54 min
3. Associação Alecrim	Associação	SIM	08/05/2019 Duração: 39min
4. Semeando a Esperança	Associação	SIM	06/05/2019 Duração: 40 min
5. Movimento de Educação e Cultura da Cidade Estrutural	ONG	SIM	09/05/2019 Duração: 1h20
6. Coletivo da Cidade	Coletivo	SIM	10/05/2019 Duração: 30min
7. Reciclando Sons	OSCIP	SIM	13/05/2019 Duração: 37min

8. Instituto Superar	ONG	SIM	09/05/2019 Duração: 30min
9. Associação Francisco de Assis	Associação	SIM	08/05/2019 Duração: 30min
10. Administração Pública	Administração regional	SIM	18/10/2019 Duração: 37min
11. Associação ambientalista	Associação	SIM	NÃO
12. Sonhos de liberdade	Organização	SIM	NÃO
13. São José operário	Associação	SIM	NÃO

Fonte: elaboração própria

5.2. Problematização o grau de presença “individual” das organizações.

Com as associações trabalhadas, pude perceber o baixo grau de envolvimento e articulação entre as organizações, pois cada grupo trabalha de maneira individual, pois elas acreditam que nem todas trabalham em prol da comunidade, elas acreditam que a maioria dos grupos nascem por interesses políticos e individuais, ou por lideranças impostas. As relações entre os atores são modeladas por essa representação, ou seja, a gramática e a vivência num contexto de individualidade desses grupos traduzem o comportamento do público, enfraquecendo a confiança social, reciprocidade e envolvimento da comunidade a fim de cooperarem em conjunto.

5.3. Problematização do baixo grau de articulação entre as associações.

Ao fato das associações atuarem de forma individual como fruto desta presença limitada, traduz a falta de reconhecimento entre elas aliado, talvez, a uma forte disputa entre elas.

Segundo Daniel Cefaï (2009), as organizações de movimentos sociais ao longo de muito tempo eram vistas como “máquinas de guerra ou menos eficazes contra o adversário, ou jazidas de capital social para se investir e rentabilizar”. No entanto, o autor infere que as organizações também servem para sociabilidade, um conjunto de normas, indivíduos que podem organizar, ordenar e dizer o que os constituintes podem fazer.

. De acordo com o autor (Cefaï, 2009, p 19) as organizações:

Elas constituem conjunturas práticas sensíveis, que fixam hábitos de cooperação e de conflito e que fornecem parâmetros de experiência cognitiva e normativa. Elas são indissociavelmente vetores de concentração de capitais materiais e humanos, incubadoras de redes de ativistas, chocadeira de empreendimentos de militância, geradores de energia simbólica, instâncias de representação coletiva. Certo número de trabalhos nesse âmbito de estudo pode ser posto em diálogo com uma abordagem mais pragmática e pragmatista.

Desta forma, agrupam-se em organizações “fluidas ou não” (Cefaï, 2009 p. 19) ao redor de situações consideradas problemáticas e com a experiência adquirida ao longo do tempo, é possível se deparar com as soluções que podem se transformar ou serem transformadas pelo ambiente.

Sendo assim, é viável que busquem nos modelos de organizações disponíveis e que através delas possam se criar novas formas. “Elas experimentam esquemas de circulação de informações, de repartição de poderes e de divisão de tarefas, de cooperação de distribuição de direitos e concentração de decisões” (Cefaï, 2009 p. 20), no entanto a cada escolha realizada nas associações, determina a modelagem de reivindicação, experiências, conflitos e entendimentos. Nesta pesquisa, as organizações trabalhadas lidam com as mais diversas tematizações, elas tentam suprir aquilo que é visto como problemas públicos na cidades, elas se moldam e mobilizam a partir do momento que consideram o problema o público.

5.4. Sobre os grupos trabalhados

Inicialmente será apresentado um breve histórico sobre cada grupo trabalhado, quase todos no formato de associação, foram descritos com trechos das entrevistas de modo a se compreender o contexto de produção de suas gramáticas de justificação e a visão dos entrevistados sobre a falta de articulação e proximidade entre as organizações.

a) Associação Mãos que Criam

Esta associação foi criada nos anos 2000, por um conjunto de mulheres que se viam com o problema de vulnerabilidade social e extrema pobreza. A associação é formada costureiras e artesãs, cujo o objetivo principal é o desenvolvimento da autoestima de mulheres com ações de capacitação profissional e geração de renda. A Mãos que Criam realiza diversos trabalhos e desenvolve técnicas e habilidades de corte e costura e artesanato em geral. O projeto começou há 19 anos com apenas 25 mulheres que buscavam uma oportunidade de sustentar a própria casa com o material retirado do Aterro Sanitário que existe na cidade, transformando em produtos artesanais. Atualmente a associação conta com diversas associadas e parcerias para continuar mantendo o trabalho.

Segundo a Entrevistada 1:

Atualmente, somos responsáveis por gerar renda familiar através da linha de produção, somos fornecedoras de trabalho, utilizamos este espaço para além de aprender, gerar renda e gerar serviço para as mulheres ganharem sua própria renda. A gente não tem condições de crescer sem trabalhar, tem que ter uma linha, uma produção pra se manter. A associação envolve a falta de emprego na comunidade, envolve um espaço para produção e envolve as associadas, desde que seja associada para poder usar as máquinas, aprender e treinar.

A Associação acredita que as lideranças podem atrapalhar na articulação entre as organizações, por serem lideranças impostas:

Acho que existe o problema de ter muita mistura e muita confusão com algumas lideranças que são organizações impostas para tentar formar líderes, acho que tem alguém por trás tentando gerar líderes e a comunidade, ela está perdida em termos de quem é quem e do que fazer e oferecer pra eles, não sabem, estão perdidos.

b) Associação Viver

Associação VIVER nasceu nos anos 1990, presta um tipo de serviço que é denominado Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). É um serviço oferecido a crianças e adolescente de proteção básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Segundo a Entrevistada 2:

É fruto da iniciativa de missionários da 1ª Igreja Presbiteriana do Brasil no Cruzeiro, que sensibilizados e movidos pelos problemas da Estrutural, mobilizaram-se para suprir necessidades básicas de crianças e seus familiares que tiravam o seu sustento do lixo e moravam em barracos em meio ao aterro sanitário.

É uma das Associações conveniadas e possui parceria com o Banco de Alimentos e participa da REDE (Rede Social da Estrutural). Segundo a Associação Viver, o diálogo ainda precisa melhorar entre associações, sociedade e governo. “Ainda precisa melhorar muito, o envolvimento da comunidade, a participação das associações nas reuniões e o apoio governamental mesmo.” (Entrevistada 2)

c) Associação Alecrim

A Associação nasceu da iniciativa de uma ex catadora do Lixão em 1999, quando estava impossibilitada de trabalhar no lixão, começou a cuidar dos filhos de outros catadores. Atualmente a associação cuida de 80 crianças na faixa etária de 2 a 3 anos.

Segundo a Entrevistada 3:

A minha filha nasceu com uma cardiopatia, um problema muito sério, ela tinha horas de vida, falei com todo mundo pra ajudar na cirurgia e foi um sucesso e hoje ela está curada. E o tempo foi passando e pós operatório dela ocupou todo meu tempo, e não tinha mais como eu ir pro lixão, pois eu sempre trabalhei lá e nesse período, então eu optei por ficar em casa com ela pra me dar os cuidados necessários pra ela, e nesse período comecei a ficar com os filhos dos meus vizinhos, para que eles pudessem continuar no lixão. Nunca tive pretensão em abrir a associação, quando a gente viu a gente já tinha agregado crianças demais e não havia condições de parar. Foi daí que nasceu a Associação Alecrim, vamos completar 10 anos em dezembro.

Segundo a entrevistada, as associações pouco se articulam por interesses particulares ou políticos:

Acho que as associações pouco se articulam porque as pessoas focam muito no querer aparecer e esquecem da essência. Muitas associações fecham por interesses financeiros, a cidade acaba que fica sem amparo. O lixão por exemplo, era um trabalho informal, mas era de lá que vinha o pão de cada dia de muitas mesas, tiraram sem perguntar se podia e não tinham nenhuma forma de devolver o sustento. Muitos moradores ex presidiários me falaram que iam voltar pro crime porque não tinham mais de onde tirar renda.

d) Semeando a Esperança

A associação semeando esperança nasceu da necessidade de inúmeras crianças desatendidas na comunidade santa luzia e em toda Estrutural. A organização é um projeto social que atende filhos de catadores desde 2016, a maioria mora na Santa Luzia, a maioria são crianças que estão em vulnerabilidade, que não tem alimento em casa, problemas domésticos A organização surgiu quando a líder da associação ficou viúva e partir disso começou fazer visitas na Santa Luzia e a partir daí iniciou fazendo projetos sociais para assim poder consolidar a associação.

Segundo a Entrevistada 4:

Ainda estamos passando por muitos desafios e dificuldades, as associações do bairro Santa Luzia passam mais dificuldades daquelas que estão situadas no centro da Estrutural. A santa luzia não tem esgoto, asfalto, os pais não têm condição, mas quando a gente se envolve muito, a tendência é dar certo.

A associação acredita que a falta de diálogo e distanciamento ocorra pelo fato de cada organização operar de maneira individual e que desta forma funcione melhor: “Eu entendo que cada um faz o seu trabalho do jeito que entende, talvez os modos diferentes de trabalho das associações provoque alguns desentendimentos, e talvez funcione melhor cada um trabalhando individualmente.”

e) Movimento de Educação e Cultura da Cidade Estrutural

O MECE é uma organização não governamental (ONG) fundada na Cidade Estrutural em 2003, com o intuito de promover a igualdade e auxiliar na melhoria

das condições de vida da região. O MECE começou alfabetizando adultos que não tinham condições de frequentar uma escola, assim como o grupo procurava fazer debates e rodas de conversas sobre a cultura, política e entre outros diversos assuntos. Assim, foram surgindo projetos como o Banco Comunitário e o Ponto de Memória, este segundo procurava registrar a trajetória da cidade estrutural em exposições e oficinas, trabalhando com jovens e adultos.

Segundo a Entrevistada 5:

Nós alfabetizávamos no princípio que é de uma alfabetização solidária, mesmo não sabendo ler, nem escrever em código, ela sabe ler o mundo, sabe construir, só não sabe o codificação. Então era assim que a gente alfabetizava, a pessoa vinha e falava como ela achava que deveria ser a cidade, e por causa disso, fomos procurados para realizar o projeto dos pontos de memória.

A Entrevistada acredita que a falta de comunicação entre as organizações ocorre por interesses políticos e que não condizem em realizar trabalhos em prol da comunidade:

Existe muita rivalidade, a Estrutural é uma cidade politicamente dividida. Tem várias associações com apoio de políticos, como nós somos uma associação que não tem apoio político, ficamos mais isolada das outras (...). Quando se fala em associação, deveria ser um grupo que está trabalhando em prol da comunidade, mas na maioria das vezes, é uma organização conveniada, ela tem um CNPJ porque ela tem que receber convênio das pessoas.

f) Coletivo da Cidade

O Coletivo da Cidade é uma organização localizada na Cidade Estrutural (DF) que atua prioritariamente com o atendimento de crianças e adolescentes no contra turno escolar. Nasceu em 2007 quando as pessoal que fazia serviço social na Associação Viver tiveram que sair da associação por desacordo de metodologia que iam contra ao que já era estabelecido pela igreja na associação.

Segundo o Entrevistado 6:

Então, esse grupo de pessoas começou a fazer algumas propostas metodológicas, atividades que iam ao desencontro de tudo aquilo que a igreja entendia como positivo. Então, o pessoal da igreja quis expulsá-los

do espaço, só que as famílias não queriam que eles saíssem porque já tinham um vínculo construído e tudo mais. Então essas pessoas ocuparam a associação Viver durante 15 dias, até que fizeram um acordo junto com a secretaria para que eles tocassem o trabalho em outro espaço, assim surgiu o coletivo cidade.

O Coletivo oferece alternativas artísticas e educativas como meio de transformação social. Pensada e construída a partir de sua própria metodologia em fortalecimento de vínculos no território em que atua, a organização também se caracteriza como um importante espaço de convivência comunitária e capacitação profissional para os moradores da cidade, articulando-se em rede com outros grupos e instituições parceiras.

O coletivo afirma que a comunidade pouco participa e se articula com as demais organizações e possui ainda um diálogo muito complexo:

É frágil, porque as outras trabalham em uma lógica de receber recurso, então elas tem uma lógica do depósito mesmo, de receber. Eu puxo a reunião da REDE, acho bem simbólico que as reuniões aconteçam dentro das instituições, que assim a gente consegue garantir a participação de outros atores, mas é muito difícil a adesão deles, da comunidade mesmo, quem participa mesmo são os representantes das organizações. A gente já tentou fazer com que as demais participem, mas metodologicamente é difícil, muito desestimulante.

g) Reciclando Sons

O Instituto Reciclando Sons (IRS) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) fundada em 2001, que utiliza a música como instrumento de educação, ressocialização, inclusão social e produtiva de crianças, adolescentes, jovens que residiam nas proximidades do Lixão.

Segundo a Entrevistada 7:

Nós trabalhamos com educação musical, atendemos cerca de 150 alunos, temos formação cultural, que é o primeiro contato com a música, nós temos o educacional que é a partir dos 7 aos 16 anos, temos a formação profissionalizante que é dos 16 aos 26 anos e hoje temos o projeto Sabor e Som, que é voltado aos pais. Com o fechamento do lixão, houve uma demanda muito grande de desemprego, então para abrigar esses pais e junto com a comunidade surgiu essa ideia

A organização possui o olhar de que o distanciamento ocorre pela diferente tematização e preferem trabalhar individualmente:

Estamos um pouco distante das associações, mas quando tem algum movimento, a gente sempre participa. A reunião da REDE nós participamos, mas o que a gente vê hoje, é que as organizações estão muito para si e atrapalha a integração. Muitas vezes, as associações não querem criar vínculo pelo trabalho ser diferente de outras.

h) Instituto Superar

O Instituto é uma associação sem fins lucrativos, que nasceu em 2007 e promove a educação de crianças e adolescentes, moradores de comunidades de baixa renda, por meio de atividades esportivas e pedagógicas.

Segundo o Entrevistado 7:

Os alunos têm aulas de Jiu-Jitsu, nas quais são transmitidos diversos princípios e valores importantes na sua formação pessoal, juntamente com aulas de reforço escolar. Iniciamos nossas atividades em 2007, usando as artes marciais como ferramenta para transmitir aos atendidos uma série de valores que são usados no seu dia a dia, tais como: disciplina, autonomia, responsabilidade, auto estima, tolerância à frustração, controle da agressividade, capacidade de interação social e de superação de obstáculos. A partir de 2013, passamos a disponibilizar para os alunos aulas gratuitas de reforço escolar das disciplinas de Português e Matemática. Com o passar do tempo, elaboramos uma metodologia própria de ensino e mudamos a nossa abordagem.

Esta associação acredita que a falta de uma equipe responsável por comunicação impossibilita o diálogo com as demais organizações da Estrutural:

Acho que falta uma gestão melhor nas ONG's, falta alguém que tenha uma noção de como isso é importante. Porque na verdade, cada um faz um trabalho que se juntasse todas as organizações ia ficar muito mais legal. Muita gente faz a mesma coisa em local separado. Eu acho que falta é a gestão profissional, gente pra entender e com iniciativa de querer fazer.

i) Associação Francisco de Assis

A associação surgiu com o Federação Espírita Brasileira em 2008, um grupo de estudos espíritas começou a habitar a Estrutural para realizar trabalho para crianças e jovens em vulnerabilidade social. Atualmente a associação é movida pelo líder e 60 a 80 voluntários, realizam atividades socioeducativas em conjunto com as famílias da Estrutural.

A associação acredita que a falta de comunicação entre as organizações impossibilita a articulação:

(...) a gente até queria participar mais, no entanto, às vezes não dá, somos voluntários e sempre estamos tendo trabalho por aqui, mas sempre quando outras associações nos procuram, nós procuramos ajudar e atender. E acho que às vezes falta comunicação entre as associações, impossibilitando a articulação.

j) Administração Regional

Administrações regional tem a missão de coordenar as ações voltadas ao planejamento local, considerando as particularidades físico-territoriais, fomentando a expressão da vontade popular e as possibilidades econômicas, compatibilizando o planejamento da cidade como um todo. O Atual administrador é o Major Cunha, policial militar de carreira e recentemente (26 de agosto de 2019) a administração do SCIA e da Estrutural.

Em relação a articulação entre os grupos, o administrador acredita que a ausência se justifica pela identidade de grupo, localidade e pela divisão de recursos:

As associações daqui é cada uma no seu quadrado, não sei porque isso, mas assim a gente não vê muito as associações se comunicando. Tem um garoto que faz um trabalho no setor oeste, eu falei pra ele “vamos cuidar aqui dos idosos” ai ele disse: “aí não é meu grupo, meu grupo é o setor oeste”. (...) Fica essa divisão de bairros, não se conversam. A minha visão disso é que pela cidade ser tão carente, fica aquilo do “farinha pouca, meu pirão primeiro”, para não ter que dividir o apoio com o outro, e o que tem já não dá.

De um modo geral, cada associação possui suas particularidades, tematizações, identidade, no entanto, elas possuem uma visão similar ao que diz respeito ao envolvimento e articulação entre elas, reafirmando o baixo grau de articulação e envolvimento como fruto de uma ação individual e presença limitada.

5.5. Sobre a relação entre os grupos

Ao decorrer da visita de campo e das entrevistas, foi notável o distanciamento entre os grupos, mesmo aqueles que se sentiam parte de algum grupo, muitas vezes não tinham proximidade dos líderes das organizações e não conheciam tanto o trabalho um dos outros, a expressão mais utilizada nas entrevistas era “aqui é cada um no seu quadrado”, isso traz a noção do que Robert Putnam diz sobre a cooperação voluntária é mais fácil em uma comunidade que tenha herdado o capital social sob a forma de reciprocidade e sistemas de participação. (PUTNAM, 1993, p. 90). O capital social referido pelo autor são as características da organização social como confiança, normas e ações que possam contribuir para alavancar o desenvolvimento da sociedade em que estão inseridos.

Essa transação limitada não é uma transação efetiva, como ela é limitada, isso acaba impedindo o desenvolvimento social. Putnam ao ler Dewey aborda a necessidade da riqueza de ter associacionismo, ele fala das políticas públicas fomentar o associacionismo, e assim o público vai se organizando e formando um tecido social denso, sem ter que ficar criando estruturas e barreiras. Então nesse sentido, foi visto que a Administração regional reconhece (Apêndice J) a fragmentação do tecido dos grupos, mas não há plano de ação para que haja integração entre as associações e a administração.

Assim, este conjunto de associações e grupos se caracterizam por não estarem fortemente relacionados ao que eles mesmos consideram como políticas públicas. De um modo geral, são os grupos mais antigos da cidade, alguns estão desde a formação da Estrutural, cada um com suas particularidades e tematizações, mas que ainda trabalham de uma maneira individual, não expandindo suas fronteiras de articulação.

Não se pode superestimar a fragmentação faz com que diminuam as forças das associações. Quando um movimento social é colocado dentro do governo, acaba acontecendo essa fragilização do tecido, resulta em um bloqueio na relação entre eles, criando um desequilíbrio. Ao estabelecer hierarquias nas organizações, acaba desmobilizando, criando um equilíbrio exógeno, ao passo que deveria ser um equilíbrio endógeno.

A seguir o quadro de afinidade entre as organizações, segundo os registros que obtive com a aplicação do quadro interpretativo:

Associações Entrevistadas	Organizações de Afinidade
Associação Mãos que criam	Não possui relação direta com nenhuma associação, mas já houve proximidade com a Associação Viver e o Coletivo Cidade.
Associação Viver	Possui relação com as associações da REDE, como o Coletivo cidade e o Reciclando sons.
Associação Alecrim	Se relaciona apenas com a Semeando a Esperança, pela proximidade local e tematização e obteve pouco contato com a São José Operário.
Semeando a Esperança	Se relaciona apenas com a Associação Alecrim, pela proximidade local e tematização. Acredita que as Associações da REDE formam um grupo fechado.
Movimento de Educação e Cultura da Estrutural - MECE	Não possui relacionamento direto com nenhuma Associação, porém, já teve relação com a Associação mãos que criam, Associação viver, sonhos de liberdade e o Coletivo cidade
Coletivo Cidade	Se relaciona com as Associações que fazem parte da REDE, como Associação viver e Reciclando Sons, além das Instituições como CREAS, CRAS.

Associação Reciclando Sons	Se relaciona com as associações que participam da REDE (Reunião do Conselho Comunitário da Estrutural), que são a Associação Viver e o Coletivo cidade
Instituto Superar	Se relaciona com a Associação Inglês na Estrutural e Comunidade Jiu Jitsu, por tematização e proximidade local.
Associação Francisco de Assis	Se relaciona com as Associações SAFRA e o Semeador, com a mesma tematização religiosa Espírita

Fonte: elaboração própria

Foi possível perceber que não há de fato uma relação predominante a outra, mas que há um atomismo entre os grupos mais fortes (com mais apoio e recurso) do que os mais fracos. Quanto a densidade, as associações que mantêm contato devido a participação nas reuniões da REDE, são associações que possuem uma cultura de hierarquia de funções dentro da própria organização, uma característica comum entre os grupos das organizações mais sólidas. Em contrapartida, as organizações mais horizontais não se veem em grupos e acreditam que a interferência do estado nas organizações sociais causa uma desestabilização entre os grupos, criando conflitos e desentendimentos.

6. DISCUTINDO O TECIDO SOCIAL

A partir da análise dos resultados obtidos com o quadro interpretativo, será feita uma análise transversal, alinhando com as discussões já desenvolvidas no capítulo anterior.

6.1. Lógica de formação de grupos

De acordo com o resultados do quadro interpretativo (Apêndice K a S), não foi possível identificar um padrão de afinidade entre as associações. Grande parte assimila que há um grupo fechado formado pelas associações que participam da

reunião mensal da REDE - Reunião do Conselho Comunitário da Estrutural que são associações maiores e que podem possuir convênio. No entanto, todas sinalizaram que no geral, há falta de diálogo e mediação entre as associações, pois estão dispersas e trabalham individualmente, muitas delas, não sabia da existência de alguns dos nomes citados.

O número de grupos variou entre um, dois com até 3 associações no mesmo grupo. A formação do grupo pode representar uma força de associações maiores e consolidadas ou apenas por proximidade e afinidade de tematização. Dois formulários demonstraram que as organizações não se integram em nenhum grupo, mas que já tiveram alguma relação com as associações em destaque. Não foi estabelecido um critério para a formação dos grupos, todos tiveram a liberdade de expor a sua visão em geral, o que justifica a variedade dos grupos.

Destas percepções, emerge em comum um grupo, formado pelas associações 2, 4 e 5 (Associação Viver, Coletivo da Cidade e Reciclando Sons) que um pouco se repete a cada entrevista conforme ilustra o quadro abaixo.

Entrevistado	Grupo	Dispersos
Associação Mãos que criam	Não há presença de grupos	1,2,3,4,5,6,7,8,10 e 11
Associação Viver	1,2 e 4	3,5,6,7,8,9,10 e 11
Associação Alecrim	3 e 9	1,2,4,5,6,7,8,10 e 11
Semeando a Esperança	3 e 9 1,2 e 4	5,6,7,8,10 e 11
MECE	Não há presença de grupos	1,2,3,4,5,6,7,8,10 e 11
Coletivo Cidade	2,4,5, CREAS e CRÁS	1,3,6,7,8,9,10 e 11
Associação Reciclando Sons	2,5 e 4	1,3,6,7,8,9,10 e 11

Instituto Superar	6,13,12	1,2,3,4,5,7,8,9,10 e 11
Associação Francisco de Assis	8,12 e 13	1,2,3,4,5,6,7,9,10 e 11

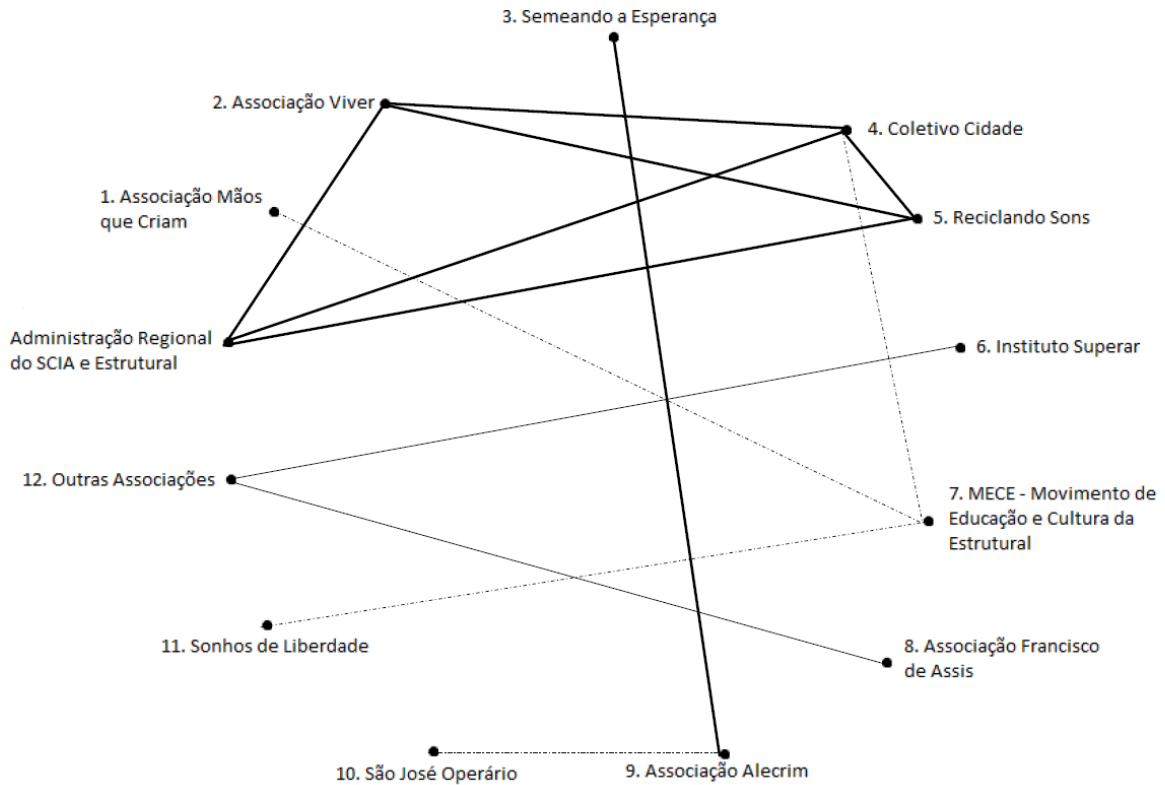
Fonte: elaboração própria

O grupo formado entre a Associação Viver, Coletivo Cidade, Associação Reciclando Sons, embora não reconhecida por todos, emerge sobretudo em quatro entrevistas. Durante as entrevistas, essas quatro associações se veem dentro do grande grupo, enquanto que as outras não. Algumas sabem da existência desse grupo, mas não se veem incluídas nele. Importante frisar que essas associações do grande grupo possuem em comum, maior tempo de consolidação e duas delas (Viver e Coletivo da Cidade) possuem convênio, participam da reunião mensal da REDE.

6.2. Densidade e viscosidade do tecido social da Estrutural: podemos falar em *mutiatorialidade*?

A interação entre as associações da Estrutural são a representação daquilo que ocorre. Então se tem um baixo tecido social entre elas é porque muito provavelmente tem um baixo tecido em termos de complexidade social de interação na própria comunidade. Há um baixo grau de reciprocidade e resiliência entre os grupos, apesar de nascer organizações constantemente, muitas delas acabam morrendo, como dito nas entrevistas.

A seguir, a representação gráfica das relações das organizações conforme o resultado obtido da aplicação do quadro interpretativo:



Fonte: elaboração própria

No gráfico, a linha mais grossa representa uma ligação forte e direta com as organizações, com formação de grupo, a linha mais fina representa uma ligação entre associações que se agrupa e possuem articulação e a linha pontilhada traduz apenas um único contato ou que atuaram juntas em algum trabalho específico, mas não possuem articulação.

Analisando as entrevistas, é importante destacar que não há como generalizar todo o tecido da Estrutural com um limite de 75% associações trabalhadas, tendo em vista o grande número de grupos não explorados, mas em termos de pesquisa, é possível ver que elas são a representação daquilo que ocorre, então se tem um baixo tecido social entre elas é porque muito provavelmente tem um baixo tecido em termos de complexidade social de interação na própria comunidade. Por isso que foi muito importante analisar o grau de associacionismo entre elas, pois é fundamental para o desenvolvimento social. As entrevistas mostram uma baixa complexidade do tecido, falta de diálogo e interação, a falta do que John Dewey chamaria de transação entre as associações, pois tem uma transação limitada tematicamente.

Trazendo os conceitos da matriz de análise trabalhada no referencial foi possível perceber que:

Em *multiatorialidade*, foi possível perceber que em contínua transformação, que não pode ser definida a priori e que é sempre situada no tempo e no espaço, porque se constrói no próprio fluxo, como êxito de diferentes práticas de uso, ativadas por diferentes grupos, os quais, ao consolidar suas gramáticas, vão se tornando público em tais e de tais fluxos.

Na presença de grupos e coletivos pude perceber que há ampla gama de diversidade de associações, grupos, coletivos, nas mais diversas denominações, grupos que fazem parte desde a consolidação da Estrutural, bem como, grupos que ainda estão nascendo a medida que o público se reconhece como tal.

Em publicização, há experiência situada é fundamental para que esse público reconheça os problemas públicos de um modo não orquestrado, e foi a partir dos processos de reconhecimento identitário, que esse público da Estrutural se configurou de forma instituir novos dispositivos de ação pública, desde a ocupação da cidade até os dias atuais. Em problematização, pude olhar através dos óculos cognitivos, que as situações problemáticas da cidade, como saúde, educação, cultura e entre outros levantaram o que Dewey (1927) chama de investigação e discussão elucidando os indivíduos a experimentar e utilizar os recursos locais para essa “inquietação” aos problemas públicos.

Em relação ao tecido social, pude perceber que – em termos de pesquisa – que há fragmentação desse tecido, pois ao mesmo tempo em que há presença de muitas organizações, elas ainda não estabeleceram relação de confiança e reciprocidade, ocasionando uma baixa fertilidade nessas organizações, então, muitas organizações nascem, mas se definem ao longo do tempo. Essa questão também reflete nos impactos com a Administração Regional, pois ao mesmo tempo que ela reconhece a fragmentação da comunidade, ela ainda está estagnada na comunicação e articulação com esses grupos, a administração procura atender as demandas da cidade situando em graus de prioridade, mas não cria vínculo com os grupos, a gramática não traduz a confiabilidade e reciprocidade com as organizações. Sendo assim, de fato os estudos críticos em conjunto com o pragmatismo me mostrou que existe uma correlação positiva entre o grau de associacionismo e ao desenvolvimento social, no entanto, mapeando e analisando as organizações, percebi a baixa presença de articulação dessas associações na

Estrutural, além da presença limitada e individual e o baixo grau de associacionismo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo mapear e discutir as dinâmicas de formação de público nos processos de políticas públicas, partindo de uma abordagem sociocêntrica, a partir do caso da Estrutural e de suas organizações sociais (associações, grupos, coletivos) voltadas para as questões urbanas, de modo a contribuir com o debate acerca da dinâmica de desenvolvimento da Estrutural. Buscou-se entender, portanto, as formas em que os problemas se estruturam e terminam por causar a formação desses grupos e como esses se articulam, se comunicam e como traduzem o tecido social da cidade.

É imprescindível observarmos a importância que esses públicos possuem dentro da sociedade em que vivemos atualmente, onde os indivíduos desejam ter cada vez mais voz ativa, através a dos seus próprios meios, dando relevância, ainda, para às suas próprias realidades.

Destaca-se, ainda, como este campo de estudos críticos em políticas públicas englobando as organizações sociais vêm ganhando voz e espaço nos debates sócio-políticos. No entanto, é necessário que esse olhar, que muitas vezes é enviesado para uma análise estadocêntrica, seja direcionado para uma análise que busque focar no ponto central destes movimentos, em quem está fazendo estas ações sociais acontecerem, ou seja, analisar o público e suas gramáticas através do próprio público.

Dessa forma, foi mapeado grande parte dos grupos em atuação na Estrutural, com uma amostragem que abrange várias áreas da cidade e de diversas tematizações, entretanto, não foi possível localizar todas os grupos da cidade, visto que muitos desses grupos possuem difícil acesso de não se localizando em sitios, nem redes sociais e muito menos em espaços físicos e consolidados, sendo divulgados apenas através de indivíduos que conhecem a organização de “ouvir falar”, mas sequer participam do mesmo.

No entanto, ainda há uma baixa interatividade entre os grupos e entre as pessoas da cidade, muitas não conhecem o trabalho das organizações e não procuram saber sobre, e dentro dos próprios grupos não há uma cultura de

comunicação e agrupamento sólido entre eles, a relação acaba por ficar individualizada e limitada, trazendo a consequência de uma atomização e dificultando o crescimento de organizações férteis que contribuam ao desenvolvimento social da Estrutural.

REFERÊNCIAS

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL. **Administração Regional do SCIA e da Estrutural**. Sessão Conheça a RA. Brasília, 2015. Disponível em: <<<http://www.scia.df.gov.br/>>> Acesso em setembro, 2019.

BOULLOSA, Rosana de Freitas. **Mirando ao revés nas políticas públicas: notas sobre um percurso**. 2013.

BOULLOSA, Rosana de Freitas. **Problemas públicos: estado da arte e notas sobre um novo sujeito de pesquisa**. 2015b. (não publicado).

BOULLOSA, Rosana de Freitas. **Mirando ao Revés as políticas públicas: os desenvolvimentos de uma abordagem crítica e reflexiva para o estudo das políticas públicas**. 2019. (Texto aprovado pela revista da AGU em fase de publicação).

BOULLOSA, Rosana de Freitas. **Mirando ao Revés as políticas públicas: um percurso pragmático de pesquisa**. 2017. (Apresentação realizada em 22 de maio de 2017 - UFBA).

BOULLOSA, Rosana de Freitas; BESSA, Luís F. Macedo. **Governança e cidadania metropolitana: reflexões sobre a área metropolitana de Brasília/Brasil**. X GIGAPP, 2019.

BRASIL. **LEI DISTRITAL Nº 3.315, DE 27 DE JANEIRO DE 2004**. Cria a Região Administrativa e as Subadministrações Regionais que especifica e dá outras providências. Brasília, 2004.

BRASIL. **DECRETO Nº 24.800, DE 15 DE JULHO DE 2004**. Dispõe sobre a implantação da Administração Regional do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – RA XXV.. Brasília, 2004.

BRASIL. **LEI COMPLEMENTAR Nº 715, DE 24 DE JANEIRO DE 2006**. Cria a Zona Especial de Interesse Social – ZEIS, denominada Vila Estrutural. Brasília, 2006.

BRASIL. **DECRETO Nº 27.097, DE 22 DE AGOSTO DE 2006**. Regulamenta a Lei Complementar nº 715, de 24 de janeiro de 2006, que Cria a Zona Especial de Interesse Social – ZEIS, denominada Vila Estrutural. Brasília, 2006.

BRASIL. **DECRETO Nº 28.081, DE 29 DE JUNHO DE 2007**. Dispõe sobre a criação da Área de Relevante Interesse Ecológico do Córrego Cabeceira do Valo e da Área de Relevante Interesse Ecológico da Vila Estrutural, situadas na Região Administrativa do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – SCIA – RA XXV. Brasília, 2007.

BRASIL. **DECRETO Nº 33.350, DE 19 DE NOVEMBRO DE 2011**. Aprova o Projeto de Parcelamento Urbano do Solo denominado “Vila Estrutural” localizado na Região Administrativa do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – SCIA – RA XXV. Brasília, 2011.

BRASIL. Governo do Distrito Federal. **Relatório SEI-GDF n.º 1/2019 - CODHAB/PRESI**. Brasília, 2019.

CEFAI, Daniel. **Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva**. DILEMAS, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 4, pp. 11-48, 2009.

CEFAI, Daniel. **Públicos, Problemas, Arenas Públicas**. Novos estud. CEBRAP. SÃO PAULO. V36.02. 129-142. JULHO 2017

CIDADES INTELIGENTES. **O que foi o Lixão da Estrutural? O maior lixão da América Latina**. Brasília, 2018. Disponível em: << <https://ci.eco.br/o-que-foi-o-lixao-da-estrutural-o-maior-lixao-da-america-latina/>>> Acesso em novembro, 2019

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal – PDAD/DF 2015**. Brasília: Secretaria de Estado de Planejamento e Orçamento do Distrito Federal, 2016.

CONDÉ, Mauro L. L., **Wittgenstein e a gramática da ciência**. UNIMONTES CIENTÍFICA. Montes Claros, v.6, n.1, jan./jun. 2004

CORREIO BRAZILIENSE. **Um Problema Estrutural**. Sessão Especial. Brasília, 2014. Disponível em: <<<https://www.correiobraziliense.com.br/especiais/estrutural/>>> Acesso em agosto, 2019.

DEWEY, John. **Em busca da Grande Comunidade: Em busca do público**. 1927

DEWEY, John. **O público e seus problemas: em busca do público**. 1927.

DIAS, Webson. **Documentário Estrutural**. 2016. (1h28m50s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QZC5tjXxVsE>>. Acesso em: outubro, 2018.

G1. **Lixão da Estrutural: GDF tem uma semana para realocar 1,1 mil catadores em galpões**. Brasília, 2016. Disponível em: <<<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/lixao-da-estrutural-gdf-tem-uma-semana-para-realocar-11-mil-catadores-em-galpoes.ghtml/>>> Acesso em novembro, 2019.

GUIMARÃES, Maíra Oliveira. **Qualificação urbana da Cidade Estrutural**. 2014. 3 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) —Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

INESC. **Fechamento do lixão da Estrutural tem que levar em conta futuro dos catadores**. Brasília, 2016. Disponível em: <<<https://www.inesc.org.br/fechamento-do-lixao-da-estrutural-tem-que-levar-em-conta-futuro-dos-catadores/>>> Acesso em novembro, 2019.

LASSWELL, H.D. “**The Policy Orientation**”, in D. Lerner and H.D. Lasswell, eds., *The Policy Sciences: Recent Develoments in Scope and Method*. Stanford: Stanford University Press, 1951a, pp. 3-15.

MOVIMENTO NOSSA BRASÍLIA. **Mapa da Desigualdades**. Brasília, 2016. Disponível em: <<<http://www.movimentonossabrasilia.org.br/nossa-brasilia-lanca-mapa-das-desigualdades-do-distrito-federal-2016-2/>>> Acesso em agosto, 2019.

MOVIMENTO NOSSA BRASÍLIA. **As Voltas do Finado Lixão**. Brasília, 2018. Disponível em: <<<http://www.movimentonossabrasilia.org.br/as-voltas-do-finado-lixao/>>> Acesso em novembro, 2019.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia. A experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000 (original: *Making democracy work. Civic traditions in modern Italy*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1993).

SANTOS, Caroline Soares. **Àrea de risco ou área de risco: teorias sobre política, direito e respeito na Cidade Estrutural**. 2014. 192f., il. Tese (Doutorado em Sociologia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

APÊNDICE A – ASSOCIAÇÃO MÃOS QUE CRIAM

ENTREVISTA 1	
01	<p style="text-align: center;">Contornos da Associação – Como surgiu?</p> <p>São 17 anos de associação em registro, pois sem registro são 19 anos. É uma associação, uma entidade civil registrada sem fins lucrativos, de cunho associativo que faz serviço social para as pessoas, Não nos definimos como uma cooperativa e nem fundação. A associação começou com um grupo de mulheres que se organizaram para montar a associação por interesse de algo na área de aprendizado, fizeram o projeto e encaminharam, foi aprovado, porém, foi defasado e criou transtorno e muitos problemas para a entidade, porque não veio (recurso) o suficiente para atender as demandas. Desta forma, ficaram muitas dívidas que estamos pagando até hoje, inclusive, nos mantemos de pé, por causa da ajuda de bolso dos líderes, principalmente dos responsáveis e as associadas que vem fazendo um grande trabalho pela associação.</p>
02	<p style="text-align: center;">Qual o nome, a tematização, organização interna, funções e número de participantes?</p> <p>Atualmente, somos responsáveis por gerar renda familiar através da linha de produção, somos fornecedoras de trabalho, utilizamos este espaço para além de aprender, gerar renda e gerar serviço para as mulheres ganharem sua própria renda. A gente não tem condições de crescer sem trabalhar, tem que ter uma linha, uma produção pra se manter. A associação envolve a falta de emprego na comunidade, envolve um espaço para produção e envolve as associadas, desde que seja associada para poder usar as máquinas, aprender e treinar. Estamos aqui o dia todo para ajudar e a dar apoio para elas na área do artesanato e costura.</p>

A nossa rotina diária é de 9h às 18h, as atividades gerais são: atender ligações, pedidos e solicitações, demandas da comunidade. Às vezes até problemas que não tem nada a ver com a Associação, algum tipo de reclamação, orientação, é mais atender uma demanda enorme de gente procurando trabalho o dia inteiro, do que mesmo ofertando o nosso serviço. Então a gente tenta puxar as mulheres para o mercado de trabalho para área da costura e o do artesanato o tempo todo, ensinando onde ela pode correr atrás de emprego. Reciclagem de produtos, aprender a fazer uma bolsa, um tapete. A associação é uma rotina de ideias, tem dia que tem muita gente, assim como dia que não tem ninguém. Temos também demandas administrativas porque não temos condições de pagar funcionários, temos demandas em todas as áreas, devido a carência de pessoal e até mesmo de vigilância. É mais uma questão unitária de tentar continuar aberta e de pé.

03 Qual o seu envolvimento com o tema e relação com a associação?

Quando a Estrutural começou, houve uma obrigação e uma preocupação do governo em atender as lideranças anteriores. No início da formação da Estrutural, eu era uma das lideranças, eu tenho uma história de liderança comunitária dentro da Estrutural, mas eu ainda não tinha uma história de liderança na Associação Mãos que Criam. A minha família continuou aqui, pois teve uma época que eu fui forçada a sair dessa cidade, mas como a minha família continuou e foi respeitada, a liderança da Mãos que criam foi para a minha irmã, que é uma das sócias fundadoras e ela liderou a associação por três ou quatro gestões e ainda continua sendo sócia fundadora e conselheira. Ela está nas atas e relatórios que temos, nós temos o hábito de fazer vários relatórios com dia, horário e data e o que ocorre. Os relatórios são produzidos a cada uma ou duas semanas com tudo que ocorreu na associação. Então, completam-se três anos que estou na liderança da associação e a troca de gestão ocorre de quatro em quatro anos, faço também atas registradas anuais e prestação de contas. Nós temos um vínculo de amizade com todas as associadas que já passaram aqui, temos uma história de liderança. Pessoas que não tem emprego, moradia, parentes

	<p>com deficiências ou que trabalham durante a noite e precisam de emprego durante o dia. Cada mulher aqui tem uma história de luta, para colocar a renda mínima em casa. É uma sobrevivência diária.</p>
04	<p style="text-align: center;">Como foi o processo político de construção, sobretudo, nas dificuldades iniciais e nos ganhos iniciais?</p> <p>A maior dificuldade foi estar longe dos meus filhos e o segundo pior, foi o que passei e lutei a frente da cidade, dentro do processo de ocupação da cidade, pela população e tudo que eu vivi como mulher. Foi uma fase complicada e continuar vendo a estrutural com toda a desigualdade social. Era uma briga de organização, o governo brigava querendo organizar a cidade, sendo que ele própria bagunçou. Sobre as dificuldades da associação, quando ela estava quase perdendo as forças e fechando, eu tomei a frente da gestão para tentar manter a associação de pé. O artesanato realmente quebra qualquer pessoa, até as próprias associadas não dão conta de manter apenas com pequenos trabalhos, portanto, tivemos que adotar a adotar a linha de costura na geração de renda familiar, por exemplo, pegando demandas de empresários, de grandes empresas, como linha de produção, caso contrário, não conseguimos manter a associação. Estamos atrás de grandes pedidos o tempo todo, de dinheiro para pagar elas para fazer serviço, pois as associadas ganham para trabalhar.</p>
05	<p style="text-align: center;">Como se deu a relação com o governo no que concerne o reconhecimento da associação e da estrutural?</p> <p>Não temos nenhum tipo de relação com o governo, a nossa associação envolve apenas a comunidade, não temos nenhum tipo de relacionamento com eles e nem com a administração.</p>
06	<p style="text-align: center;">Como é a articulação com as demais associações? Se há pouca articulação por que não ocorre muito?</p>

Quando me pedem ajuda ou conselhos eu sempre estou a disposição, me perguntam sobre algumas dúvidas, eu posso ouvi-los, aconselhar mas eu não pretendo estar envolvida com eles. Eu não tenho ligação com as associações que participam da REDE, eu nunca fui comunicada nem do que se trata, eu atendo mais as mulheres da comunidade. Acho que existe o problema de ter muita mistura e muita confusão com algumas lideranças que são organizações impostas para tentar formar líderes, acho que tem alguém por trás tentando gerar líderes e a comunidade, ela está perdida em termos de quem é quem e do que fazer e oferecer pra eles, não sabem, estão perdidos. Apesar de que a cidade tem crescido, tem se fortalecido em questão de melhoria em comparação ao que era no início, mas em termos de liderança de associações, a população tá perdida. Acho que todas elas são dignas de respeito de alguma razão, eu nunca fui procurada de fato por nenhuma delas, mas eu não vejo nenhuma razão em ajudar alguém que está em prol da comunidade, acho que elas se aproximam mais pela tematização, mas elas ainda precisam unir forças em prol da cidade

07 Como se dá o engajamento e a participação das pessoas?

As mulheres chegam até nós, e elas só precisam se apresentar e querer, e isso só é feito quando elas tem algum interesse de algo que a associação vem a oferecer, por exemplo, se elas querem trabalhar na linha de produção, imediatamente ela se associa para gerar a sua própria renda. A associação não cobra nada dela, só oferece o espaço, as máquinas, o serviço, a amizade entre uma e outra, o tempo todo uma ajuda a outra. Podemos ensinar, mas ela precisa chegar aqui tendo uma noção básica de costura ou já sendo uma artesã.

08 Como você avalia a condição de diálogo entre as associações e a sociedade em geral/governo?

Muito frágil. As associações, muitas vezes, sempre foram olhadas e criticadas pela sociedade e até mesmo pelos órgãos e governos, mas a

associação é o “carro chefe” e apoio da sociedade que está lá embaixo procurando o apoio que o governo não dá ou não consegue suprir. Então, essa experiência e observação que eu faço, porque estou dentro da comunidade há muitos anos e eu olho que as associações não tem o valor e o apoio adequado por ela não ser governamental, mas quem escuta e sofre o problema da cidade são as associações. Já houve uma empresa que investiu aqui há um tempo, no entanto, eles usaram apenas o nome da associação para ganhar visibilidade, depois abandonaram e no fim das contas, quem segura tudo é a comunidade. Então, as associações que você vê por aí, perdendo forças e fechando as portas, é por falta de apoio governamental.

09 Você já viu uma associação “nascer” e “morrer”? Por que você acha que isso acontece

Nossa, acontece muito. Principalmente quando a associação não está pelo público, mas por interesses pessoais, aquilo que eu mencionei, quando são lideranças impostas. Acredito que seja por isso. Acho que por falta de apoio, recursos, a fraca comunicação com as demais que leva isso a acontecer, por exemplo, a minha associação nunca teve respaldo. Para uma associação viver, é necessário viver e carregar a pulso, também tem esse lado, são vários fatores, questão da imposição, a pessoa tá ali imposta e não porque tá levando algum benefício para comunidade.

APÊNDICE B – ASSOCIAÇÃO VIVER

ENTREVISTA 2	
01	<p style="text-align: center;">Contornos da Associação – Como surgiu?</p> <p>A Associação VIVER surgiu na década de 1990. É fruto da iniciativa de missionários da 1ª Igreja Presbiteriana do Brasil no Cruzeiro, que sensibilizados e movidos pelos problemas da Estrutural, mobilizaram-se para suprir necessidades básicas de crianças e seus familiares que tiravam o seu sustento do lixo e moravam em barracos em meio ao aterro sanitário.</p>
02	<p style="text-align: center;">Qual o nome, a tematização, organização interna, funções e número de participantes?</p> <p>A associação possui 22 anos, 34 pessoas que trabalham, o processo de contratação é por via de análise curricular, para ser educador social é necessário ter graduação. Fazemos um planejamento quinzenal de atividades. As crianças atendidas precisam ter cadastro no CRAS, o nosso público prioritário são crianças com deficiências, eles precisam de um acompanhamento com assistência social. Fazemos diversas oficinas para as crianças, são atividades no contra turno na escola. Atendemos até 300 crianças, mas mesmo com as vagas acabadas, elas consegue entrar pelo conselho tutelar. Ajudamos as famílias com cestas básicas, tanto o CREAS e o CRAS acolhem muito nossas crianças.</p> <p>A nossa divisão de funções é: Começa pelo presidente que lida com as parcerias, temos nossa Coordenadora Geral, duas pedagogas, duas psicólogas, duas assistentes sociais, doze educadores, porém estamos apenas com dois, pois dez passaram em concurso e tiveram que sair. Temos o pessoal da manutenção, quatro da limpeza, dois da manutenção, quatro da portaria e as meninas da cozinha que são cinco.</p>

03 Qual o seu envolvimento com o tema e relação com a associação?

Eu lido diretamente com as famílias, com a assistência social, nós fazemos uma visita a casa da família para gente conhecer a família, do que precisam. Aqui eles dizem uma situação e quando chegamos na casa é outra, talvez por vergonha, então nós sempre tentamos ter essa proximidade com as famílias. A gente tenta sempre trabalhar com fortalecimento de vínculos, com a escola e a família.

A cada 4 anos é feita a eleição, essa instituição foi fundada por dois membros da Igreja presbiteriana do Cruzeiro e esses membros sempre vinham evangelizar aqui na Estrutural e viram uma necessidade de acolher crianças vulneráveis, e esse espaço aqui era uma delegacia da cidade, e como era um espaço muito grande, a polícia resolveu ceder esse espaço para eles. As atividades eram feitas só nos domingos, mas como o número de crianças e voluntários foram aumentando, começaram a estender pela semana também. E então, em 2011 o GDF nos procurou para oferecer um termo de parceria para ajudar financeiramente, a instituição receberia verba do governo e ampliaria o serviço, na época atendiam 200 crianças, mas para fechar o termo de parceria fechamos em 300 crianças. Fizeram toda a estrutura e montaram um organograma com a SEDEST, então eles fazem a folha de pagamento e deveriam cobrir os custos de alimentação, porém não cobre. Há muito tempo não há reajuste, então há 20 dias os funcionários estão sem receber, às vezes o recurso é pouco para alimentação. Muitos dos nossos funcionários têm filhos que ficam aqui, são moradores da região.

04 Como foi o processo político de construção, sobretudo, nas dificuldades iniciais e nos ganhos iniciais?

Já tivemos muitas dificuldades, inclusive agora estamos passando por isso, já estamos pensando o que fazer pra continuar mantendo, inclusive, estamos batendo na porta dos nossos parceiros, temos parceria com o banco de alimentos que também está com dificuldade, quando eles fazem

	<p>atividades que arrecadam alimentos, a nossa associação se beneficia dessa arrecadação também. A nossa maior dificuldade é a questão alimentar, os recursos acabam muito rápido. Fazemos várias campanhas para poder arrecadar esses alimentos, se não for assim, a gente perde forças. Felizmente temos o convênio com o GDF, mas não está suprindo.</p>
05	<p style="text-align: center;">Como se deu a relação com o governo no que concerne o reconhecimento da associação e da estrutural?</p> <p>Desde 2010 a VIVER mantêm Convênio com o Governo do Distrito Federal e parceria com o Banco Mundial de Alimentos. A 1ª Igreja Presbiteriana do Brasil no Cruzeiro é a entidade mantenedora, oferecendo o suporte necessário para o seu funcionamento e direcionando o planejamento estratégico. Outras pessoas físicas e jurídicas também participam, fazendo, eventualmente, doações financeiras, doação de alimentos, brinquedos ou de materiais necessários para o desenvolvimento das atividades socioeducativas. Importante ressaltar que a Instituição não possui nenhuma vinculação política ou partidária.</p>
06	<p style="text-align: center;">Como é a articulação com as demais associações? Há pouca articulação e por que não ocorre muito?</p> <p>Temos articulação sim, temos a REDE, fora as associações no geral, também a Administração da cidade, o CRAS e o CREAS, A SECOM que é o centro de convivência, aí todos os meses fazemos uma reunião com todas as associações mesmo sem vínculo com o governo, e essas entidades, a reunião é aberta para a comunidade em geral para elas possam expor as suas necessidades e gente aproveita para apresentar a associação para eles. A gente se reúne para atuar junto, temáticas ligadas ao idoso, crianças, arte e educação, fazendo alguma oficina, atividade, café da manhã, as crianças fazem apresentação. Normalmente as reuniões acontecem no CREAS, tentamos sempre trabalhar coletivamente. Dentro de cada</p>

	<p>temática, como a erradicação do trabalho infantil, cada associação tenta fazer uma palestra ou uma oficina e depois sentamos para ver como vamos trabalhar essa temática e depois fazemos uma reunião após o evento para uma análise sobre como foi a experiência e quais as principais dificuldades que tivemos.</p>
07	<p>Como se dá o engajamento e a participação das pessoas?</p> <p>Na maioria das vezes a comunidade vem até nós. A cidade Estrutural tem uma pegada muito diferente das outras cidades do Distrito federal, aqui as pessoas têm muito a questão da migração, a maioria é do nordeste, todos os anos vem muita gente e também vai embora muita gente. Então muitas dessas famílias não têm onde deixar os filhos e muitas vezes falta alimentação, então são encaminhados até nós. Saímos na rua distribuindo panfletos, perguntando o motivo da criança estar na rua e convidamos a deixar com a gente na associação, fazendo as oficinas e as atividades.</p>
08	<p>Como você avalia a condição de diálogo entre as associações e a sociedade em geral/governo?</p> <p>Ainda precisa melhorar muito, o envolvimento da comunidade, a participação das associações nas reuniões e apoio governamental mesmo.</p>
09	<p>Você já viu uma associação “nascer” e “morrer”? Por que você acha que isso acontece?</p> <p>Eu não sei nomes, mas provavelmente muitas associações já morreram, principalmente as menores que não conseguem se manter sem apoio.</p>

APÊNDICE C – ASSOCIAÇÃO ALECRIM

ENTREVISTA 3	
01	<p style="text-align: center;">Contornos da Associação – Como surgiu?</p> <p>A minha filha nasceu com uma cardiopatia, um problema muito sério, ela tinha horas de vida, falei com todo mundo pra ajudar na cirurgia e foi um sucesso e hoje ela está curada. E o tempo foi passando e pós operatório dela ocupou todo meu tempo, e não tinha mais como eu ir pro lixão, pois eu sempre trabalhei lá e nesse período, então eu optei por ficar em casa com ela pra me dar os cuidados necessários pra ela, e nesse período comecei a ficar com os filhos dos meus vizinhos, para que eles pudessem continuar no lixão. Nunca tive pretensão em abrir a associação, quando a gente viu a gente já tinha agregado crianças demais e não havia condições de parar. Foi daí que nasceu a Associação Alecrim, vamos completar 10 anos em dezembro.</p>
02	<p style="text-align: center;">Qual o nome, a tematização, organização interna, funções e número de participantes?</p> <p>Aqui são 80 crianças e 10 voluntários, aqui atendemos crianças de 2 a 3 anos.</p>
03	<p style="text-align: center;">Qual o seu envolvimento com o tema e relação com a associação?</p> <p>Eu sou a líder, meu esposo e mais uma pessoa, somos as lideranças, organizamos tudo aqui, meu esposos vai atrás de doação porque não temos convênio, somos uma instituição voltada exclusivamente para o voluntariado, então vivemos de doações e vamos nos virando. O que não dá é pra parar de sonhar.</p>

04	<p style="text-align: center;">Como foi o processo político de construção, sobretudo, nas dificuldades iniciais e nos ganhos iniciais?</p> <p>Dificuldades temos até hoje, mas o ponto de partida foi a força de vontade, quando a gente viu que estava decolando, nunca mais pensamos em voltar e parar, porque cada dia que passava tinham mais pessoas necessitando, e mais pessoas precisando, nós estamos diante de uma das comunidades mais carentes do DF, é uma cidade que não tem creche pública, temos duas conveniadas que não suporta nem 10% das crianças e temos nós que somos totalmente voltado ao voluntariado.</p> <p>Antes da gente alugar esse espaço aqui, que não é nosso. Funcionavam em um lava a jato, e um dia a CAESB cortou a água e fiquei sabendo que tinha um débito de 17 mil, tive que negociar a conta, mas eu estava decidida a fechar. Quando eu cheguei na associação me avisaram que uma das nossas crianças estava desmaiada de fome, estava sem comer desde sexta, e era uma segunda-feira. Naquele momento eu vi que eu deveria seguir em frente e não parar, então eu tive coragem e consegui pagar a conta toda com ajuda de todos. Fevereiro do ano passado, sofremos um incêndio e perdemos tudo em 15 minutos, mas ninguém ficou ferido. Mas então, todo mundo abraçou a causa, por sermos uma organização antiga e bastante conhecida, recebemos muito apoio. E conseguimos voltar ao normal. Temos dificuldades sempre, mas a força de continuar é maior.</p>
05	<p style="text-align: center;">Como se deu a relação com o governo no que concerne o reconhecimento da associação e da estrutural?</p> <p>Só temos comunicação com Administração Regional quando pedem algo, mas eles nunca ajudaram em nada. Eles pedem pra gente igual o conselho tutelar. Quando a gente precisa, eles viram as costas, e é muito mais fácil eles precisarem de uma associação do que uma associação precisar deles, principalmente nós, que não temos nenhum recurso de governo.</p>

<p>06</p>	<p style="text-align: center;">Como é a articulação com as demais associações? Há pouca articulação e por que não ocorre muito?</p> <p>Tenho relação diretamente com a líder da Semeando a Esperança, mas temos uma boa relação com a Renascer e a São José Operário, tenho uma boa relação com eles. Acho que as associações pouco se articulam porque as pessoas focam muito no querer aparecer e esquecem da essência. Muitas associações fecham por interesses financeiros, a cidade acaba que fica sem amparo. O lixão por exemplo, era um trabalho informal, mas era de lá que vinha o pão de cada dia de muitas mesas, tiraram sem perguntar se podia e não tinham nenhuma forma de devolver o sustento. Muitos moradores ex presidiários me falaram que iam voltar pro crime porque não tinham mais de onde tirar renda.</p>
<p>07</p>	<p style="text-align: center;">Como se dá o engajamento e a participação das pessoas?</p> <p>Elas vem até nós e nós vamos até elas. Averiguamos cada família. Aqui, só precisa deixar a criança que nós viramos com tudo, seria interessante que houvesse mais instituições como nós. Que fosse gratuito mesmo.</p>
<p>08</p>	<p style="text-align: center;">Como você avalia a condição de diálogo entre as associações e a sociedade em geral/governo?</p> <p>Não é boa não, eu acho que elas não se articulam, é muita disputa de poder, elas não são unidas. Acho desnecessário, eu tinha muita afinidade com o Coletivo da Cidade, até um dia termos um desentendimento e não tive mais contato. Eu acho o trabalho incrível das associações, mas são totalmente desunidas, são afastadas.</p> <p>Teve uma associação que fechou por guerra de poder na liderança. Chegou um momento que as crianças cresceram o número e não tinham mais onde colocar, ai ela abriu o polo na Estrutural e passei 100 crianças pra ela, ela</p>

	<p>queria 300 para fechar um convênio, quanto mais crianças, mais dinheiro e não aceitei isso, eu não estava pelo dinheiro.</p> <p>Acontece a reunião da REDE, que não acho que resolva algo, juntam-se algumas instituições e ficam lá conversando sobre o que seria bom para cidade, mas eles não saem da teoria, para mim não adianta teoria sem prática.</p>
09	<p>Você já viu uma associação “nascer” e “morrer”? Por que você acha que isso acontece?</p> <p>Tem muita associação nascendo, uma das coisas que me entristece hoje em relação às associações daqui, é as da cooperativas, porque os cooperados deveriam ser os ex catadores e acaba não sendo, eu lidei com todos os catadores durante anos da minha vida, e as cooperativas hoje visam muito o lucro e acaba esquecendo que para eles adquirirem a renda no final do mês, eles precisam daquela mão de obra que sai muito barato, muitos ex catadores que vão pra cooperativa, não ganham 200 reais no final do mês, não dá pra sustentar uma casa. Desta forma, eu acho que perdem muito o foco do que é ser uma associação, assim tem muita associação na Estrutural, tem umas pessoas que ficam criando, mas depois que passa as épocas comemorativas, as associações desaparecem. Uma associação depois de nascer, deve dar seguimento, porque são muitas pessoas que precisam. Várias associações nascendo, querendo se promover diante da realidade da Estrutural, e pessoas que vem de fora querendo se aproveitar. Como acontece todo fim de ano, aqui lota de pessoas querendo fazer “boa ação”. Não deixo nenhum político entrar aqui, eu sempre digo que aqui não é gabinete de político.</p> <p>Eu sempre saio a procura de recursos para manter aqui. Aqui no bairro da santa luzia, há várias associações, a Sonhos de Liberdade, eu gostava muito, mas infelizmente fechou, lá quem trabalhava eram os ex presidiários, só pararam de passar os recursos e não tinham como manter, o trabalho</p>

realmente acontecia. Eram 250 ex presidiários que trabalham todos os dias. Mas isso não interessa pro governo, só querem saber de encarcerar.

APÊNDICE D - ASSOCIAÇÃO SEMEANDO A ESPERANÇA

ENTREVISTA 4	
01	<p style="text-align: center;">Contornos da Associação – Como surgiu?</p> <p>A nossa organização é um projeto social que atende filhos de catadores, a maioria mora aqui na Santa Luzia, a maioria são crianças que estão em vulnerabilidade, que não tem alimento em casa, problemas domésticos, atendo crianças somente nessa situação, e eu vejo a necessidade das crianças. A organização surgiu quando eu fiquei viúva, meu marido faleceu e eu fiquei depressiva, então em 4 meses que eu não saia de casa, aí me chamaram pra visitar o bairro da Santa Luzia e eu fui e chegando lá que eu me deparei com a vivência das pessoas, eu falei que iria ajudar essas pessoas. Comecei fazendo projetos sociais e pedindo doações para ajudá-los. Passados dois anos, uma catadora do lixão me disse “eu preciso trabalhar hoje, mas estou com medo, porque o vizinho dá doce para os meus filhos”, então eu disse “pode deixar comigo.” E comecei a receber crianças nessa situação, de repente já estava com vinte crianças, foi desse jeito que começou, aí uma amiga minha veio me visitar e viu a casa cheia de crianças. Conte a história a ela, e ela me emprestou um espaço aqui na Estrutural. Fiquei lá 2 anos sem pagar nenhum aluguel, atendendo crianças, hoje eu tenho 54 crianças. Vivemos de doação, não somos reconhecidos pelo governo. E então, mudamos para o bairro da Santa Luzia, recentemente alagou aqui e perdemos muitas coisas, o atendimento para as crianças por enquanto está inviabilizado, então tem crianças indo trabalhar com a mãe.</p>

02	<p>Qual o nome, a tematização, organização interna, funções e número de participantes?</p> <p>Aqui sou eu e mais dez voluntários que me ajudam com tudo, limpeza, banho das crianças, alimentação e tudo. Funcionamos de segunda a sexta em horário integral e aos sábados até o meio dia. Somos uma organização registrada, mas sem vínculo governamental.</p>
03	<p>Qual o seu envolvimento com o tema e relação com a associação?</p> <p>Eu corro atrás de tudo, fazemos bazares, oficinas para que nunca falte nada para o nosso público, não dá pra ficar esperando do Estado, então temos que atrás de tudo para a associação não morrer.</p>
04	<p>Como foi o processo político de construção, sobretudo, nas dificuldades iniciais e nos ganhos iniciais?</p> <p>Ainda estamos passando por muitos desafios e dificuldades, as associações do bairro Santa Luzia passam mais dificuldades daquelas que estão situadas no centro da Estrutural. A santa luzia não tem esgoto, asfalto, os pais não têm condição, mas quando a gente se envolve muito, a tendência é dar certo.</p>
05	<p>Como se deu a relação com o governo no que concerne o reconhecimento da associação e da estrutural?</p> <p>Nós não temos vínculo com o governo, a gente sobrevive de doações, algumas vezes aparecemos nas mídias e as pessoas acabam conhecendo a associação.</p>

06	<p style="text-align: center;">Como é a articulação com as demais associações? Há pouca articulação e por que não ocorre muito?</p> <p>Eu não tenho nenhum contato com outras associações, sei apenas do que diz respeito a minha. Conheço a Alecrim que temos contato, tem uma outra também, mas eu não sei como funciona. A associação viver de vez em quando me ajuda, a coordenadora, faz algumas doações aqui, mas é isso. Eu entendo que cada um faz o seu trabalho do jeito que entende, talvez os modos diferentes de trabalho das associações provoque alguns desentendimentos, e talvez funcione melhor cada um trabalhando individualmente.</p>
07	<p style="text-align: center;">Como se dá o engajamento e a participação das pessoas?</p> <p>Além das feiras que fazemos, oficinas, nós vamos nas famílias mais necessitadas, e averiguamos, mas a família tem que realmente precisar.</p>
08	<p style="text-align: center;">Como você avalia a condição de diálogo entre as associações e a sociedade em geral/governo?</p> <p>Não acho que seja boa, tem a REDE que as associações vão e são de diversas temas, de saúde, educação, mas eu não costumo participar, acho desnecessário.</p>
09	<p style="text-align: center;">Você já viu uma associação “nascer” e “morrer”? Por que você acha que isso acontece</p> <p>Ah, não sei, eu acho que sim. Eu creio que seja porque cada um faz o seu trabalho, cada um faz do jeito que gosta, tem umas que são ciumentas em relação há outras, acham que a associação X recebe mais apoio que a associação Y, é isso que acontece. Esse ciúmes que rola, eu já tive</p>

problemas com uma, por conta disso, então não quero mais contato com nenhuma outra.

APÊNDICE E – MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA ESTRUTURAL**ENTREVISTA 5****01****Contornos da Associação – Como surgiu?**

Em 2003, um grupo de mulheres e um homem começou uma fase de alfabetização solidária, pois a Estrutural é a que possui maior índice de analfabetismo. As pessoas migravam para cá de todos os lugares e não tinha água, energia e não tinha nada. Então começaram a alfabetizar, eu não estava no momento, mas eu já morava na Estrutural, mas não estava ainda com o grupo. No início, a CUT custeou um projeto e indicou umas meninas para virem pra cá e coordenar a alfabetização e alavancar a discussão da alfabetização. Não havia escola nenhuma, então a alfabetização era feita nas garagens. E aí me aproximei e fomos aumentando o grupo e fomos achando outros moradores que tinham interesse na educação formal e como trabalhar isso e fomos alfabetizando até 2008 em casas, garagens, pegando cadeiras emprestadas. Em meados de 2008, construíram duas escolas, porém, as pessoas ainda precisavam de ajuda, pois não sabiam ligar no 156 para efetuar a matrícula, então a gente ia de casa em casa ajudar as pessoas a se matricularem, no início não tinha alunos por isso, por essa dificuldade.

E então a partir daí surgiu a vontade de fundar uma ONG e criar o um movimento que chamamos de Movimento de Educação e Cultura da Estrutural, a partir daí decidimos lutar pela Estrutural. Decidimos fazer audiência pública para pressionar o governo com discussões, e quando foi em 2009, uma pessoa procurou a gente e disse: “olha, nós temos um projeto nacional que chama Pontos de Memória, e eles estão procurando pessoas que tenham trabalho com memórias da cidade e vocês foram indicados”, pois quando a gente alfabetizava, a gente dizia: “vamos escrever uma carta para o governo falando a cidade que queremos. Como

	<p>“você acha que deve ser sua cidade? Como você acha que é seu papel nessa comunidade?” Nós alfabetizávamos no princípio que é de uma alfabetização solidária, mesmo não sabendo ler, nem escrever em código, ela sabe ler o mundo, sabe construir, só não sabe o codificação. Então era assim que a gente alfabetizava, a pessoa vinha e falava como ela achava que deveria ser a cidade, e por causa disso, fomos procurados para realizar o projeto dos pontos de memória. E eles queriam fazer uma experiência no Brasil em 12 regiões de extrema pobreza e baixo IDH e a Estrutural era mais necessitada naquela época. Então começamos a implementar essa iniciativa chamada “pontos de memória”, mas já existia os pontos de cultura, que eram voltados para as iniciativas culturais, o ponto de memória era o desejo de dizer que a memória de um povo ela é digna de ser guardada.</p>
02	<p>Qual o nome, a tematização, organização interna, funções e número de participantes?</p> <p>Eu sou a presidente e assim, todo mundo é igual, eu sou presidente, mas eu não mando, nós trabalhamos em um princípio totalmente horizontal e socialista. Tem a coordenação, nós não recebemos por isso, temos outras parcerias de fora que apoiam, mas todo mundo decide igual, somos 10 no total. Nós fazemos um trabalho que assim, nosso papel na Estrutural é fazer debates, encontros, falar sobre educação, quando nós nos reunimos para debater com a comunidades, as pessoas entendem qual é o papel dela na sociedade. Nossa organização nunca foi partidária, nós sempre abrimos para fazer formação, inclusive nos finais de semana. Passamos dois meses fazendo formação sobre economia solidária com 30 jovens da Estrutural. O nosso banco comunitário faz um fórum de debates e fizemos outro trabalho também sobre A Mulher e a Cidade.</p>

03	Qual o seu envolvimento com o tema e relação com a associação? Eu lido com tudo, principalmente tocando muitos projetos, a nossa organização engloba três grandes projetos: o Banco Comunitário, o Ponto de Memória e a Biblioteca Comunitária, que no momento estão reformulando ela, por enquanto está fechada.
04	Como foi o processo político de construção, sobretudo, nas dificuldades iniciais e nos ganhos iniciais? Nós quando fomos nos formalizar, demoramos 5 anos porque não queríamos trabalhar para o Estado. Quando nós formalizamos, nunca solicitamos convênio por causa disso, porque queríamos ser mais independentes, é na independência que você pode ir contra e brigar com Estado. Antes de nos formalizarmos, nós éramos mais fortes. A formalização exige muitas burocracias que sobrecarregam as organizações, muitos conflitos e desconfianças. Foi por isso que ficamos 5 anos discutindo se iríamos formalizar ou não. Por isso que antes da formalização, a associação é mais forte, trabalha com o povo, mas para pleitear editais, formalizar é importante. Enquanto não formalizar, é necessário depender de outras parcerias, por exemplo, quando nós fomos receber o recurso do Ponto de Memória, tivemos que pedir apoio de um amigo que tinha um CNPJ.

05	<p style="text-align: center;">Como se deu a relação com o governo no que concerne o reconhecimento da associação e da estrutural?</p> <p>Com o governo pouquíssimo, mas com a Estrutural temos grande reconhecimento. Já tínhamos um trabalho que era a erradicação do trabalho infantil, então eram várias coisas que não apareciam na televisão porque nós mesmos não nos dávamos voz, então o Ponto de Memória era isso, dar voz pra essas pequenas iniciativas, foi aí que tudo começou. Quando nós começamos a tocar, entendemos que precisávamos de uma sede, que não dava mais pra ficar se reunindo na casa de um e o outro, então nós alugamos uma casa e no segundo ano fizemos uma exposição linda com as iniciativas de memória da Estrutural. Em 2011 fizemos outra que era sobre luta, resistência e conquista, nós tratamos a nossa história de luta para a fixação da Estrutural porque o governo não queria que a Estrutural não fosse consolidada, então nosso objetivo foi mostrar que essa luta por fixação era para ocupar nosso espaço.</p>
06	<p style="text-align: center;">Como é a articulação com as demais associações? Há pouca articulação e por que não ocorre muito?</p> <p>Existe muita rivalidade, a Estrutural é uma cidade politicamente dividida. Tem várias associações com apoio de políticos, como nós somos uma associação que não tem apoio político, ficamos mais isolada das outras, mas o Coletivo da Cidade e a Prefeitura Comunitária é o que mais se aproxima de nós. Nós já tivemos contato com o Sonhos de Liberdade quando eles estavam iniciando. O coletivo da Cidade é uma organização forte hoje, eles são uma organização que tem uma capacidade boa, quando eles eram mais fraquinhos eles articularam mais com a gente, quando ele se fortaleceram, eles criaram pernas, eles também tocam a REDE e coordenam. Essa REDE reúne todos os grupos que recebem dinheiro do</p>

	<p>governo, que tem convênio. Eu até tentei me aproximar, mas não participo porque acho muito desnecessário. Eu vejo que quem tem recurso paga tudo, paga coordenador e as despesas. Nós não. Nós não temos nada disso, somos um grupo independente que trabalha com nosso próprio esforço, que trabalha com o desejo de ver a mudança. Não trabalhamos com a obrigação que vem do Estado.</p> <p>Quando se fala em associação, deveria ser um grupo que está trabalhando em prol da comunidade, mas na maioria das vezes, é uma organização conveniada, ela tem um CNPJ porque ela tem que receber convênio das pessoas. Eu acho que os convênios de organizações, acaba que o Estado nem faz e nem a organização faz direito. O dinheiro fica espalhado e ninguém vê o que está sendo feito, há muito interesse envolvido.</p>
07	<p>Como se dá o engajamento e a participação das pessoas?</p> <p>Desde o início sempre foi com luta e resistência em fixar as memórias da Estrutural, além dos debates e rodas de conversa que promovemos para chamar a atenção das pessoas, aí elas acabavam divulgando e outras pessoas vindo até nós.</p>
08	<p>Como você avalia a condição de diálogo entre as associações e a sociedade em geral/governo?</p> <p>Ruim, diálogo com o governo só para fazer pressão mesmo. E sociedade e associação só vão ter quando perceberem a verdadeira essência de se trabalhar em comunidade.</p>

09 **Você já viu uma associação “nascer” e “morrer”? Por que você acha que isso acontece**

Muitas associações estão morrendo. Muitas pessoas pensam que associação tira dinheiro do governo, e é ao contrário. A associação trabalha para o governo, coisas que o governo deveria fazer, quem faz somos nós. E aí a pessoa cria uma associação, só que quando ela se dá conta que tudo saí de nós mesmos, ela desiste. Algumas por exemplo, trabalham com criança simplesmente para passar no conselho tutelar, mas as associações que trabalham apenas com as próprias forças é difícil. É importante perceber que o nosso papel é fundamental para organização da cidade.

APÊNDICE F – COLETIVO DA CIDADE

ENTREVISTA 6	
01	<p style="text-align: center;">Contornos da Associação – Como surgiu?</p> <p>O coletivo é fruto de uma iniciativa da comunidade e de alguns estudantes da UnB. Tudo partiu da associação Viver que começou a princípio vinculada com a igreja, e quem estava na coordenação na época era uns dos estudantes da Unb que fazia Serviço Social e havia os educadores também, era uma equipe mais subversiva mesmo. Então, esse grupo de pessoas começou a fazer algumas propostas metodológicas, atividades que iam ao encontro de tudo aquilo que a igreja entendia como positivo. Então, o pessoal da igreja quis expulsá-los do espaço, só que as famílias não queriam que eles saíssem porque já tinham um vínculo construído e tudo mais. Então essas pessoas ocuparam a associação Viver durante 15 dias, até que fizeram um acordo junto com a secretaria para que eles tocassem o trabalho em outro espaço. Assim surgiu o coletivo cidade, a princípio, o coletivo funcionava em formato de oficina, tinha oficina de Direitos Humanos, de inglês, teatro para jovens e adultos. Depois a gente começou a fazer o trabalho voltado exclusivamente para crianças e adolescentes, é um centro de convivência e fortalecimento em conjunto com outros projetos.</p> <p>No começo era voluntário mesmo, depois que viram os recursos, foi possível contratar os profissionais que devem ser do território da Estrutural. Temos coordenadores institucionais, coordenador de atendimento que sou eu, coordenador pedagógico que é a do Movimento Negro, psicólogos e assistentes sociais, educadores, assistentes administrativo, pessoal da cozinha, limpeza e dez estagiários.</p>

02	<p>Qual o nome, a tematização, organização interna, funções e número de participantes?</p> <p>São 30 pessoas que trabalham aqui ao todo, desde a limpeza, os educadores, coordenação institucional. Nós temos dois projetos pelos quais recebemos, um é projeto de pesquisa na área de educação, estamos no encerramento desse projeto agora, que a gente está levantando dados de mil famílias aqui dentro do território da Estrutural, que é uma pesquisa sobre o porquê temos taxas tão altas de evasão escolar, e a gente está construindo uma metodologia de territorialização de educação, de como é que a gente consegue superar o desafio da evasão através do território. E projeto com a SEDEST com a política de assistência que trabalha com o fortalecimento de vínculos com crianças de 6 a 17 anos.</p>
03	<p>Qual o seu envolvimento com o tema e relação com a associação?</p> <p>Eu conheci o coletivo em 2011, eu fazia a oficina de teatro, durante um ano, aí eu voltei em 2015 como educador e fiquei até 2016, depois fui para a coordenação e estou até hoje.</p>
04	<p>Como foi o processo político de construção, sobretudo, nas dificuldades iniciais e nos ganhos iniciais?</p> <p>Primeiro desafio foi como território, a última pesquisa da CODEPLAN, tem um dado que fala que a gente tem uma igreja para cada 93 pessoas, isso sem contar a ocupação da Santa Luzia, então pode ser que tenha muito mais. Então o território é educado por essas instituições, então a gente tem um desafio muito grande que é metodológico, porque para a gente, o espaço é importante e significativo para trazer questões sobre sexualidade, machismo, racismo, isso está impregnado mesmo na nossa prática então a gente precisa fazer muitos enfrentamentos dentro do território para conseguir alavancar essa pauta para as pessoas. Tem o desafio do sucateamento da política da assistência, a vulnerabilidade do território também, a gente consegue</p>

	<p>avançar muito pouco por questões de organização mesmo da comunidade, o contato com outras instituições é um desafio, como a agente está no núcleo da Estrutural, trazer essas questões do território é importante, então tudo isso impacta muito no que a gente faz, fazer com que a nossa metodologia aconteça, porque a gente tem uma metodologia própria, que chamamos de rodas de aprendizagem, tudo que a gente faz gira em torno da metodologia, mas são muitos desafios mesmo. O contato com outras instituições, o trabalho em rede é um desafio, embora a gente chegou em uma conclusão que para reduzir as taxas de evasão, a gente precisa trabalhar em rede.</p>
05	<p style="text-align: center;">Como se deu a relação com o governo no que concerne o reconhecimento da associação e da estrutural?</p> <p>Pela nossa metodologia mesmo, pelas questões que não eram muito ensinadas nas associações de metodologia religiosa e pelo nosso território mesmo.</p>
06	<p style="text-align: center;">Como é a articulação com as demais associações? Há pouca articulação e por que não ocorre muito?</p> <p>É frágil, porque as outras trabalham em uma lógica de receber recurso, então elas tem uma lógica do depósito mesmo, de receber. Eu puxo a reunião da REDE, acho bem simbólico que as reuniões aconteçam dentro das instituições, que assim a gente consegue garantir a participação de outros atores, mas é muito difícil a adesão deles, da comunidade mesmo, quem participa mesmo são os representantes das organizações. A gente já tentou fazer com que as demais participem, mas metodologicamente é difícil, muito desestimulante.</p>

07	<p style="text-align: center;">Como se dá o engajamento e a participação das pessoas?</p> <p>As crianças são matriculadas, veem encaminhadas da escola ou por demanda espontânea. A gente sempre tenta fazer outro modelo, oficinas com as famílias para que garanta a participação. A gente tinha um grupo de mulheres articuladas, que a gente conseguia fazer com que elas viessem assiduamente, era bem interessante, mas é bem difícil garantir a participação.</p>
08	<p style="text-align: center;">Como você avalia a condição de diálogo entre as associações e a sociedade em geral/governo?</p> <p>Eu acho que não tem nenhum. Depende também, muitas instituições aqui no território, tem muito interesse político e dialoga com o governo. Mas, pensando no governo e em política pública, o diálogo é muito complexo, porque o Estado entende muito os papéis, mas não entende o sujeito, o as políticas públicas não são pensadas muito para o público, então às vezes tem o processo que acontece dentro da política. Pensando na assistência social, a política é formulada, a administração pública com toda sua morosidade coloca várias barreiras para que a gente não consiga acessar. É mais essa questão da administração pública mesmo, e a gente tem pouquíssimo diálogo com o Estado. O diálogo que a gente consegue fazer é na base do enfrentamento, de puxar audiência pública, às vezes a gente tem que sair do território e fazer articulação com organizações fora da Estrutural para ver se a gente consegue alguma coisa, mas o diálogo é sempre muito complexo. Essas associações menores, é difícil fazer com que elas construam diálogo com outras instituições, porque para construir o território autônomo, a gente precisa trabalhar em rede, mas essas associações menores, estão mais no “fazer agora”. Elas não fazem essa leitura política do território, para fazer o enfrentamento, ou seja, o diálogo, mas elas não dialogam entre si.</p>

09 Você já viu uma associação “nascer” e “morrer”? Por que você acha que isso acontece

Tem muita associação nascendo, tem algumas que são chave, a Viver é muito central, fez um trabalho muito interessante, principalmente com os catadores, alguns anos antes do lixão fechar. A viver nasceu dos catadores, MECE que é um dos pontos de resistência da cidade, traz a história do território, tem muita associação nascendo, mas antes as associações tinham um pouco mais de propósito, hoje é mais interesse político. Tem muita associação de igreja abrindo, porque a igreja faz um trabalho de base que também é interessante e muita organização política mesmo. Nunca vi nenhuma associação morrer, mas porque sou muito jovem, mas com certeza deve ter muitas associações que já morreram por uma série de questões.

APÊNDICE G – RECICLANDO SONS

ENTREVISTA 7	
01	<p style="text-align: center;">Contornos da Associação – Como surgiu?</p> <p>O Reciclando Sons foi idealizado e fundado pela maestrina Regiane Pacheco no ano de 2001, ela iniciou todo o processo de criação com 22 crianças da Associação Viver. Ela começou como educadora lá e depois surgiu a ideia de se criar o Reciclando Sons, já estamos com 18 anos aqui na Estrutural.</p>
02	<p style="text-align: center;">Qual o nome, a tematização, organização interna, funções e número de participantes?</p> <p>Nós trabalhamos com educação musical, atendemos cerca de 150 alunos, temos formação cultural, que é o primeiro contato com a música, nós temos o educacional que é a partir dos 7 aos 16 anos, temos a formação profissionalizante que é dos 16 aos 26 anos e hoje temos o projeto Sabor e Som, que é voltado aos pais. Com o fechamento do lixão, houve uma demanda muito grande de desemprego, então para abrigar esses pais e junto com a comunidade surgiu essa ideia.</p>
03	<p style="text-align: center;">Qual o seu envolvimento com o tema e relação com a associação?</p> <p>Eu estou há 14 anos, eu comecei aqui como aluna, passei por todo o processo de ensino, com canto e instrumentos. Me formei aqui e hoje eu assumo cargo de Diretora Financeira. Eu sou fruto daqui e 90% de todos são, todos os alunos que passaram pelo processo de formação musical, hoje são monitores, instrutores, professores da instituição. Somos 31 pessoas no total, mas são 12 que estão mais engajados, estão aqui todos os dias. A Rejane é a presidente, todos nós que trabalhamos aqui moramos na</p>

	<p>Estrutural, alguns moram próximo daqui, mas já foram residentes da Estrutural.</p>
04	<p style="text-align: center;">Como foi o processo político de construção, sobretudo, nas dificuldades iniciais e nos ganhos iniciais?</p> <p>No início era o local, a gente ficava em uma salinha ao lado do lixão que era um empréstimo de outra instituição, que funcionava uma biblioteca. Além do lugar fixo, a questão financeira. No início eram doadores esporádicos e a questão da sobrevivência era todo dia, a gente lutando e correndo e como ainda é hoje para poder viver e foi 8 anos de espera para conseguir nosso espaço.</p>
05	<p style="text-align: center;">Como se deu a relação com o governo no que concerne o reconhecimento da associação e da estrutural?</p> <p>Nós não temos nenhum vínculo governamental, nós vivemos de doações e parcerias, editais de projetos para conseguir captar recurso para a organização, mas no início foi muito difícil para a gente. Até o ano passado vivemos de aluguel, e só depois de uma campanha conseguimos comprar o espaço. Hoje, nós temos certificado de tecnologia social.</p>
06	<p style="text-align: center;">Como é a articulação com as demais associações? Há pouca articulação e por que não ocorre muito?</p> <p>Estamos um pouco distante das associações, mas quando tem algum movimento, a gente sempre participa. A reunião da REDE nós participamos, mas o que a gente vê hoje, é que as organizações estão muito para si e atrapalha a integração. Muitas vezes, as associações não querem criar vínculo pelo trabalho ser diferente de outras.</p>

07	<p style="text-align: center;">Como se dá o engajamento e a participação das pessoas?</p> <p>As pessoas nos conhecem muito pelas redes sociais, nas apresentações. Aqui na comunidade, é mais o “boca a boca” mesmo, é o vizinho que faz, o colega da escola e as pessoas se interessam. É o contato humano mesmo.</p>
08	<p style="text-align: center;">Como você avalia a condição de diálogo entre as associações e a sociedade em geral/governo?</p> <p>Eu acho que não tem diálogo, mesmo tendo a REDE, falta mais representatividade governamental. Então, na REDE são as associações procurando solução para os problemas existentes que deveriam ser feitos pelo governo, então essa ligação com o governo eu ainda acho muito fraca. E as pessoas vão saindo, vão ficando desmotivadas, por não ter soluções, algumas coisas nosso braço não alcançam.</p>
09	<p style="text-align: center;">Você já viu uma associação “nascer” e “morrer”? Por que você acha que isso acontece</p> <p>Já, eu não lembro o nome, mas isso acontece porque não tem apoio, a maioria que consegue se manter tem apoio do governo, as associações menores que vivem apenas de doação e sem apoio, morrem mesmo. Nós somos um milagre, corremos atrás de ajuda o tempo inteiro para ficar de pé. Corremos atrás de estatuto e CNPJ, porque sem esses documentos também, a instituição acaba morrendo por não está bem estabilizada. Além de que, muitas fecham por problemas internos.</p>

APÊNDICE H – INSTITUTO SUPERAR

ENTREVISTA 8	
01	<p style="text-align: center;">Contornos da Associação – Como surgiu?</p> <p>Somos uma associação sem fins lucrativos, que promove a educação de crianças e adolescentes, moradores de comunidades de baixa renda, por meio de atividades esportivas e pedagógicas. Através dos projetos Lutando pela Inclusão e Educando, atendemos gratuitamente cerca de 40 jovens entre 7 e 17 anos, moradores da Cidade Estrutural/DF. Os alunos têm aulas de Jiu-Jitsu, nas quais são transmitidos diversos princípios e valores importantes na sua formação pessoal, juntamente com aulas de reforço escolar. Iniciamos nossas atividades em 2007, usando as artes marciais como ferramenta para transmitir aos atendidos uma série de valores que são usados no seu dia a dia, tais como: disciplina, autonomia, responsabilidade, auto estima, tolerância à frustração, controle da agressividade, capacidade de interação social e de superação de obstáculos. A partir de 2013, passamos a disponibilizar para os alunos aulas gratuitas de reforço escolar das disciplinas de Português e Matemática. Com o passar do tempo, elaboramos uma metodologia própria de ensino e mudamos a nossa abordagem.</p>
02	<p>Qual o nome, a tematização, organização interna, funções e número de participantes?</p> <p>No total, na equipe são 3 de pessoas, de voluntários são 4, de atendidos são 50 a 60. Os requisitos para serem atendidos são 2: tem que ser morador da estrutural, e estudar em escola pública, ou privada com bolsa, tem que ter de 13 a 17 anos. Tem que fazer o reforço e a aula de jiu jitsu.</p> <p>A gente conseguiu espaço no Centro de Ensino Fundamental 01 da estrutural, consegui tatames e material da empresa de um amigo, como começou a ter</p>

muitas crianças, eu vi que o projeto já estava tendo um grande impacto, resolvi dar um passo adiante e captar recurso de uma rede de doadores de pessoas físicas e a gente passou a alugar um espaço aqui na Estrutural, inicialmente eram 10 a 15 pessoas que doavam de 10 a 20 reais, “amigo do amigo” e dava pra pagar o espaço. Ai meu sócio entrou, começamos a ter uma melhor divulgação, 60 doadores a rede, ai agora alugamos esse atual espaço, a gente paga 1200 reais por mês e o dinheiro vem das doações. Temos esse projeto aqui atualmente e há uns 4 a 5 anos atrás a gente tinha um projeto de reforço escolar, o “educando”, o aluno vinha fazia a aula de jiu jitsu e depois o reforço escolar. Então a gente tem hoje esse dois projetos e em paralelo uma equipe social que acompanha as famílias, é a nossa estrutura.

O processo de gestão, aqui é como a maioria das associações. Na ata de diretoria tem várias pessoas que não participam ativamente, são amigos que colocam o nome ali pra constar um mínimo de participantes. A diretoria são no mínimo duas pessoas e o conselho fiscal são 3, é difícil arrumar 5 pessoas que queiram estar engajadas em atividades sociais, acaba que é só a gente. O nosso conselho fiscal são conhecidos que olham o balancete e está ok, mas não se envolvem diretamente. Quem está de fato aqui, são eu e mais duas pessoas, sendo que uma delas está afastada, mas muitos líderes ficam apenas 1 ou 2 meses e chega uma hora e a pessoa acaba abandonado, é difícil achar alguém que se comprometa mesmo, e assume o compromisso.

É um dos nossos maiores problemas aqui, tanto para administração quanto para o trabalho voluntário. Os que dão aula são todos ex alunos, nós trabalhamos com o com agente multiplicador, formamos os alunos para darem aula também, já são de casa.

03	<p>Qual o seu envolvimento com o tema e relação com a associação?</p> <p>Quando eu vim morar em Brasília, eu vim do Rio de Janeiro, eu sempre tive a ideia de fazer um projeto social, eu dei uma estabilizada na vida profissional, e agora eu tenho tempo, comecei a pesquisar. Fiz uma visita em alguns locais, visitei umas ONG's, eu sempre quis trabalhar com esporte, mas não sabia bem como fazer, e como eu fui faixa preta de Jiu Jitsu na época, eu conheci algumas ONG's que trabalhavam com judô, futebol, comecei com um projeto pequeno na Candangolândia, e depois fundei o Instituto Superar, eu e mais duas pessoas, e com o passar do tempo, fomos vendo que o esporte pode ser usado de várias formas, principalmente duas: uma é o esporte de auto rendimento, é formar o atleta para viver do esporte e a segunda é o esporte como ferramenta de educação: é um meio para educar, formar pessoas para desempenhar bem no mercado de trabalho.</p>
04	<p>Como foi o processo político de construção, sobretudo, nas dificuldades iniciais e nos ganhos iniciais?</p> <p>A maior dificuldade foi da lei de incentivo ao esporte, não conseguimos captar, a gente aprovou o projeto no ministério do esporte para receber doação de empresa, mas não conseguimos. A nossa principal dificuldade mesmo é a captação de recursos. O grande problema é: as ONG's começam por alguma razão voluntária, e o pessoal que se reúne para um determinado foco. A grande questão é que pra toda organização conseguir se sustentar, ela precisa ter duas atividades principais obrigatórias, uma pra essa razão que ela foi criada e outra é para captação de recursos, que como a atividade não gera renda, você precisa de doações, ou de pessoa física, ou de parceria ou de empresas e ninguém se dá conta disso. Geralmente a ONG só se dá conta disso, cinco, seis anos que ela existe ou ela até fecha antes sem se dar conta disso. E demoramos dez anos para entender que precisava de um departamento de captação profissional e hoje temos um captador remunerado que trabalha com a gente e estamos tentando emplacar porque a gente entendeu que além da atividade do jiu jitsu, a gente precisa de uma</p>

	<p>atividade de captação profissional também, então, eu acho que essa é uma das dificuldades da maioria das organizações. É a captação de recurso, é uma que fica reclamando que o Estado não ajuda, que o governo não dá recurso, mas na verdade a organização que tem que se virar sozinha, ela que quis começar e tem que correr atrás de recurso, não dá pra ficar reclamando que a prefeitura não dá. Então tem recurso na área privada, você tem que se virar pra fazer o trabalho. A maioria das organizações não faz isso profissionalmente. Tem ONG que recebe trabalho de político, campanhas, financiam e por isso tem mais recurso.</p>
05	<p style="text-align: center;">Como se deu a relação com o governo no que concerne o reconhecimento da associação e da estrutural?</p> <p>Com o governo não temos, conseguir dinheiro público é bem difícil de conseguir, não temos nada ainda. A gente teve proposta de emenda parlamentar que é o parlamentar que dá o dinheiro, mas não tivemos nenhuma relação política ou partidária, o dinheiro público seria através de editais ou convênios, até hoje não conseguimos. Tentamos com empresas, mas só conseguimos apoio, nosso site é de uma empresa parceira. Os alunos que querem competir profissionalmente são lutadores, temos que conseguir parceria com clubes de luta.</p>
06	<p style="text-align: center;">Como é a articulação com as demais associações? Há pouca articulação e por que não ocorre muito?</p> <p>A equipe social deveria fazer isso, mas ainda não temos. Esse é o problema, falta estruturação mesmo, talvez uma ONG como a nossa, com uma estrutura mais organizada esteja bem a frente das demais, a nossa equipe montando uma rede haverá uma uma integração maior. Acho que falta uma gestão melhor nas ONG's, falta alguém que tenha uma noção de como isso é importante. Porque na verdade, cada um faz um trabalho que se juntasse todas as organizações ia ficar muito mais legal. Muita gente faz a mesma</p>

	<p>coisa em local separado. Eu acho que falta é a gestão profissional, gente pra entender e com iniciativa de querer fazer.</p>
07	<p>Como se dá o engajamento e a participação das pessoas?</p> <p>Em termos de esporte, ficamos bem conhecido, trabalhamos a integração das pessoas, os alunos foram divulgando o trabalho para outros colegas da estrutural, mas não temos integração com CRAS, CREAS e conselho tutelar. Na verdade, se deu como a maioria das organizações, foi acontecendo naturalmente, mas quando tiver uma equipe contratada teremos uma rede de relacionamento com demais organizações da estrutural.</p>
08	<p>Como você avalia a condição de diálogo entre as associações e a sociedade em geral/governo?</p> <p>A grande sensação de trabalho social há 12 anos é que o Governo não ajuda, ele literalmente atrapalha, a sensação é que o governo está indo contra, e talvez esteja mesmo, o recurso está indo para outro lugar e não para as organizações, eu não sei se há um interesse real e voluntário em fazer isso, mas tudo que pode ser atrapalhado é atrapalhado, muito difícil. Acho que entre o diálogo entre associações e sociedade é bom, o pessoal vê que é lugar de confiança, uma troca de experiência, uma forma de acabar com os preconceitos.</p>
09	<p>Você já viu uma associação “nascer” e “morrer”? Por que você acha que isso acontece?</p> <p>Sim, há muita associações, as pessoas estão com mais noção de vivência coletiva, mas pode ser que ainda esteja longe do ideal, que eu vejo, que as vezes é muito complexo, é alguém que queira fazer pelo fazer mesmo, pela essência da comunidade e não por interesses próprios, acho que tem muito interesse político e religioso.</p>

Eu não conheço nenhuma ONG que nasceu e morreu especificamente, mas o que eu percebo é a dificuldade generalizada de gestão e ninguém sabe fazer gestão, não é uma tarefa fácil e principalmente a dificuldade de captação de recurso, é um problema crônico que também é problema de estrutura e organização. Tem gastos, luz, água, este é o grande problemas.

APÊNDICE I – ASSOCIAÇÃO FRANCISCO DE ASSIS

ENTREVISTA 9	
01	<p style="text-align: center;">Contornos da Associação – Como surgiu?</p> <p>A associação surgiu com o Federação Espírita Brasileira, o pessoal veio fazer um estudo, e ai estudando compreendeu que devemos ajudar a humanidade. Aí juntou um grupo de pessoas e viram a necessidade de vir para a Estrutural cumprir a ordem em um lugar bem carente e necessitado e foi assim que começou em 2008. A associação começou debaixo de uma árvore conversando com as famílias para ver a situação. Aí quando a associação começou assim dessa maneira informal, esse terreno aqui era ocupado pelos vicentinos, eles não podiam mais manter o trabalho aqui, então eles perguntaram para um dos fundadores, ele aceitou e viemos para cá.</p>
02	<p>Tematização, organização interna, funções e número de participantes?</p> <p>Somos 60 a 80 voluntários, tem a diretoria que lidera, eu sou o presidente e tem meus diretores. O pessoal é bem comprometido ao trabalho, é fácil de liderar. O processo de eleição é cada dois anos.</p>
03	<p>Qual o seu envolvimento com o tema e relação com a associação?</p> <p>Eu sou presidente e junto com os diretores, lidamos todos os dias com as demandas da associação, estamos sempre presente nas atividades e acompanhando as famílias.</p>

04	<p style="text-align: center;">Como foi o processo político de construção, sobretudo, nas dificuldades iniciais e nos ganhos iniciais?</p> <p>a questão do espaço mesmo, mesmo que seja aluguel, é o que conseguimos estabilizar</p>
05	<p style="text-align: center;">Como se deu a relação com o governo no que concerne o reconhecimento da associação e da estrutural?</p> <p>Não temos nenhum tipo de relação com o governo e nem recebemos nada, só o andamento do terreno e a gente não consegue formalizar porque não temos escritura e nem alvará. Nosso trabalho é totalmente voluntário, os espíritas, eles fazem as casas por duas razões: para estudo e caridade. E a nossa é para isso, viemos para estudar com eles e ajudar. Só que no final das contas, essa ajuda é mais importante para nós do que para eles. o recurso vem de doações e fazemos eventos todos os anos que ajudam também. A nossa associação é aberta, não necessariamente precisam ser espíritas.</p>
06	<p style="text-align: center;">Como é a articulação com as demais associações? Há pouca articulação e por que não ocorre muito?</p> <p>A gente está sempre com a Safra e com o Semeador que são as mais próximas daqui e algumas associações da Santa Luzia que fazemos algumas doações, e as outras instituições daqui, a REDE, a gente tá sempre atento, recebemos informações e passamos para o nosso público, mas nada mais do que isso, mas eles fazem reuniões em certos horários que o pessoal não tá disponível, a gente até queria participar mais, no entanto, às vezes não dá, somos voluntários e sempre estamos tendo trabalho por aqui, mas sempre quando outras associações nos procuram, nós procuramos ajudar e atender. E acho que às vezes falta comunicação entre as associações, impossibilitando a articulação.</p>

07	<p style="text-align: center;">Como se dá o engajamento e a participação das pessoas?</p> <p>Nós circulamos pela cidade, as pessoas também chegam até, nós, sempre fazemos um cine debate, pessoas chegam até nós através disso. Colegas que frequentam outras casas espíritas, elas vêm para cá para conhecer e assim a gente vai chegando nas pessoas.</p>
08	<p style="text-align: center;">Como você avalia a condição de diálogo entre as associações e a sociedade em geral/governo?</p> <p>Ah, eu acho que a população conhece sim e tem acesso as associações, agora eles não conseguem utilizar por causa do flagelo mora. Eles precisam evoluir sobre isso moralmente, consigo, com outro e com o mundo. O diálogo com o governo é complicado porque as associações não consegue formalizar, não conseguem o reconhecimento jurídico.</p>
09	<p style="text-align: center;">Você já viu uma associação “nascer” e “morrer”? Por que você acha que isso acontece</p> <p>Não conheço muitas especificamente, mas acho que o motivo mais recorrente de uma associação morrer seja a falta de recursos que acaba sendo um fator desestimulante</p>

APÊNDICE J - ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO SCIA E DA ESTRUTURAL

ENTREVISTA 10	
01	<p style="text-align: center;">Trajetória do Administrador</p> <p>Eu sou policial militar de carreira, até ano passado eu estava no batalhão de choque por conta da minha função, eu fui convidado para ir para a segurança do pessoal do governador e até então eu estava no início do ano lá. O Germano que era o Administrador da cidade não estava dando conta, a cidade ainda é muito politizada com muitos grupos políticos. Então o povo não respeita muito quem é da cidade assim, nessa situação, os grupos se blindam, “ah, se eu estuo no meu grupo, eu posso, eu converso, aí do outro grupo eu já me afasto”. Então o pessoal queria alguém neutro para estar aqui dentro, e por ser uma cidade que tem muita criminalidade, a gente está com alto nível criminal e por eu ter proximidade com a polícia, acho que me escolheram pra vir pra cá. E ser neutro, eu não estou em nenhum desses grupos, e por ser uma pessoa mais técnica, como oficial da polícia, eu fui formado para administrar a polícia, a coisa pública, o que não é diferente do que a gente faz na administração.</p>
02	<p style="text-align: center;">Como o senhor vê hoje, o tema das organizações sociais?</p> <p>Eu vejo que tem muita gente disposta a ajudar, outros não. Outros a gente vê que é só para estar inserido em grupo, em política, eu não entendo essa lógica. Eu acho que a cidade cresceu de uma briga política, da época das primeiras lideranças “de vir aqui e tomar e agora isso é nosso, estamos cansados de pagar aluguel” e eu acho que essa cultura cresceu com a cidade, então por isso a criação desses grupos, deles querem estar ali, estarem sempre participando, eu acho positivo. Tem hora que eles atrapalham, principalmente em relação ao pessoal da cidade, “como ele é morador, conhece as pessoas da cidade”, talvez ele se sinta intimidado e desagradar</p>

um ou outro porque é impossível na administração pública agradar todo mundo, não tem como. Então é bom, é desafiador. Estamos o tempo inteiro sendo instigados, suga a gente inclusive, eu tenho trabalhado bastante aqui. É bom, mas tem hora que tudo está andando e fica o ruído ruim. A coisa do brasileiro de falar do que está ruim e não do que está bom. Eu acho que em 40 dias, a gente já fez bastante coisa por essa cidade, eu já tenho certeza que a gente já mudou a cara dela. O grupo desagradado não olha para isso, só olha para o que está desagradando eles.

Essa cidade é muito carente de Estado, é uma cidade que necessita muito do Estado presente, eu fiz uma pesquisa ainda pouco da CODHAB e 40% das pessoas estão desempregadas, 70% recebe benefício. Então essa cidade não tem creche particular, até tem, mas é baratinha. Então eu costumo fazer, quando qualquer pessoa chega com um projeto ou com alguma coisa, eu falo para essa pessoa: para essa cidade tudo é bom. A gente só não pode abraçar tudo porque não tem dinheiro para bancar tudo, o que eu tenho falado sempre, é para gente abrir um programa de voluntários, visto que já temos muitos. Isso me despertou, tudo que vem aqui, não só de organização civil, mas do Estado também, CREAS, CRAS, conselhos, assistência social, tudo tem que ser bem estruturado porque essa cidade precisa demais do Estado ainda.

03

Quais os principais desafios e problemas?

Ah... não sei. Administrar uma cidade é um desafio muito grande. A gente tem áreas que poderia colocar uma escola, por exemplo, a área já está ocupada com ocupação irregular e aí a gente tem que desocupar. E depois que desocupa esse povo, tem que ter um lugar para colocar. Tudo aqui é um grande desafio, nada aqui é muito simples. A pessoa precisa de água e energia que é uma coisa básica, mas mora é uma situação toda irregular, não tem como nem colocar o endereço, não tem projeto definido. Te áreas aqui, como a Santa Luzia, eles não podem nem tá lá, eles estão em uma área de relevante interesse ambiental. A cidade em si é desafiadora.

04	<p>Como o senhor vê a anterior relação da administração central com as associações e movimentos de moradores? E como o senhor deseja fazer agora?</p> <p>Eu não tive contato nenhum com a administração anterior, eu nem conheço o administrador anterior, então assim eu não tenho muito o que falar, mas o que eu tenho feito e tentar trazer esse povo aqui para dentro e o que a gente pode ajudar e fomentar, a gente tem feito, por exemplo, a gente tem o Instituto Bom Samaritano que eles estão querendo usar o galpão de catadores para cuidar de crianças. Então estamos tentando pegar uma emenda parlamentar para reformar esse projeto. Tem o Ajax que cuida do projeto de futebol, então estou correndo atrás de uma área para passar pra eles, pro projeto acontecer. Na verdade, o que eu tenho feito é tentar trazer o povo. Quem tem mostrado algum tipo de projeto que é interessante para cidade, o que eu tenho feito é isso, usado a administração como interlocutor da sociedade com o governo e o âmbito privado para ajudar.</p> <p>Também tem muita gente que chega aqui dizendo que tem um projeto disso, um projeto daquilo e não apresenta nada que você vê que não tem impacto para acrescentar em nada, do grupos antagônicos que a gente vê, só vem para atrapalhar, mas tem muita gente disposta, temos pessoas que mesmo de folga utiliza todo para fazer ação social na cidade, a gente apoia. A partir do momento que existem pessoas que ajudam o idoso, a criança a não ficara na rua, ela está ajudando a cidade como um todo.</p>
05	<p>Nesses 40 dias que o senhor esteve por aqui, o senhor teve contato com alguma associação?</p> <p>Conheço alguns, a do Bom Samaritano. É que muitos se apresentam como associação dos comerciantes, ai tem por setores, do centro, mas geralmente elas não tem nome, a liderança do setor oeste, tem a liderança da quadra 12, a liderança da Santa Luzia, a liderança dos oficinairos, e assim a gente vai</p>

	<p>indo, conversando com um e outro e tentando aproximar essas pessoas para cá.</p>
06	<p>Dessas o senhor considera uma mais importante que a outra ou de maior relevância?</p> <p>Não, é como eu falei, tudo pra essa cidade é bom, o que for pro crescimento e para cuidar da cidade. Essa cidade é muito carente, quando você pega uma amostra de 500 pessoas e 40% diz que não tem emprego, tudo que vem é bom. Então se tiver qualquer projeto que cuide de 5 pessoas de uma esquina, já é interessante.</p>
07	<p>Como o senhor avalia a condição de diálogo entre sociedade, associação e governo?</p> <p>Aqui é linha direta, eles estão todo dia aqui dentro. Aqui o diálogo é contínuo, até porque não tem como a gente cuidar da cidade sem ouvir esse povo, aqui é impossível, tem que ouvir as pessoas todo dia. Há dois dias, eu devo ter recebido em torno de 200 mensagens a respeito do lixo, que estava sem coleta e descobri que era na cidade inteira, fui parar na presidência do SLU para poder fazer um mutirão semana que vem. Aqui é assim, direto. Aqui na administração, tem um ponto pra tudo até porque tem muita gente não alfabetizada, então, o ponto seguro dele é administração, então eles vem aqui para arrumar conta de água, temos que levar a pessoa em tal lugar, a pessoa precisa regularizar a casa, a gente tem que ligar pra CODHAB para receber a pessoa.</p> <p>As associações daqui é cada uma no seu quadrado, não sei porque isso, mas assim a gente não vê muito as associações se comunicando. Tem um garoto que faz um trabalho no setor oeste, eu falei pra ele “vamos cuidar aqui dos idosos” ai ele disse: “ai não é meu grupo, meu grupo é o setor oeste”. A gente ampliou a possibilidade dele ajudar mais ele falou que o compromisso dele é com o pessoal do setor oeste. Fica essa divisão de bairros, não se</p>

	<p>conversam. A minha visão disso é que pela cidade ser tão carente, fica aquilo “farinha pouca, meu pirão primeiro”, para não ter que dividir o apoio com o outro, e o que tem já não dá. O que atrapalha na cidade são as ditas lideranças, que não tem representatividade, só querem um cargo, não tem competência. A gente precisa de gente para cuidar da cidade essas lideranças atrapalham isso, tem muita gente enciumada com isso. Na pesquisa que fizemos, 67% não conhece as lideranças da cidade ou não se vê representado por elas.</p>
08	<p>O senhor falou sobre grupos antagônicos que atrapalham. Que grupos são esses?</p> <p>São as pessoas que se alimentam do ruim, de notícia ruim, tem muita coisa boa acontecendo na cidade, recebo vídeos, o pessoal agradecendo. Não que não seja nossa obrigação, mas assim, as pessoas agradecem tanto o que a gente tá fazendo que a imagem que eu tenho é que não tinha muita coisa sendo feita antes, estamos recebendo bastante elogio. Aí tem gente que se apega a “o posto de segurança que saiu da frente”, são coisas que não são competência nossa. É a pessoa que vê sempre o copo meio vazio, eu estou vendo sempre o copo meio cheio. Acho que por isso essa minha empolgação de trabalhar e fazer as coisas aqui.</p>

09

O que o senhor espera até o final da gestão?

Eu espero dar uma boa arrumada nessa cidade, eu tenho um sonho de construir um colégio aqui, há uma grande necessidade de escolas aqui, se a gente conseguir colocar um aqui até o final, eu saio daqui realizado. Conseguir reformar as quadras, dá um pouco mais de dignidade para esse povo da Santa Luzia, arrumar o SCIA também. A minha realização é arrumar essa cidade, que tem carência de tudo, saúde, educação, segurança, mas o grande sonho é o colégio, espero que dê certo.

E assim, eu como administrador da cidade, eu sou representante do governador aqui dentro. Então, eu tento ouvir a todos e procurado solução, quem tem vindo aqui eu tenho tentado ouvir, dá para estimular sim, dá para fazer coisas boas. Essas associações maiores não me procuram, porque já estão consolidadas, tem apoio, agora as associações menores, como a Bom Samaritano são aquelas que realmente precisam de apoio. Tem associação aqui que se doam realmente, e a gente precisa fazer algo por elas. Eu que durante o dia estou aqui e a noite na rua vendo o que precisa ser feito, procurando emprego para esse povo, peço ajuda para cidade, é um desafio. Estamos apagando fogo todos os dias, é até difícil se planejar, porque é uma cidade que nasceu do caos. E assim, eu sempre fui policial de rua, sempre tive contato com esse meio, eu fui criado na Ceilândia, onde morei 20 anos, é uma comunidade carente. Eu tenho um pouco dessa realidade de viver e conhecer e por ser policial. Porque às vezes as pessoas tem a imagem de que o policial é horrível, mas às vezes fazemos coisas que não aparece nas mídias. No bairro Santa Luzia eu não tinha entrado ainda, eu não tinha noção do que era, me impactou bastante.

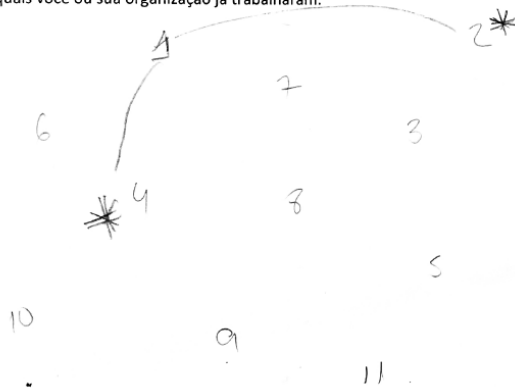
APÊNDICE K

Associações mãos que criam

Este instrumento compõe a pesquisa para a elaboração do trabalho de conclusão de curso da graduação de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília, cursado pela aluna Grazielly Conceição Lima. O formulário visa mapear as associações da Estrutural. Sua contribuição será muito importante para este estudo.

Caso deseje receber os resultados, informe aqui o seu e-mail: _____ Agradecemos sua participação!

- Distribua no espaço abaixo as organizações da sociedade civil que estão presentes na Estrutural, colocando mais próximas as organizações que você percebe que possuem afinidade ou articulação, e mais distantes, as que não costumam se agrupar. Você pode organizá-las também em desenhos que represente grande ou pequenos grupos ou blocos. Para facilitar, pode usar o número ou siglas. Caso você conheça e deseje, pode aumentar a nossa listinha!
- Depois de distribuí-las, circule agrupando as entidades que você identifica que costumam atuar juntas e faça um asterisco naquelas com as quais você ou sua organização já trabalharam.



Associações da Cidade Estrutural

1. Associação Mãos que Criam
2. Associação Viver
3. Semeando a Esperança
4. Coletivo Cidade
5. Reciclando Sons
6. Instituto Superar
7. MECE – Movimento de Educação e Cultura da Estrutural
8. Associação Francisco de Assis
9. Associação Alecrim
10. São José Operário
11. Sonhos de Liberdade
- 12.
- 13.

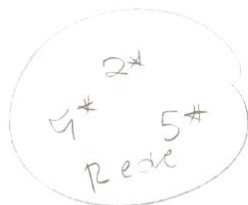
APÊNDICE L

Associação Viver

Este instrumento compõe a pesquisa para a elaboração do trabalho de conclusão de curso da graduação de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília, cursado pela aluna Grazielly Conceição Lima. O formulário visa mapear as associações da Estrutural. Sua contribuição será muito importante para este estudo.

Caso deseje receber os resultados, informe aqui o seu e-mail: _____ Agradecemos sua participação!

- Distribua no espaço abaixo as organizações da sociedade civil que estão presentes na Estrutural, colocando mais próximas as organizações que você percebe que possuem afinidade ou articulação, e mais distantes, as que não costumam se agrupar. Você pode organizá-las também em desenhos que represente grande ou pequenos grupos ou blocos. Para facilitar, pode usar o número ou siglas. Caso você conheça e deseje, pode aumentar a nossa listinha!
- Depois de distribuí-las, circule agrupando as entidades que você identifica que costumam atuar juntas e faça um asterisco naquelas com as quais você ou sua organização já trabalharam.



Associações da Cidade Estrutural

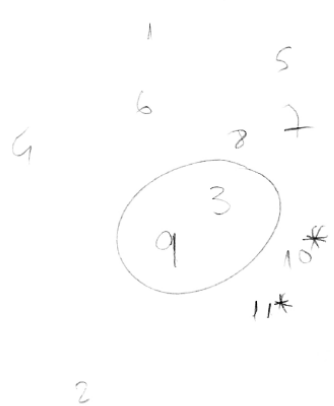
1. Associação Mãos que Criam
2. Associação Viver
3. Semeando a Esperança
4. Coletivo Cidade
5. Reciclando Sons
6. Instituto Superar
7. MECE – Movimento de Educação e Cultura da Estrutural
8. Associação Francisco de Assis
9. Associação Alecrim
10. São José Operário
11. Sonhos de Liberdade
- 12.
- 13.

APÊNDICE M

Associação Alecrim

Este instrumento compõe a pesquisa para a elaboração do trabalho de conclusão de curso da graduação de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília, cursado pela aluna Grazielly Conceição Lima. O formulário visa mapear as associações da Estrutural. Sua contribuição será muito importante para este estudo.

Caso deseje receber os resultados, informe aqui o seu e-mail: _____ Agradecemos sua participação!

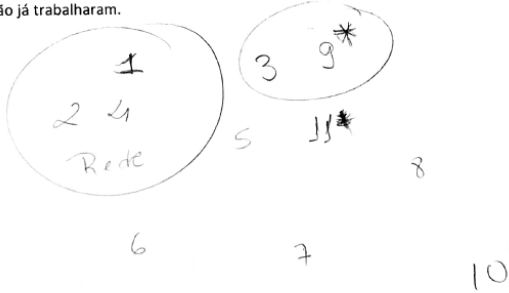
<ul style="list-style-type: none"> Distribua no espaço abaixo as organizações da sociedade civil que estão presentes na Estrutural, colocando mais próximas as organizações que você percebe que possuem afinidade ou articulação, e mais distantes, as que não costumam se agrupar. Você pode organizá-las também em desenhos que represente grande ou pequenos grupos ou blocos. Para facilitar, pode usar o número ou siglas. Caso você conheça e deseje, pode aumentar a nossa listinha! Depois de distribuí-las, circule agrupando as entidades que você identifica que costumam atuar juntas e faça um asterisco naquelas com as quais você ou sua organização já trabalharam. 	<p>Associações da Cidade Estrutural</p> <ol style="list-style-type: none"> Associação Mãos que Criam Associação Viver Semeando a Esperança ✓ Coletivo Cidade Reciclando Sons Instituto Superar MECE – Movimento de Educação e Cultura da Estrutural Associação Francisco de Assis Associação Alecrim ✓ São José Operário ✓ Sonhos de Liberdade
--	---

APÊNDICE N

Semeando a Esperança

Este instrumento compõe a pesquisa para a elaboração do trabalho de conclusão de curso da graduação de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília, cursado pela aluna Grazielly Conceição Lima. O formulário visa mapear as associações da Estrutural. Sua contribuição será muito importante para este estudo.

Caso deseje receber os resultados, informe aqui o seu e-mail: _____ Agradecemos sua participação!

<ul style="list-style-type: none"> Distribua no espaço abaixo as organizações da sociedade civil que estão presentes na Estrutural, colocando mais próximas as organizações que você percebe que possuem afinidade ou articulação, e mais distantes, as que não costumam se agrupar. Você pode organizá-las também em desenhos que represente grande ou pequenos grupos ou blocos. Para facilitar, pode usar o número ou siglas. Caso você conheça e deseje, pode aumentar a nossa listinha! Depois de distribuí-las, circule agrupando as entidades que você identifica que costumam atuar juntas e faça um asterisco naquelas com as quais você ou sua organização já trabalharam. 	<p>Associações da Cidade Estrutural</p> <ol style="list-style-type: none"> Associação Mãos que Criam Associação Viver Semeando a Esperança Coletivo Cidade Reciclando Sons Instituto Superar MECE – Movimento de Educação e Cultura da Estrutural Associação Francisco de Assis Associação Alecrim São José Operário Sonhos de Liberdade
--	---

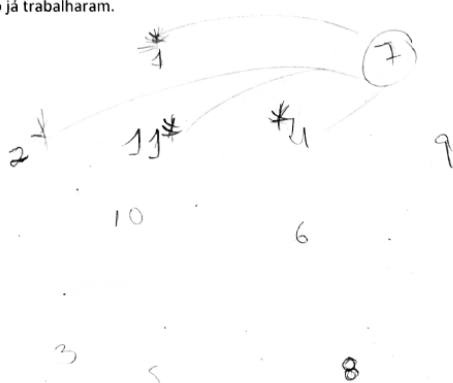
APÊNDICE O

Movimento de Educação e Cultura (Ponto de memória)

Este instrumento compõe a pesquisa para a elaboração do trabalho de conclusão de curso da graduação de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília, cursado pela aluna Grazielly Conceição Lima. O formulário visa mapear as associações da Estrutural. Sua contribuição será muito importante para este estudo.

Caso deseje receber os resultados, informe aqui o seu e-mail: _____ Agradecemos sua participação!

- Distribua no espaço abaixo as organizações da sociedade civil que estão presentes na Estrutural, colocando mais próximas as organizações que você percebe que possuem afinidade ou articulação, e mais distantes, as que não costumam se agrupar. Você pode organizá-las também em desenhos que represente grande ou pequenos grupos ou blocos. Para facilitar, pode usar o número ou siglas. Caso você conheça e deseje, pode aumentar a nossa listinha!
- Depois de distribuí-las, circule agrupando as entidades que você identifica que costumam atuar juntas e faça um asterisco naquelas com as quais você ou sua organização já trabalharam.



Associações da Cidade Estrutural

1. Associação Mãos que Criam
2. Associação Viver
3. Semeando a Esperança
4. Coletivo Cidade
5. Reciclando Sons
6. Instituto Superar
7. MECE – Movimento de Educação e Cultura da Estrutural
8. Associação Francisco de Assis
9. Associação Alecrim
10. São José Operário
11. Sonhos de Liberdade
- 12.
- 13.

APÊNDICE P

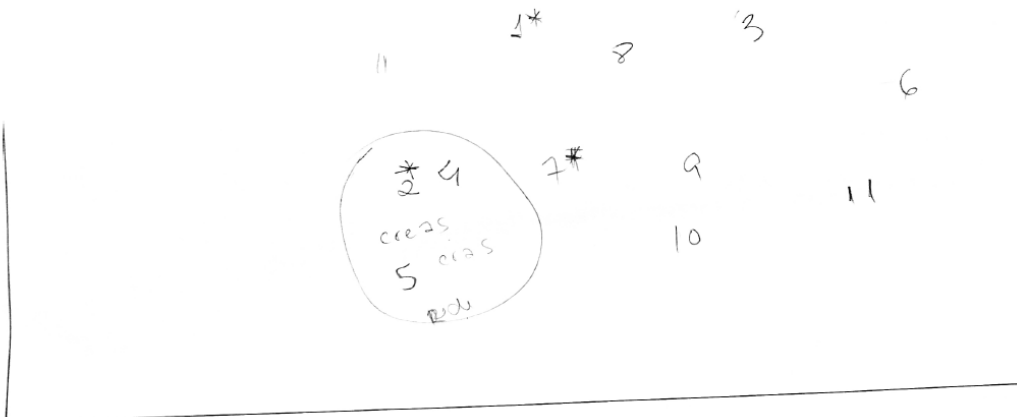
Sociedade Cidadã

Este instrumento compõe a pesquisa para a elaboração do trabalho de conclusão de curso da graduação de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília, cursado pela aluna Grazielly Conceição Lima. O formulário visa mapear as associações da Estrutural. Sua contribuição será muito importante para este estudo.

Se deseje receber os resultados, informe aqui o seu e-mail: _____ Agradecemos sua participação!

- Distribua no espaço abaixo as organizações da sociedade civil que estão presentes na Estrutural, colocando mais próximas as organizações que você percebe que possuem afinidade ou articulação, e mais distantes, as que não costumam se agrupar. Você pode organizá-las também em desenhos que represente grande ou pequenos grupos ou blocos. Para facilitar, pode usar o número ou siglas. Caso você conheça e deseje, pode aumentar a nossa listinha!
- Depois de distribuí-las, circule agrupando as entidades que você identifica que costumam atuar juntas e faça um asterisco naquelas com as quais você ou sua organização já trabalharam.

- Associações da Cidade Estrutural
1. Associação Mãos que Criam
 2. Associação Viver
 3. Semeando a Esperança
 4. Coletivo Cidade
 5. Reciclando Sons
 6. Instituto Superar
 7. MECE – Movimento de Educação e Cultura da Estrutural
 8. Associação Francisco de Assis
 9. Associação Alecrim
 10. São José Operário
 11. Sonhos de Liberdade
 - 12.
 - 13.




APÊNDICE Q

Reciclando Sons

Este instrumento compõe a pesquisa para a elaboração do trabalho de conclusão de curso da graduação de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília, cursado pela aluna Grazielly Conceição Lima. O formulário visa mapear as associações da Estrutural. Sua contribuição será muito importante para este estudo.

Caso deseje receber os resultados, informe aqui o seu e-mail: _____ Agradecemos sua participação!

<ul style="list-style-type: none"> Distribua no espaço abaixo as organizações da sociedade civil que estão presentes na Estrutural, colocando mais próximas as organizações que você percebe que possuem afinidade ou articulação, e mais distantes, as que não costumam se agrupar. Você pode organizá-las também em desenhos que represente grande ou pequenos grupos ou blocos. Para facilitar, pode usar o número ou siglas. Caso você conheça e deseje, pode aumentar a nossa listinha! Depois de distribuí-las, circule agrupando as entidades que você identifica que costumam atuar juntas e faça um asterisco naquelas com as quais você ou sua organização já trabalharam. 	<p>Associações da Cidade Estrutural</p> <ol style="list-style-type: none"> Associação Mãos que Criam Associação Viver Semeando a Esperança Coletivo Cidade Reciclando Sons Instituto Superar MECE – Movimento de Educação e Cultura da Estrutural Associação Francisco de Assis Associação Alecrim São José Operário Sonhos de Liberdade
--	---

APÊNDICE R

Instituto Superior

Este instrumento compõe a pesquisa para a elaboração do trabalho de conclusão de curso da graduação de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília, cursado pela aluna Grazielly Conceição Lima. O formulário visa mapear as associações da Estrutural. Sua contribuição será muito importante para este estudo.

Caso deseje receber os resultados, informe aqui o seu e-mail: _____ Agradecemos sua participação!


<ul style="list-style-type: none"> Distribua no espaço abaixo as organizações da sociedade civil que estão presentes na Estrutural, colocando mais próximas as organizações que você percebe que possuem afinidade ou articulação, e mais distantes, as que não costumam se agrupar. Você pode organizá-las também em desenhos que represente grande ou pequenos grupos ou blocos. Para facilitar, pode usar o número ou siglas. Caso você conheça e deseje, pode aumentar a nossa listinha! Depois de distribuí-las, circule agrupando as entidades que você identifica que costumam atuar juntas e faça um asterisco naquelas com as quais você ou sua organização já trabalharam. <p style="text-align: center;"> </p>	<p>Associações da Cidade Estrutural</p> <ol style="list-style-type: none"> Associação Mãos que Criam Associação Viver Semeando a Esperança Coletivo Cidade Reciclando Sons Instituto Superior MECE – Movimento de Educação e Cultura da Estrutural Associação Francisco de Assis Associação Alecrim São José Operário Sonhos de Liberdade Ingresso na Estrutural Bicommunidade Estrutural
---	--

APÊNDICE S

Associação Francisco de Assis

Este instrumento compõe a pesquisa para a elaboração do trabalho de conclusão de curso da graduação de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília, cursado pela aluna Grazielly Conceição Lima. O formulário visa mapear as associações da Estrutural. Sua contribuição será muito importante para este estudo.

Caso deseje receber os resultados, informe aqui o seu e-mail: _____ Agradecemos sua participação!

<ul style="list-style-type: none"> Distribua no espaço abaixo as organizações da sociedade civil que estão presentes na Estrutural, colocando mais próximas as organizações que você percebe que possuem afinidade ou articulação, e mais distantes, as que não costumam se agrupar. Você pode organizá-las também em desenhos que represente grande ou pequenos grupos ou blocos. Para facilitar, pode usar o número ou siglas. Caso você conheça e deseje, pode aumentar a nossa listinha! Depois de distribuí-las, circule agrupando as entidades que você identifica que costumam atuar juntas e faça um asterisco naquelas com as quais você ou sua organização já trabalharam. 	<p>Associações da Cidade Estrutural</p> <ol style="list-style-type: none"> Associação Mãos que Criam Associação Viver Semeando a Esperança Coletivo Cidade Reciclando Sons Instituto Superar MECE – Movimento de Educação e Cultura da Estrutural Associação Francisco de Assis Associação Alecrim São José Operário Sonhos de Liberdade SFR SEMEADOR
--	--